PORTO ALEGRE, ANO IV, Nº 40 — Cr$ 20,00 ABRIL DE 1979

# cooJORNAL

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

BIBLIOTECA CENTRAL DOS ESTUDANTES
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
D.C.E. - U.F.V.

## A filha do general Mourão também tem suas memórias:

# "Meu pai ficaria escandalizado!"


Baru Derkin

# PEDRO SEELIG, UM DELEGADO ACIMA DA LEI?

**Por causa do seqüestro dos uruguaios ele foi afastado do DOPS. Mas diz: "Nao tenho medo de nada"**

# coojornal

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

Este jornal, criado em 15 de novembro de 1975, pertence à primeira Cooperativa, de jornalistas do Brasil, a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda., fundada em 24 de agosto de 1974. A COOJORNAL tem 310 sócios. É uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em assembléia geral. Cada associado, independente de sua participação em capital, tem os mesmos direitos nas decisões de assembléia. Além da diretoria, a COOJORNAL tem um Conselho Editorial para orientar a linha e a qualidade de suas publicações próprias e de 15 outras publicações que faz para terceiros.

**Editor**
Elmar Bones da Costa

**Secretário**
Osmar Trindade

**Redação**
Baru Derquin, Elaine Lerner, Jorge Gallina, José Antônio Vieira, Lenora Vargas, Lilian Bem David, Marco Antonio Schuster, Maria Angélica de Moraes, Marina Wodke, Maurecy Santos, Najar Tubino, Rafael Guimarães, Rosvita Saueressig, Sílvio Correa, Tânia Kruttscka, Tomás Pereira, Waldoar Teixeira (**repórteres, fotógrafos e editores**), Edgar Vasques, Juvenal da Luz, Luiz Carlos Ferré, Sérgio Batsow (**Arte**), Luiz Recena Grassi (**Brasília**), Gilberto Pauletti (**Rio**), Geraldo Hasse, Jorge Escosteguy (**São Paulo**), Gleizer Neves (**Belo Horizonte**), José Maria de Andrade (**Recife**), Paolo Marconi (**Salvador**), Luiz Lanzetta (**Florianópolis**), Zélia Leal (**França**), Eva Dürr (**Alemanha**), Moema Bauer (**México**), Licínio Azevedo (**Moçambique**), Caco Barcelos (**Nova Iorque**).

**Industrial**
Francisco Alba (**coordenador**), Lindomar da Silva, Sílvia Berni, Edison Ubiratan Trindade, Maria de L. B. Lima (**revisão**), Carlos Milton Rios (**produção**), Júlio Ferrari, Atil Vineton, (**fotolito**), Paulo Sá, Ivan Carlos Franco, Hélio Pinho, Júlio César Martins (**fotocomposição**), Luiz Augusto de Oliveira, Luiz Gustavo Machado, Léo Roberto dos Santos (**montagem**).

**Comercial**
Ênio Lindenbaum, Francisco Kleber Bressani

**Circulação e Assinaturas**
Renan Carvalho Rodrigues

**Números atrasados**
À venda somente a partir da edição nº 13. Custo de cada exemplar: preço da última edição na banca. Pedidos devem ser acompanhados do respectivo valor, em cheque ou vale postal em nome de COOJORNAL

**Endereço**
Rua Comendador Coruja, 372
CEP 90.000 — Porto Alegre — RS
Fones 218984 e 240951 — Telex (051) 1605
**Registro** nº 33170/Livro A 1
**Impressão: Diário de Notícias**
**COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE LTDA.**
**ASSOCIADOS:** José Antônio Vieira da Cunha (**Presidente**), Tomás Pereira (**Vice-Presidente**), Rosvita Saueressig (**Secretária**), Affonso Ritter, João Souza, Jorge Polydoro, Osmar Trindade, Pedro Maciel, Baru Derquin, Jorge Gallina, José Emanuel de Mattos, Ricardo Chaves e Sérgio Batsow (**Conselheiros de Administração**), Antônio Oliveira, Agnese Schiffino, Danilo Ucha, Hermelindo Macedo, Luiz Vitello e Regina Vasques (**Conselheiros Fiscais**), Assis Hoffmann, Elmar Bones, Hélio Gama, João Aveline, Luiz Carlos Merten, Carlos Bastos, Jorge Olavo Leite, Guaraci Fraga, Luiz Cláudio Cunha e Paulo Burd (**Conselheiros de Edição**), Adélia Porto da Silva, Ademar Vargas, Ângela Beatriz Riccordi, Antônio Britto, Antônio Dreon, Arthur Monteiro, Carlos Alberto Kolecza, Carlos Urbim, Carlos Mosmann, Celso Rosa, Claiton Selistre, Clarice Aquistapace, Cláudio Barcelos, Delmar Marques, Fernando Albrecht, Edgar Vasques, Erni Quaresma, Euclides Torres, Floriano Soares, Gládis Ybarra, Imara Stallbaum, Jandira César, José Antônio Ribeiro, José Félix Valente, Julieta Pereira, Leo Tavejnhansky, Licínio de Azevedo, Luiz Terra Júnior, Luiz Fonseca, Maria Angélica de Moraes, Marina Wodtke, Mário Marcos de Souza, Marques Leonam, Nirce Levin, Otacílio Grivot, Paulo de Tarso Riccordi, Paulo Gerson de Oliveira, Renato Pinto da Silva, Sérgio Moita, Silmar Müller, Walter Molina, Clóvis Malta, Omar de Barros Fº, João Carlos F. da Silva, Lenora Vargas, Leonid Streliaev, Divino Fonseca, João B. Scalco, Eva Caparelli, Maristela Bairros, Telmo Zanini, Iara Bendati, Afonso Licks, Carlos Rodrigues, Victor Hugo Sperb, Jaime Klintowitz, Silvio Ferreira, Ana Amélia de Lemos, José Onofre, Alberto André, Alberto Blum, Flávio Dutra, Jorge Freitas, Renan de Oliveira, Antônio Gonzalez, Mário Villas-Boas da Rocha, Dorival Pacheco, José Lauro Dieckmann, Gerson Schirmer, Rejane Baeta, Fernando Goulart, Gomercindo Coutinho, Carlos Salzano, Laila Pinheiro, Marinória Schilling, Geraldo Hasse, Gilberto Pauletti, Jorge Escosteguy, Luiz Oscar Matzenbacher, Olyr Zavaschi, Ademir Fontoura, Flávio Porcello, Virson Holderbaum, Carlos Fehlberg, Jussara Pereira Coelho, Paulo Maciel, Luiz Afonso Franz, André Pereira, Eugênio Bortolon, Mário Madureira, Roberto Manera, Cláudio Levitan, José Antônio Simch, Maria da Graça Guindani, Sérgio Caparelli, Lauro Quadros, Marcelo Oscar Lopes, Maria Inês Burger, José A. Pinheiro Machado, Olivio Lamas, Silvia Costa, Judith Martins Costa, Sérgio Toniello, José Abu-Jamra, Sérgio Becker, Francisco Dias Lopes, Lilian Bem David, Nilson Figueiredo, Roberto Alves D'Azevedo, José Erasmo Nascentes, Beatriz Polydoro, Hipólito Pereira, Fernando Bueno, Edgar Lisboa, Antônio Carlos Mafalda, Carlos Karnas, Valdir Paz, Sérgio Arnoud, Ivan Pinheiro Machado, Maroni Joaci da Silva, Vera Regina Monteiro, Amauri Melo, Paulo Macedo, Marco Antônio Schuster, Neuza Tasca, Otília Goulart, Roberto Appel, Ivo Egon Stigger, Elaine Lerner, Alda Souza, Carla Irigaray, Tânia Barros, Tania Faillace, Paulo Denis Pereira, Ayrton Kanitz, Pedro Macedo, Terezinha Figueredo, Iaraporan Müller, Zélia Leal, Luiz Arteche, Neusa Ribeiro, Marcos Antônio Baggio, Edna Della Nina, Armindo Antônio Ranzolin, Vilmo Medeiros, Paulo Poli, André Jockyman, Jayme Copstein, Raul Rubenich, Citina Leal, Leonardo Dourado, Edson Gomes Chaves, João Paulo Lacerda, Luiz Fernando Lima da Silva, Verlaine Silveira, Adroaldo Correa, Vera Daisy Barcelos, Maria da Graça Seligman, Humberto Andreatta, Ronaldo Westermann, Luiz Carlos Mello, Alfonso Abraham, Wladimir Ungaretti, Danilo Miralles, Gabriel Matias, José Luiz Chiarelli, Fernando Dibe Pinto, Floriano Correa, Milton Saldanha Machado, Miriam Tereza Moura, Paulo Fogaça, Severino Goes, Fernando Guedes, Neltair Abreu, Maria da Graça Silva, Walmaro Paz, Milton Fernando Wels, Maria Helena Brancher, Maria Luisa Teixeira, Júlio Sortica, Ana Maria Lopes de Almeida, Edson Luiz Kozminski, Najar Tubino, Marise Fetter, Luiz Antônio Kozminski, Jurandir Silveira, Alfredo Fedrizzi, Carlos Dorneles, Ricardo Schimitt, Carmen Laviaguerra Silveira, Nelson Baibich, Francisco Daniel Silva, Orlando Carlos Brasil, Vera Costa, Juarez Fonseca, Maria Eloir da Silveira, Renato Kern, Vera Kern, Valmório Oliveira Rios, Evaldo José Gonçalves, Helton Ricardo Barreto, Higino Barros, José Enedir Francisco, José Roberto Garcez, Valdir da Silva, Cândido Cruz, Luiz Carlos Felizardo, Francisco Juska, Carlos Rafael Guimaraens Fº., Carlos Frederico Menz, Eduardo San Martin, Ilza Girardi, Eugênio Neves, Carlos Eduardo Athanazio, Renato Canini, Wilmar Marques, Acari Amorim, Waldoar Teixeira, José A. Pinto Netto, Pedro Sosa Pereira, Ennio Nugent da Rocha, Ana Maria Smidt, Eduardo Soares Guimaraens, Alberto Filgueiras, Antônio Carlos Rosito, Iara Terezinha Schilling, Fernando Lindote, Fernando Saes, Miriam Costa Correa, Nestor Fedrizzi, Odilon Abreu, Laerte Martins, Silvio Correa, Luis Carlos Ferreira, Anibal Bendatti, Arthur Oliveira Fº, Carlos Roberto Silveira, Carlos Alfredo Simch, Olides Canton, Roberto Augusto Thomé, Rogério Ruschel, Luís Fernando Verissimo, José Luiz Prévidi, Maria Elaine Borges, Eduardo Bueno, Marco Túlio de Rose, Mauro César Silveira, Mauro Toralles, Luiz Lanzetta, Alice Urbim, Ana Maria Barros, Lotário Neuberger, Ubirajara Silva Prate, Antônio Canabarro Trois, Bernadete Viana, Eloisa Beatriz Enck, Carlos Alexandre Castro, Cristina Baptista Pereira, Jane Peters, José Ribeiro Fontes, Mário Nascimento, Paulo Antônio Barros, Riomar Trindade, Rômulo Krafta, Vera Maria Bosak, Patrício Davila Bentes, Raul Quevedo, Ricardo Bolsoni, Mirta Vieira Coelho, Juvenal da Luz Neto, Juan Carlos Gómez, Luiz Recena Grassi, Ariosto Paz Teixeira, Ayrton Centeno, Celso Schroeder, Milton Ribeiro da Silva, José Antônio Severo, Lucila Camargo, Paolo Marconi, Armênio Abascal, Maurecy Santos, Hélcio Ferreira, Luís Humberto, Valter Firmo, Manuel Joaquim Martins, Jorge Meditsch, Pedro Flores e Zeka Araújo.

Associado à
AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas


# Caro leitor

**A Coojornal vai lançar o seu semanário dia 10 de maio. É o nosso projeto mais antigo e ao qual estamos dedicando os melhores cuidados. Há cinco anos, quando fundamos a cooperativa, já estava em nossos planos oferecer aos gaúchos um jornal que cobrisse os fatos de cada semana, nos padrões do Jornalismo Interpretativo — que vai além dos fatos, buscando explicá-los e situá-los no seu devido contexto.**

• • •

**Aos poucos fomos nos organizando e montando uma estrutura mínima para dar suporte ao Jornal e resguardar a sua independência, que consideramos fundamental. Foi proveitoso ter trabalhado assim, devagar mas com firmeza. Agora, achamos que chegou a hora e uma parte da nossa equipe — ampliada e reforçada — já está trabalhando nele com muito entusiasmo.**

• • •

**Pretendemos que ele seja um jornal respeitado pela qualidade e honestidade das informações que divulgue. Propositalmente vamos dar-lhe um nome sóbrio:** O Rio Grande. **Queremos que ele seja sério, corajoso e independente, como é o próprio Rio Grande. (Fora do Estado ele circulará apenas através de assinaturas))**

• • •

**A partir, então, do dia 10 próximo, ele estará na rua todas as quintas-feiras. O nosso** Coojornal **continua sem alterações, indo para as bancas entre 10 e 15 de cada mês, com os assuntos de interesse mais amplo e circulando em todo o País, como já o faz há dois anos.**

• • •

**Você que já conhece o nosso trabalho está convidado a participar dessa nova empreitada.**

• • •

**Dizem os nossos especialistas que o jogo da abertura obedece ao comando do general Golbery do Couto e Silva, chefe do Gabinete Civil do presidente Figueiredo. Tomada como verdadeira esta informação, os últimos fatos (greves e etc.) nos levam a pensar numa das frases preferidas do General: "A raposa sabe muitas coisas, mas o porco-espinho sabe uma grande coisa". Os admiradores do General costumam atribuir-lhe a autoria da frase. Na verdade, ele apenas a cita no seu livro** Geopolítica do Brasil, **pois o autor é um mercenário grego chamado Archilóquio, que viveu sete séculos antes de Nosso Senhor Jesus Cristo.**
**Com sua frase, Archilóquio queria dizer que mais do que ter mil astúcias, vale saber como agir nos momentos decisivos. A raposa, que tanto sabe, quando se vê ameaçada, ingenuamente, finge-se de morta. O porco-espinho, ao contrário, fecha-se numa bola agressiva, cheia de pontas.**
**Pelo que tem acontecido, tudo indica que o General tenta combinar as artimanhas da raposa com a agressividade do porco-espinho. Mas tem-se saído melhor como porco-espinho. Um detalhe: o forte de Archilóquio não era a filosofia ou a poesia. Eram as atividades terroristas, praticadas mediante boa remuneração.**

O Editor

Tiragem desta edição: 31.500 exemplares

## NESTA EDIÇÃO:


**6** Poder & Política

**8** Arturo Illia, ex-presidente da Argentina, fala das ditaduras militares e as perspectivas da AL

**10** Laurita Mourão, a filha do general Mourão Filho, anuncia um livro que escandalizaria o próprio pai

**12** Energia Solar
Abandonando as soluções simples, a Agricultura cada vez se torna mais dependente do petróleo

**17** O confronto dos metalúrgicos com o Governo visto de dentro dos sindicatos dos trabalhadores

O mistério em torno da morte de Rockefeller e o comportamento da Imprensa norte-americana **20**

Assis Brasil, ex-chefe militar de João Goulart, fala sobre o mito da disciplina militar **22**

40 dias em que Pernambuco foi modelo da Revolução ou a própria imagem da subversão **26**

Leituras **34**

LFV **36**





**29** Pedro Seelig, o ex-motorista de ônibus que se tornou notório comandando a repressão no Sul


## Flávio, Flávia, Lilian e Universindo...

É notória a morosidade e a indolência com que estão sendo conduzidas as negociações para a resolução dos enxovalhantes casos de quebra de soberania nacional, respectivamente os de Flávia Schilling e Flávio Koutzii e do seqüestro dos uruguaios Lilian Casariego (e dois filhos) e Universindo Diaz.

Notória e insólita, posto que é exaustivamente sabido que um simples pedido formal do Governo brasileiro tornaria indefectível o seu imediato atendimento, mormente agora, quando o Uruguai depende literal e umbilicalmente do apoio do Governo brasileiro — conseqüência de ter perdido o respaldo financeiro e militar dos EUA — sob pena de, se este faltar, criar-se a melhor situação, em muitos anos de tirania, para a queda do regime.

Não devemos prescindir inteiramente da hipótese de tudo isto não passar de um jogo estratégico muito bem bolado pelo Governo que ora se esgota, deixando atrás de si, em seus rastros, um retumbante e atordoante fracasso, que não seria a volta de Flávia, Flávio, Universindo ou Lilian que o minoraria.

Na verdade, o que o Governo almeja, lançando mão de tal atitude, é deixar os casos para que sejam dirimidos já sob os auspícios do premente Governo Figueiredo. Seria uma excelente ocasião para Figueiredo regatear simpatizantes entre a opinião pública, porque todos eles sabem que o seu Governo já vai encetar inevitavelmente "sujo" com a Nação.

Em primeiro lugar, sujo por ser imposto. Em segundo, por se propor a dar perenidade à uma pseudo-revolução que tomou o país de sopetão. E em terceiro lugar, por já ter se iniciado sofismando, tergiversando: jurando edificar no país uma democracia e, ao mesmo tempo, contraditoriamente, trazendo de volta em seu bojo, a título de ministros, figurões já comprovadamente inimigos da Nação e deu seu povo, apaniguados das multinacionais.

**Alexandre Lydia, Rio de Janeiro, RJ**

## Schilling para os políticos muito afoitos

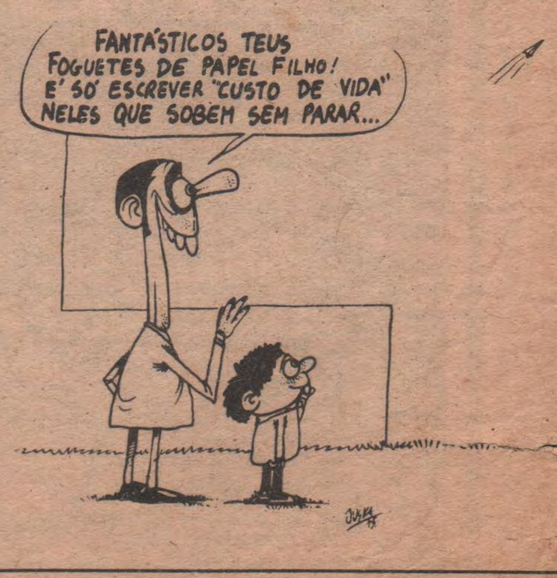
Li e tresli a entrevista de Paulo Schilling (*Coojornal* 38). E seria oportuno que muitos políticos afoitos a lessem também. Creio que Schilling focalizou com perfeita perspicácia todos os possíveis riscos e desastres, na precipitação da criação dos novos partidos. Impressionou-me seu conhecimento sobre problemas brasileiros e latino-americanos e a simplicidade com que discorreu sobre eles.

Penso, como ele, que essa badalação toda em torno dos novos partidos já está dividindo o MDB, que pela primeira vez desde seu surgimento está realmente exercendo a virtude de ser Oposição.

Paulo Schilling, meu irmão, estou contigo e não abro: —Prato feito, não. Chega!

Espero que em dias bem próximos a anistia se encontre contigo *na colocida Calle Florida* e venhas *hacer camino* neste patropi tão precisado da valiosa contribuição de brasileiros feito tu.

**Ivorita Kiscariche, Rio de Janeiro, RJ**



# CARTAS

## "Programa do PTB não é *prato feito*"

Na edição de fevereiro o *Coojornal* publicou uma entrevista com Paulo Schilling na qual, falando-se em Brizola e o PTB, divulgou-se o seguinte:

"Recebi — diz Paulo Schilling — um convite desde Lisboa para participar da confecção do futuro programa. Recusei porque coisas elaboradas fora do país, longe do povo, não pode ser apresentadas como *prato feito,* à velha maneira stalinista, às bases."

Para que tudo fique muito claro devo informar que o convite recebido por Paulo Schilling, desde Lisboa, não foi formulado pelo Dr. Leonel Brizola. Sei que o Dr. Brizola admira muito Paulo Schilling, pela sua lealdade, inteligência e cultura. Mas há muitos anos que não mantém contato com ele.

Posso informar também que o programa do futuro PTB está sendo cuidadosamente elaborado, sem pressa, aqui no Brasil por grupos de compatriotas e que as bases estão participando ativamente desse trabalho. É evidente que para a execução e integralização desse programa conta-se igualmente com a eficiente participação de grupos de brasileiros, residentes temporariamente no exterior, altamente capacitados, cuja experiência e atualização não poderia ser dispensada.

**João Carlos Guaragna, Porto Alegre, RS**

## "A esperança é a volta do glorioso PTB"

É lamentável que diante da eminente reorganização do PTB, setores do próprio MDB sejam contrários à esta proposição. O MDB, que tanto lutou pelo pluripartidarismo, agora não deseja o surgimento de novos partidos, principalmente o PTB, alegando que este viria a fragmentar a frente das oposições contidas no MDB.

Mas não é de se estranhar isso, sabendo-se quem domina o MDB hoje a nível nacional; são os profissionais da política, as velhas raposas do PSD; são os novos políticos de pós-64, e até libertadores, como é o caso do senador Paulo Brossard, um anti-PTB notório, um inimigo mortal de Brizola, um latifundiário.

Para estes, é lógico que a vinda e o conseqüente ingresso na vida pública dos cassados e exilados representa um sério perigo para suas "lideranças", ainda mais quando se está acomodado para um longo período parlamentar de quatro ou oito anos.

Mas nos últimos anos o MDB saiu fora do ritmo, o que notou-se nestas últimas eleições, quando perdeu muitos dos seus eleitores, além do descontentamento verificado no extraordinário número de votos brancos e nulos. É que o eleitorado não concordou com os biônicos da Guanabara; com a candidatura de um militar à Presidência da República; e pelo não engajamento do partido numa luta firme pela anistia,deixando os segmentos da sociedade, como a OAB, CNBB, CBA, os jornalistas e os estudantes lutarem sozinhos por esta causa nobre que é de todos nós.

Por isso, hoje a nossa esperança recai nestes políticos cassados e exilados que estão retornando à vida pública com o propósito de reorganizar o glorioso Partido Trabalhista Brasileiro.

**Paulo Roberto da Silva Xavier, Porto Alegre, RS**

**As cartas para a redação devem conter nome e endereço completo do remetente para que sejam publicadas. Remeter para Rua Comendador Coruja, nº 372, Porto Alegre.**




## Uruguai, uma questão moral

Excelentes as reportagens do *Coojornal* nº 38, principalmente sobre o caso Flávia Schilling, o impressionante relato de mais uma vítima do terror uruguaio (o jornalista Nelson Rolim de Moura), sem contar a discutida tese da internacionalização da Amazônia, muito bem retratada pelo José Casado.

Quanto às matérias sobre o Uruguai, todo mundo está cansado de saber o que ele faz e desfaz dentro e fora de nosso território, sem que nenhuma autoridade constituída tome a mínima providência, não digo legal, mas moral. E pensar o que é o Uruguai em comparação ao Brasil em termos geográficos, econômicos, culturais... Mas como o convênio entre os países do Cone Sul não é só turístico e econômico, mas também repressivo, a gente fica sem ação a não ser denunciar muito bem as atrocidades desses regimes ilegais, como faz o *Coojornal*. Enquanto isto, ficamos com a frase de vocês: Até quanto?

**Ezio Campos, São Paulo, SP**

## "Dólares para a repressão: aonde chegou a coisa!"

Assino este brilhante jornal há um ano, e às vezes ainda surpreendo-me com determinadas matérias. Lendo este último, por exemplo, de março, vê-se a seriedade das matérias e, o mais importante, a fundamentação.

Realmente, como diz o jornal a região aqui não é das melhores quando se fala de "coronelismo", empresários coagindo índios com cachaça (claro, através de seus jagunços) e barbaridades políticas encobertas pelo sistema.

E sobre a matéria da "repressão que os americanos ensinam", minha ingenuidade me grita estarrecida: onde chegou a coisa! Por outro lado, a consciência me responde tristemente: como se estarrecedor fosse só isso?!

**Antonio Augusto, Pato Branco, PR**

## Planos Grandiosos

Considerei muito elucidativa a reportagem "Barragens no Rio Uruguai: planos grandiosos, prejuízos incalculáveis", do *Coojornal* nº 38. Estimaria se pudessem prosseguir analisando especificamente as repercussões culturais e ecológicas sobre o Estreito do Rio Uruguai, no município de Marcelino Ramos.

**Ernesto Cassol, Erexim, RS**

## De alto nível

Venho acompanhando com muito interesse este belo trabalho jornalístico a que vocês se empenharam. É muito difícil encontrarmos um jornal de tão alto nível intelectual. Suas reportagens históricas dão-nos o prazer de debates e discussões de temas, muito valiosos para aqueles que querem criar uma consciência crítica em relação a nossa realidade.

**João Pimenta, Belo Horizonte, MG**

## O censor anônimo fala por quem?

Decepcionantes e infelizes as declarações feitas por um censor brasileiro, que preferiu se manter no anonimato, numa entrevista concedida à revista feminista norte-americana *Ms,* e transcrita, em alguns de seus trechos selecionados, pelo *Coojornal* (nº 38).

Apesar da relativa liberdade de Imprensa — absoluto só o regime — o incógnito catão entrevistado, que se autodenomina engenheiro, poliglota e há mais de seis anos castrador militante da atividade criativa, reflete o vírus do pensamento radical, ainda existente nas mentes de uma minoria da cúpula governamental.

Como porta-voz desse grupo, tudo leva a crer que a mentalidade retrógrada desse sacripanta, que tem a ousadia de definir o povo brasileiro como "gente ignorante, gente sem nenhum discernimento", é a mesma daqueles que não faz muito tempo, proclamaram estar a nossa sociedade despreparada para escolher seus dirigentes, através do voto livre e universal.

Para ele e para a minoria de raciocínio análogo, que meditem sobre o que escreveu o historiador norte-americano Thomas Babington Macaulay em 1825: "Muitos governantes de nosso tempo costumam dizer que o povo ainda não está preparado para a liberdade. Essa velha frase lembra a piada do tolo que resolveu não entrar na água enquanto não aprendesse a nadar. Se os homens tiverem que esperar pela liberdade até que aprendam a usá-la, podem estar certos de que esperarão para sempre".

Estas exemplares reflexões se adaptam perfeitamente, em pleno século XX, aos governos autoritários, onde a tônica predominante é a chamada "liberdade com responsabilidade".

**Cefeu de Aragão, Brasília, DF**


# ALGUÉM PRECISAVA FAZER.

Um documento único que viesse dar uma visão realista a respeito da economia gaúcha.

Uma publicação que servisse como base de decisões e documento de consulta para o empresário.

Um estudo sério e profundo sobre o comportamento dos vários setores econômicos de nosso Estado durante o ano.




ANO ECONÔMICO
Uma publicação anual da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre — COOJORNAL
Rua Comendador Coruja, 372
90.000 — Porto Alegre — RS

Lançamento em julho

# CARTAS

## Alô, Alô, Secundaristas do Brasil!

Queremos agradecer aos companheiros a publicação de nossa primeira carta e comunicar-lhes que, devido à publicação da mesma, recebemos cartas de vários pontos do país, tanto do Rio Grande do Sul quando de locais onde nem imaginávamos que houvesse algum nível de organização.

Esta carta é, também, mais um apelo para a colaboração de vocês. É que nossos colegas, aí do Sul, nos enviaram uma carta pedindo esclarecimentos de várias coisas. Infelizmente ficamos sem saber como responder, pois não nos mandaram nenhum endereço e a única saída foi apelarmos para que vocês comuniquem aos colegas secundaristas nossas dificuldades.

Agradecendo antecipadamente a atenção dos companheiros e ressaltando a grande colaboração que já nos prestaram, o que serviu para atamento de contatos, agora podemos afirmar: "Vamos rearticular o movimento secundarista!"

**Diretoria União Municipal de Estudantes Secundários de Belo Horizonte, Belo Horizonte, MG**

## Os pastores e suas conveniências

O Sr. Renato Canini, que me pichou no *Coojornal* de fevereiro, não lê a coluna que escrevo para mais de 30 jornais brasileiros. Se não, saberia que "descarrego baterias" também "contra os países da cortina de ferro e de bambu (e também Cuba!)".

O pastor Wurbrand, por ele citado, comete o mesmo erro que ele *acha* que cometo, só que às avessas: Wurbrand (que, no mesmo estilo de Rex Humbard, faz reuniões em estádios e faz coleta sem prestar contas) só picha as "cortinas" de ferro e de bambu, mas não ataca nenhuma "cortina" chilena, uruguaia, argentina, grega ou brasileira. "A Voz dos Mártires", jornalzinho que é enviado grátis a milhares de protestantes no Brasil, dá uma boa idéia do que afirmo.

De resto, é ótima a seção "Idéias e Opiniões"; e, das pichações mútuas, quem ganha é o leitor, que sai mais informado.

**Pastor Roberto Vicente T. Lessa, São Paulo, SP**




## Cadê o bolo, Delfim?

**Ao Coojornal, que tanto aprecio, entrego este poema, "A Hora Delfim":**

*Delfim dos milagres,/ Delfim da picada./ Delfim do malogro/ ai Nação Consternada.// Conhece os campos/ da janela do avião./ Através das fotos/ já viu plantação.// Viu Calpão por slide,/ potreiro em TV./ Nada sabe de engenhos,/ da roça pouco a dizer.// Delfim dos milagres,/ Delfim da picada./ Delfim do malogro/ ai Nação consternada.// Adeus minha roça/ mogango e feijão./ Lavouras voltadas/ pra exportação.// Meu pilão de canjica,/ roçado de aipim,/ vaquinha leiteira/ que será de mim?// Delfim dos milagres,/ Delfim da picada./ Delfim do malogro/ ai Nação consternada.// Saiu da "Fazenda"/ pra junta de bois./ Mas ninguém esquece/ quem foi, como foi.// Matutas, caipiras/ aprendam inglês./ Delfim da picada/ é a hora e a vez.// Nas vendas, nos botecos,/ fandangos, rinhedeiros/ todo povinho fala/ voltou a milagreiro.// Não à enxada./ Ao dólar sim./ Todo mundo pergunta:/ cadê o bolo, Delfim?// Delfim dos milagres,/ Delfim da picada./ Delfim do malogro/ ai Nação consternada.*

**Luiz Coronel, Porto Alegre, RS**

## A guerrilha

Por um ato de consciência, venho manifestar a esse prestigioso *Coojornal* minha solidariedade aos 69 militantes de esquerda que lutaram nas matas do Araguaia.

Infelizmente, somente agora, após cinco anos de silêncio, o povo brasileiro fica ciente dos acontecimentos que envolveram esses jovens idealistas. E não poderíamos ficar omissos, pois somos todos brasileiros de coração, e esses jovens merecem sem dúvida nenhuma, destaque na História do País.

**Rubens Heitor Trindade, Bagé, RS**

## "Um lopesguaio"

O *Coojornal* de março traz entrevista com o jornalista Júlio José Chiavenato e trechos de seu livro a respeito da Guerra da Tríplice Aliança. A simples leitura nos transporta à edição nº 19 do *Cuaderno Crisis,* de Buenos Aires, que analisa o que foi a citada campanha e ralaciona as obras compiladas.

Entretanto, a atitude tão apaixonada e injusta bastaria, por si só, para caracterizar o autor; trata-se, o Sr. Chiavenato, até prova em contrário, de um legítimo lopesguaio, discípulo entusiasta dos O'Leary, dos Herreras, dos Pereyras, dos Gimenez, dos Alberti, no conceito dos quais Câmara, Caxias, Mitre e Osório não passam de pigmeus ao lado de Lopez, o super-homem da América.

**Wilmar Lútz Farias, São Leopoldo, RS**

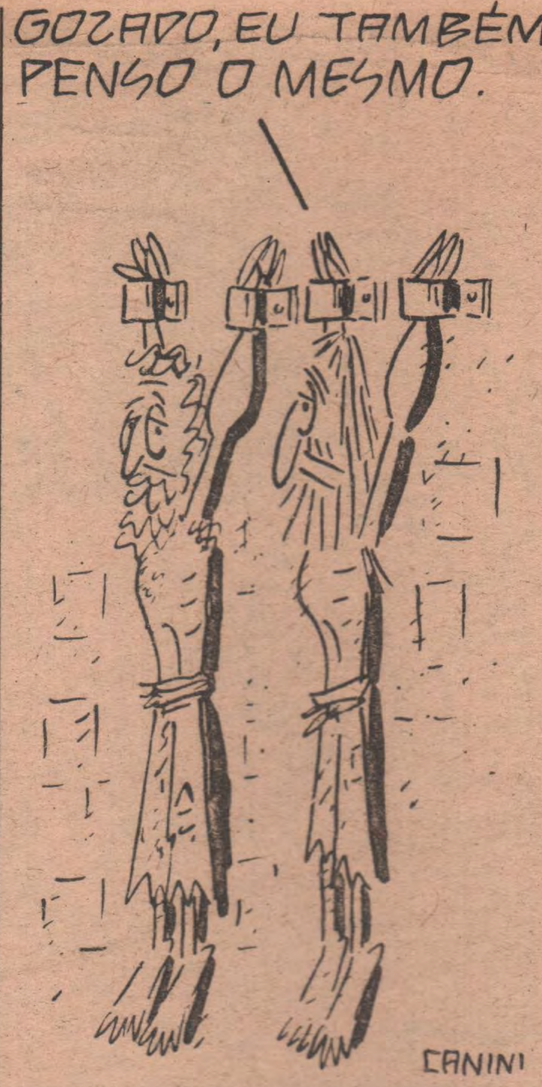
## "Ah, as mentiras que ouvimos nas escolas..."

A respeito do excelente trabalho de Júlio José Chiavenato, "A Terrível Aliança" ( *Coojornal* 39), há realmente uma distância enorme entre aquilo que nos ensinaram no ginásio e a verdadeira história. Mas o que mais intriga a gente é que passados 109 anos do final da guerra do Paraguai, as nossas autoridades ainda teimam em esconder as verdades dos fatos. É aquele velha história: cometem-se os crimes e arbitrariedades, depois querem deformar a história, esconder os acontecimentos do conhecimento da população. Recente, temos a "guerrilha do Araguaia", que foi desconhecida da maioria da população até o ano passado; o processo contra o jornalista Antonio Carlos Fon, da revista *Veja,* processado por dizer as verdades sobre as torturas praticadas pelos DOI-CODIs; e mais recente ainda foi o fato divulgado pelo semanário *Movimento,* a respeito dos planos do Exército Brasileiro de invadir o Uruguai caso a esquerda fosse vitoriosa naquele país.

Voltando ao artigo de Chiavenato, nos causa asco o papel de mercenários feito pelo Brasil, Argentina e Uruguai em favor do imperialismo inglês e contra a progressista nação paraguaia, da época. Já havia lido alguma coisa sobre a carnificina que foi aquela guerra, mas não sabia do sadismo a que chegaram as tropas da tríplice aliança. E nós, nos tempos de ginásio, que achávamos que Solano Lopez era realmente um tirano e ditador. Como, se a maioria do povo paraguaio deu a vida pela pátria que Lopez era o governante?

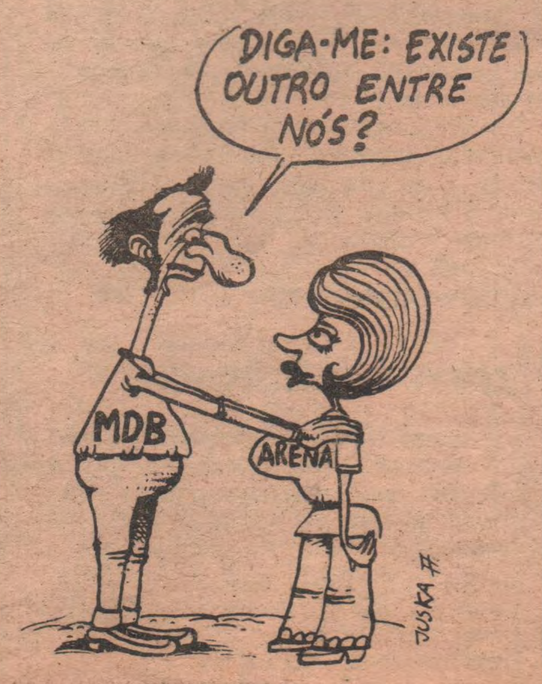
Nossa homenagem aos valorosos paraguaios, que deram a vida em defesa de sua pátria e contra o imperialismo inglês. Por ser o único povo livre da América do Sul foi destruído, mas um dia a história fará justiça aos verdadeiros heróis. Ontem, como hoje, os povos *hermanos* da América Latina devem se unir contra o inimigo principal: a miséria e o imperialismo.

**Domingos Abreu Miranda, Alfenas, MG**




## O ideal é o consumidor

A propósito da reportagem "Todas as cooperativas contra a Copersucar" (*Coojornal 37*) lembro que, salvo melhor juízo, não se trata de combater a Copersucar, mas, isto sim, de escoimar o Cooperativismo das impurezas de que foi acometido já nos idos de 1888, quando foi implantado no Brasil, passando de um sistema de defesa do consumidor, para o quê havia sido criado em 1844, para um de amparo ao produtor, o que ocasionou o desvio doutrinário que ora se observa.




De minha parte, ratifico a tese de que, quando os veículos de comunicação de massa quiserem, teremos no País um Cooperativismo dentro da mais pura ortodoxia.

**Sebastião Alfredo dos Santos, Piabetá, RJ**

## A Amazônia é nossa!

Onde estão os brasileiros?

Pelo vasto material jornalístico e de muita relevância para nós brasileiros, evidenciando a questão da "exploração da Amazônia", (é exploração no sentido pejorativo mesmo!), dá para surgir outra questão: a nacionalidade daqueles que comandam os destinos do País. Será que estas pessoas não têm um mínimo de patriotismo, de amor à nossa terra e ao nosso povo? Por que não promovem uma reforma agrária de acordo com os anseios populares?

Pelo visto, querem mesmo dar nosso território de mão beijada a este povo gerado pela perniciosa ideologia do lucro, indiferente às conseqüências que sofrem os explorados, que é o povo americano, tão badalado pela TV Globo. Tá na hora dos brasileiros de sangue puro se unirem, darem as mãos e juntos combaterem esses vorazes abutres que baixaram em nosso terreiro. Por um Brasil de brasileiros!

**David de Assis Junqueira, Gov. Valadares, MG**

## Absurdo: um campo de nudismo em Trindade

A Sociedade de Defesa do Litoral Brasileiro, entidade com um ano de existência e que tem por princípios e objetivos fundamentais a defesa do Patrimônio Histórico, Cultural e Natural do Litoral Brasileiro e a melhoria das condições de vida de seus habitantes, vem esclarecer fatos ocorridos que tentam deformar a seriedade e a profundidade dos trabalhos até então desenvolvidos junto às comunidades do litoral brasileiro.

Como é do conhecimento geral, a comunidade de Trindade, município de Paraty, Estado do Rio, foi invadida em princípios de 1973 pela empresa imobiliária Trindade Desenvolvimento Territorial Ltda., subsidiária da multinacional Adella ( *Agência de Desarollo Latino-Americano*), que tentou, pela força, desalojar a população nativa. Este fato desarticulou e desativou todo o *modus vivendi* existente no local há mais de 300 anos. O trabalho da Sociedade de Defesa do Litoral Brasileiro tem-se orientado junto à essa população na rearticulação e preservação do sistema de trabalho cooperativo na pesca, na lavoura e no artesanato.

Dentre as muitas ações contrárias aos interesses da população de Trindade, e que veio a público nos últimos dias, destacamos a reportagem com o Sr. Sérgio Paulo Lacorte, publicada na *Folha de São Paulo* de 29/01/79, que propõe a criação de um Clube de Nudismo nesta mesma região.

A reportagem baseia-se em dados inverídicos, tais como: "...restam hoje apenas 40 pessoas, trindadeiros mais teimosos..."; na verdade, são atualmente 51 famílias, uma população aproximada de 300 pessoas, sendo que muitas das famílias que haviam sido expulsas estão retornando das periferias das cidades maiores, às quais foram atiradas. E ainda: "...no ano passado, em primeira instância, a Companhia teve ganho de causa..." omitindo-se o fato de que a Companhia ganhou apenas um dos tipo de ação que correm, aquela que trata da venda das posses sob coação.

Na realidade, a violência contra a cultura das comunidades caiçaras não ocorre somente em Trindade, mas em todo o litoral brasileiro, decorrente da crescente especulação imobiliária levada a cabo, na maioria das vezes, por empresas multinacionais que, impunemente, destroem o equilíbrio do sistema sócio-político destas comunidades, levando os caiçaras à uma inevitável marginalização.

**José Roberto F. Cintra, presidente da Sociedade de Defesa do Litoral Brasileiro.**



# Em nome da terra, do homem, da vida.

Em 1929, quando a Samrig começava, investir na terra e no trabalho do homem do campo era, no mínimo, um gesto corajoso. O mundo estava em crise e ninguém arriscava no amanhã. A Samrig investiu e arriscou. Com um capital de "doze mil contos de réis", montava o seu primeiro moinho de trigo, em Porto Alegre, e começava a produzir farinha. Ao longo de sua caminhada, a Samrig nunca esqueceu o exemplo dos que trabalham na terra e transformam em riquezas os dourados frutos de nosso solo. Sua serena esperança a cada amanhecer, sua luta diária na batalha da produção de alimentos. E nesta trilha de pás e enxadas, de homens e máquinas, a Samrig construiu a sua história. Substituiu o trigo pela soja, implantou silos, construiu armazéns e terminais de exportação, cresceu, montou o maior parque integrado de processamento de soja da América Latina, e hoje, 50 anos depois, produz milhares e milhares de toneladas diárias de alimentos, para consumo interno e para exportação. Com muita responsabilidade. Em nome do progresso desta terra, do trabalho do homem do campo, da vida e da felicidade das pessoas.

50 ANOS

SAMRIG

Há 50 anos participando da vida de nossa gente.

Por CARLOS ALBERTO SARDENBERG, de Brasília

# O Governo só quer adesões

Negociar é uma coisa. Reclamar um voto de confiança é outra bem diferente. Embora o presidente João Baptista de Figueiredo tenha estendido a mão em conciliação e mesmo com os líderes arenistas reiterando a disposição de *conversar* com a Oposição — ou com alguns representantes dela — já está claro que o Governo deseja mais um voto de confiança, para duas coisas: o programa de reformas políticas e o programa de combate à inflação, que ele mesmo,o Governo, prepara e implementa.

**A expectativa do Governo,** em relação ao Movimento Democrático Brasileiro, aponta uma direção precisa: espera que o MDB se fragmente em muitos pedaços e tem a convicção de que se fragmentará em pelo menos três partes: uma para o PTB (qualquer que seja esse PTB); outra para o Governo; e a terceira com o resto, juntando-se parte dos moderados com parte dos autênticos. É este último fragmento que, nos projetos do Governo, pode subdividir-se.

**Ora, qual o Governo que vai negociar** a sério com um partido que considera em vias de implosão? Uma negociação seria supor que os dois lados, cada um com seu programa, façam concessões mútuas e acertos até chegar a um programa comum, que represente alguma síntese dos pontos de partida. Naturalmente isso só ocorre naqueles momentos em que o Governo reconhece a força da Oposição e admite precisar dela para alcançar determinados objetivos nacionais.

**O Governo do general Figueiredo** não encontra no MDB um programa econômico que considere sério e, assim, não cogita de convidar representantes do Partido da Oposição para acertar princípios e métodos de combate à inflação. Conforme já comentou o ministro Petrônio Portela, ele vai solicitar um voto de confiança na luta nacional contra a inflação nos termos que forem definidos naqueles mesmos laboratórios que o ministro Mário Henrique Simonsen vem manipulando há cinco anos, sempre com a vitória da inflação. Mas, o Governo acha que a culpa é sempre dos outros (das chuvas, da enchente, da seca, da cebola, do chuchu, dos especuladores, dos salários), e nunca de seus planos, que continuam prestigiados.

**De qualquer modo,** o que importa para o momento é registrar que o Governo não se sente forçado a buscar apoio na Oposição para a implementação de seu programa econômico. O mesmo vale para o programa de reformas políticas. "A anistia — disse o ministro Petrônio Portela — é um ato de Governo e de maioria, não é um ato de oposição. Assim, cabe ao Governo e à maioria estabelecer sua oportunidade". E ainda, acerca das eleições diretas para governadores e prefeitos das capitais: "A bandeira é nossa também e cabe a nós (Arena e Governo) escolher o momento de desfraldá-la". É para reiterar essa disposição que líderes arenistas mais próximos ao Palácio do Planalto dizem que o Governo quer conversar com a Oposição. É preciso, porém, que esta compreenda que se trata de entendimento do "forte com o fraco".

**Que fique claro, portanto:** O Governo tem seu programa de reformas (aberturas) políticas, de alcance e para o momento que ele mesmo determinará,e tudo num processo, durante o qual não oferece negociação, mas aguarda adesões.

**Para as questões práticas mais imediatas,** isso significa que a cúpula arenista — ou a cúpula política do Governo — vai determinar ao Partido que vote contra as iniciativas do MDB, especificamente contra as emendas Benevides (restabelece as eleições diretas nas capitais), Montoro (que extingue os biônicos em um ano e marca eleições diretas para governadores e senadores) e a emenda que concede anistia ampla e irrestrita.

**A liderança parlamentar do Governo** reconhece que são votos negativos e impopulares. Recoloca em cena aquela desconfortável imagem da Arena, o partido que se declara a favor de todas as aberturas e vota contra todas elas, sempre alegando que não são oportunas.

**Mas, desta vez, a liderança do Governo** acredita que pode ajeitar as coisas. Ainda terá de promover alguns adiamentos nas aberturas prometidas. Mas, pelo menos poderá marcar a data dos tais momentos oportunos. Por exemplo, ao votar contra a emenda Montoro já terá engatilhada a emenda do deputado Edison Lobão, que torna diretas as eleições para governador em 1982. E, muito provavelmente, o Governo vai apresentar seu projeto de anistia antes de votar contra a emenda do MDB.

**A este propósito,** a liderança da Arena tem-se divertido com o escorregão do MDB, cujo projeto de anistia beneficia — está escrito lá — quem tenha sido punido por atos políticos praticados depois de 31 de março de 1964. Ora, há pessoas que foram punidas (cassadas ou condenadas) por atos cometidos antes dessa data e que assim estariam excluídas do projeto emedebista. Os arenistas têm dito que o Governo não concederá uma anistia irrestrita, mas, certamente, "mais ampla do que a do MDB".

**Trata-se, por certo, de um truque** que a cúpula arenista tenta aplicar sobre o MDB, mas que não vai funcionar. O projeto do MDB tem um pequeno equívoco de redação — facilmente corrigível — pois seu espírito é o de conceder anistia ampla e irrestrita, algo que está muito além dos propósitos do Palácio do Planalto.

Em todo caso, importa registrar que o Governo, goste-se ou não, tem o seu norte.

**Evitemos a especulação,** isto é, evitemos perguntar, por ora, ao menos, se isso vai funcionar. Convém, antes, examinar o que se passa nas oposições e em certas áreas das bases arenistas. Um esclarecimento: A Oposição de que aqui se trata é a oposição parlamentar exercida pelo MDB, que é aquela que se pode ver de perto, em Brasília.

**No início da legislatura,** as bancadas emedebistas mostraram alguma consistência no trabalho organizado. A condução de Paulo Brossard e Freitas Nobre à liderança no Senado e Câmara dos Deputados, respectivamente, significou, em termos nacionais, o reconhecimento da força majoritária da corrente mais combativa, que nós nos acostumamos a chamar de *autêntica,* mas que também, nas condições do Brasil de hoje, pode ser chamada de esquerda do MDB.

Os adesistas e picaretas de um modo geral, que diminuíram em relação à bancada anterior, ficaram inteiramente neutralizados, e os moderados mais à direita se aquietaram. A bancada na Câmara definiu tarefas, organizou grupos de estudos. Um deles para examinar uma reforma constitucional e de toda a legislação política, de modo a expurgar todos os resquícios de exceção, que não são poucos.

**A bancada acabou arranjando uma boa solução** de compromisso para o caso da CPI das torturas, reclamada por alguns parlamentares, considerada precipitada e provocadora, no momento, por outros. O arranjo foi formar uma espécie de CPI interna, uma comissão emedebista encarregada de levantar todas as denúncias e casos de violação de direitos humanos, material que pode constituir um livro — um livro negro — de muito mais impacto que uma CPI controlada pela Arena, que por ser majoritária na Casa é majoritária em todas as comissões. Esse livro, por certo, não deve sair imediatamente e isso evita por algum tempo a exacerbação de ânimos da direita do Regime, que já deu todos os recados para deixar suficientemente claro que não pode tolerar as investigações nos aparelhos de repressão, nos chamados porões do Regime. Na verdade, é todo o Regime, cujas alas internas se entendem, que não deseja este tipo de investigação.

**Parecia haver entre os emedebistas** um razoável entendimento em torno destas observações, e, em conseqüência, um quase consenso no sentido de tratar o assunto com prudência, pois a precipitação, no caso, pode provocar o que o presidente Ernesto Geisel chamava de "contrapressões em sentido contrário". Para resumir, a bancada federal emedebista parecia caminhar para a posição de não esquecer o assunto, mas deixar para aprofundá-lo — e fazer as cobranças que precisará fazer — quando houver mais garantias, quer dizer, quando as aberturas estiverem mais consolidadas.

**Finalmente,** o MDB apresentou seu projeto de anistia, marcando posição doutrinária, assim como havia feito com a apresentação das emendas Mauro Benevides e Franco Montoro. E parece que a coisa parou por aí. Passadas as duas primeiras semanas de abril, as bancadas emedebistas mostravam-se algo desorientadas e sem um trabalho ordenado.

**Em parte, essa desorientação** decorreu da firmeza demonstrada pelo recém-inaugurado Governo Figueiredo, que mostrou ter um projeto político claro e, no episódio da greve no ABC, deu simultaneamente demonstrações de força e de habilidade para negociar.

**O MDB que, em termos nacionais,** esteve mais ou menos à margem no episódio das greves, ficou momentaneamente sem ação quando a cúpula política do Governo simplesmente anunciou que votaria contra as emendas da Oposição e, em seguida, aprovaria as suas (dele, Governo), mesmo que fossem idênticas.

**E aí? Aí aconteceu o que sempre acontece** quando falta uma precisa orientação geral: cada um vai por si. No caso, reapareceu a movimentação dos parlamentares que querem reorganizar já o PTB e dos moderadíssimos, como Tancredo Neves e Thales Ramalho, que intensificaram seus entendimentos com o Governo, na pessoa do ministro Petrônio Portela. Mas, para esses moderadíssimos, a estratégia do Governo, além de segura, como toda gente admite, é também correta e boa — entendimento que a maior parte das oposições não aceita.

**De qualquer modo, foi um bom começo** para o Governo Figueiredo, mas só o começo. Ele conseguiu colocar bem seus planos e promessas, que, entretanto, são ainda planos e promessas. A parte mais fácil, convenhamos. O difícil será sua concretização a um nível que atenda às exigências explícitas e sobejamente conhecidas da sociedade civil, inclusive a classe operária organizada.

Serão esses atos concretos do Governo — e não as atuais promessas — que darão o sentido mais claro do quadro político. O que talvez explique a atual indecisão da Oposição: Enquanto o Governo forte promete maravilhas, a Oposição é posta na expectativa. Mas este Governo não pode esperar muito para resgatar suas promessas. E aí a bola pode voltar para a Oposição. Se o Governo cumprir tudo o que promete, então melhor para todos nós: não teremos inflação, teremos democracia, vamos todos gozar a vida, cada um no seu partido. Se não cumprir? "Aí fica complicado, mas eu não sei como fica", como diria o Charlie Brown.


# RECEBA O COOJORNAL EM CASA 5 DIAS ANTES

**Cupom de Assinatura**

Assinatura por 12 edições: Cr$ 220,00
Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Comendador Coruja, 372 – Porto Alegre – RS – 90.000
Fones: 21.8984 e 24.0951

Desejo receber o Coojornal a partir do nº ☐

Caso você tenha interesse em adquirir o Coojornal a partir do nº 13 – entre em contato com o nosso Depto. de Circulação nos mesmos fones acima.

Nome: .....
Endereço: ..... Fone: .....
Bairro: ..... CEP: ..... Cidade: .....
Estado: ..... Profissão: .....

**Comunique-nos qualquer alteração de endereço.**

**Cupom de Assinatura**

Assinatura por 12 edições: Cr$ 220,00
Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Comendador Coruja, 372 – Porto Alegre – RS – 90.000
Fones: 21.8984 e 24.0951

Desejo receber o Coojornal a partir do nº ☐

Caso você tenha interesse em adquirir o Coojornal a partir do nº 13 – entre em contato com o nosso Depto. de Circulação nos mesmos fones acima.

Nome: .....
Endereço: ..... Fone: .....
Bairro: ..... CEP: ..... Cidade: .....
Estado: ..... Profissão: .....

**Comunique-nos qualquer alteração de endereço.**

Como assinante, você recebe o *Coojornal* em outros Estados no mesmo dia em que ele vai para às bancas em Porto Alegre. Quer dizer: no mínimo 5 dias antes de ele chegar às bancas de sua cidade.

cooJORNAL

# muita coisa vai mudar na história do comércio gaúcho

# ABERTA A MAKRO

## De 2.ª a sábado das 8 às 22 horas

A Makro chegou para tirar o comerciante na garupa. Para servir ao pequeno e médio comerciantes e contribuir para racionalizar a distribuição no Rio Grande do Sul. Makro é superatacado, um auto-serviço atacadista, à vista, exclusivo para comerciantes e compradores profissionais.

## Makro é o estoque do comerciante

Comprando na Makro, o comerciante não precisa empatar capital em estoque; tem à disposição todo o estoque do superatacado: 35 mil produtos, entre alimentos e não-alimentos. Ele compra somente a mercadoria que precisa para um giro rápido em seu estabelecimento, sem preocupar-se com quantidades "mínimas" ou "máximas".

o superatacado
**makro**

## Sem perda de tempo

Na Makro, o comerciante não perde tempo. As notas fiscais são emitidas rápidamente e sem erros, por um sistema de 30 terminais controlados por dois computadores **COBRA 700** de fabricação nacional. O computador é uma ferramenta que dá suporte a toda estratégia de marketing da Makro, desde o cadástramento do cliente e das mercadorias, até o rigoroso controle de preços e estoque. Além do mais, o comerciante não precisa ficar procurando lugar para estacionar seu veículo. A Makro tem estacionamento para 900 carros. E tem também restaurante para refeições completas ou lanches ligeiros.

## A embalagem Makro

O comerciante não é obrigado a comprar em caixas fechadas; pode comprar unidades fracionadas, a embalagem Makro. E mesmo comprando em pequenas quantidades, goza de preços mais baixos, menores do que os do atacado tradicional. O preço unitário é o mesmo, tanto na Embalagem Makro quanto na embalagem tradicional.

## Somente para comerciantes

Makro não está aberta para o público consumidor, para a dona de casa. Makro é um superatacado - só vende para comerciantes e compradores profissionais. Para ingressar em sua área de vendas é preciso apresentar o "Passaporte Makro",




credencial que distingue o comerciante, do consumidor final. Se você é comerciante, ou comprador profissional de uma empresa ou instituição, e ainda não recebeu o "Passaporte Makro" - compareça à Recepção de Clientes munido de seu CGC, Inscrição Estadual e duas notas fiscais de compras recentes, e retire gratuitamente a sua credencial. (Os compradores profissionais devem apresentar ainda uma carta de autorização assinada pela direção da empresa).

## Comerciante - Makro é o seu melhor parceiro.

Makro está localizada no entroncamento da "free-way" com a Rodovia Federal (BR 116), junto ao CEASA, em Porto Alegre.







o superatacado
**makro**
Rua Vitor Valpírio, s/nº Bairro Anchieta - Porto Alegre

**NOSSOS AGRADECIMENTOS AS EMPRESAS QUE CONOSCO COLABORARAM.**

BEST-STEVIN Construtora Ltda. (construtora principal)
INTARCO - Projetos e Consultoria S/C Ltda. (projeto e direção)
A.C. VASCONCELOS S.A. Engenheiros Associados
AMEISE - Empilhadeiras Elétricas
ARTOMAR - Artefato de Madeira Ltda.
CLIMATROL - Engenharia e Instalações Ltda.
COBRA - Computadores e Sistema do Brasil S.A.
Comercial e Construtora CYRINO Ltda.
CS PROJETOS, Equipamentos e Instalações Ltda.
ECISOL Engenharia Com. e Isolamentos Ltda.
Elevadores GUAIBA Ltda.
Empreiteira de Pinturas CAMARO Ltda.
ENGINNERING S.A. Servs. de Engenharia (montadora principal)
Esquadrias Metálicas KOCH Ltda.
FIEL S.A. Divisão de Armazenagem
Ind. e Com. de CARRINHOS ILDA Ltda.
LION S.A. Engenharia e Importação
Metalúrgica VALENTI Ltda.
PEDREIRAS PAVIMENTAÇÕES Ltda.
PIMACO Autoadesivos Ltda.
PRODIS S.A. Ind. de Móveis, Inst. e Equips.
ROD CAR - Rodízios e Carrinhos Ltda.
SECURIT S.A.
SERAL DO BRASIL S.A. Ind. Metalúrgica (gôndolas)
Telhas ISDRALIT - Qualidade em Cimento-Amianto
TOSHIBA do Brasil S.A.
VIVAQUA do Brasil Ltda. Saneamento de Água

# "Os militares, quando tomam o Poder, fecham a porta e não sabem sair"

Arturo Illia, derrubado da Presidência da Argentina pelo golpe do general Ongania, em 1966, ainda mora em Córdoba, a segunda maior cidade do País. Aos 78 anos, médico aposentado, não largou a política, apesar da suspensão das atividades dos partidos pela ditadura do general Videla. Às vezes o ex-Presidente abandona seu refúgio do interior e viaja para outros países, onde se sente um pouco mais à vontade para comentar, com voz sumida, a situação política do seu País.

Alquebrado, mas lúcido, em meados de março o ex-chefe do Partido Radical do Povo esteve em Caracas, como convidado da Universidade Simon Bolivar para um simpósio sobre as perspectivas da democracia na América latina. Sem abrir muito a guarda, o doutor Illia falou a Geraldo Hasse, do **Coojornal**, sobre a mais insidiosa doença política do seu País e da América Latina, uma doença crônica, epidêmica, da qual foi pessoalmente, uma das maiores vítimas: a presença dos militares no Poder.



Geraldo Hasse

**Arturo Illia: "Extremismos estão no fim"**

## UMA DESGRAÇA

**— Dr. Illia, quando os militares vão deixar o Poder, na Argentina?**

— Ah, isto é uma desgraça, meu filho, uma desgraça! Os militares, quando assaltam o Poder, fecham a porta e não sabem sair. Este é o grande problema dos militares. Sabem entrar, mas não sabem sair.

Aos 78 anos, sempre magro, meio encurvado, cheio de rugas, usando os mesmos ternos escuros dos tempos do consultório médico de Córdoba e da militância política em Buenos Aires, o doutor Arturo Illia fala dos militares como se falasse de uma antiga e conhecida doença. Como médico, já não atua mais. Como político, continua dando expediente, embora sua clientela esteja praticamente reduzida aos companheiros do Partido Radical — a grande corrente política da classe média argentina, situada entre o reacionarismo dos conservadores e o fanatismo dos peronistas. Lúcido, fumante inveterado, vive, ainda, em Córdoba, sempre disposto a uma conversa em voz baixa.

Apesar do Golpe Militar de março de 1976, que encerrou um breve e agitado período de mando civil na Argentina da década de 70, o doutor Illia afirma que não largou a política.

— Sim, continuo na luta — diz ele, sem veemência, no mesmo tom de quem afirmasse: — Sim, continuo vivo, apesar de tudo.

Sem embargo (como dizem os argentinos), a luta de Illia praticamente acabou no dia 28 de junho de 1966, quando um grupo de oficiais invadiu seu gabinete na Casa Rosada. Illia, teimoso, resistiu às pressões para renunciar e só deixou o Palácio, pacificamente, quando lhe deixaram claro que, se não saísse por bem, teria de sair por mal. O que não queria era passar por frouxo.

Enquanto o general Juan Carlos Ongania tomava seu lugar na Casa Rosada, Illia saía para o exílio. Ficou fora por pouco tempo. Logo voltou para Córdoba, para as reuniões do Partido Radical, para a política.

Filho de um imigrante italiano, Arturo Illia nasceu em Pergamino, um *pueblo* agrícola perto de Buenos Aires, em agosto de 1900. Aos 13 anos de idade, foi estudar em Buenos Aires, onde se formou em Medicina. Abriu um consultório em Córdoba e entrou para a União Cívica Radical em 1930, ano em que caía do Poder o caudilho *radical* Hipólito Irigoyen. Em 1940, foi nomeado vice-governador da Província de Córdoba, cargo que foi obrigado a deixar em 1943, por causa da revolução insuflada por jovens oficiais, entre eles Juan Domingo Perón, que se tornaria o mais influente caudilho da história política moderna na Argentina.

Em 1948, o doutor Illia estava na Assembléia Nacional, como deputado. Em março de 62, foi eleito governador da Província de Córdoba, mas nem chegou a assumir, pois as eleições foram anuladas pelo golpe que destituiu Arturo Frondizi da Presidência da República. Em outubro de 1963, finalmente, candidato dos *radicales del pueblo*, Illia foi eleito Presidente. Homem simples, otimista, intransigente, fez um Governo cheio de altos e baixos. Uma de suas primeiras medidas foi anular os contratos petrolíferos que, anos antes, haviam permitido a exploração das jazidas da Patagônia por empresas multinacionais. A prospecção passou ao controle estatal e as multinacionais foram indenizadas. Uma das conseqüências dessa medida foi a queda da produção de petróleo, que encaminhou a Argentina para uma crise econômica, agravada pela dificuldade política de contentar os peronistas entrincheirados na CGT e segurar os militares comandados por Ongania. Desconfiados da incoerência do Governo que apoiou a invasão norte-americana no Vietnã mas se negou a participar da Força Interamericana de Paz enviada para controlar a revolução em São Domingos, na América Central, os militares acusaram Illia de ser passivo, sem autoridade. A imprensa, inteiramente livre, publicava charges em que o Presidente era apresentado como um médico caduco que tentava aplicar remédios caseiros para curar os males de uma Argentina convulsionada por crises.

Hoje, ao lado do *radical* Ricardo Balbín, que às vezes acorda de sua letargia para soltar os cachorros nos peronistas ou nos militares, o doutor Illia é um dos últimos vestígios da tradição civilista argentina, eternamente comprometida com a idéia de *un gobierno de las mayorias*. Anticomunista, mas sobretudo antiperonista, está suficientemente convencido de que os militares, por mais bem intencionados que sejam, só atrapalham, quando se metem na política.

**— Por que uma desgraça, doutor Illia?**

*— Eu sempre digo que o Estado de Direito é bom porque mantém sempre livres as duas portas do Poder — a de saída e a de entrada. No Estado de Direito, quando a pessoa entre pela porta principal, já sabe que terá de caminhar por tempo determinado até a porta dos fundos, que fica entreaberta. É um mecanismo simples e eficiente que garante a saúde política da Nação. Lamentavelmente, os militares não entendem isso. Eles assaltam a casa, fecham as portas e esquecem de sair.*

**— Na atual situação, qual é a perspectiva política da Argentina?**

*— Bueno, tenho para mim que a solução passa pela porta dos fundos. Por ali deviam sair os militares.*

**— Na sua opinião, por que não saem?**

*— Creio que os militares tomam o Poder cheios de boas intenções. Mas, uma vez instalados no Poder, esquecem as boas intenções. Esquecem, sobretudo, que a posse do Poder é uma coisa transitória. Eles se dividem, se envolvem em brigas de grupos.*

**— Mas, atualmente, qual é a perspectiva de mudança na Argentina?**

*— Na Argentina, você sabe, a coisa atingiu um ponto extremo, mas creio que um dia as coisas vão mudar.*

**— Como político, permitem que o Senhor tenha uma atuação normal?**

*— Naturalmente que os políticos na Argentina não estão tendo uma atividade normal, porque os partidos foram suspensos. Mas em nosso partido, que tem 90 anos de existência, estamos acostumados com golpes e mudanças. Infelizmente, a violência sempre esteve presente na política da Argentina, mas a experiência ensina que os Governos de força não duram muito tempo.*

**— Como homem de partido, qual tem sido sua atuação?**

*— Bueno, nós fazemos reuniões, discutimos a situação, damos entrevistas à imprensa, que naturalmente não são publicadas por causa da censura. Então, às vezes, damos umas entrevistas que são publicadas.*

**— O senhor quer dizer: dão entrevistas publicáveis?**

*— Sim, sim.*

**— Como vê a situação política da América Latina?**

*— Creio que se está chegando a um processo natural de esgotamento dos extremismos. Me parece que todas as ortodoxias, à esquerda e à direita, estão em decadência em todo o mundo. Nos próprios países comunistas a discussão está acesa. Creio que o questionamento das ortodoxias está exercendo influência até nos processos políticos dos países europeus. A Espanha é um exemplo. Saiu da ditadura franquista e nas últimas eleições, ao contrário das previsões, que anunciavam uma vitória da esquerda, a maioria do povo espanhol votou no centro. Também na América Latina, creio que a maioria do povo repudia os extremismos.*

**— O peronismo morreu, doutor Illia?**

*— Não! O peronismo continua vivo. Acaso morreu o nazismo na Alemanha? Ou o fascismo morreu na Itália? Não, o peronismo não morreu, lamentavelmente.*

**— Como o Senhor explica a força do peronismo na Argentina?**

O doutor Illia acende um cigarro, dá uma longa tragada:

*— Eu não explico, lamento-o.*

# Sonho democrático em Caracas

Nos últimos dias do Governo Perez, houve em Caracas um colóquio sobre Democracia — Perspectivas e Frustrações, para o qual foram convidados 27 ex-presidentes constitucionais da América Latina, inclusive Jânio Quadros, que não compareceu. Promovido pela Universidade Simón Bolívar, (USB), que se interessa muito por questões políticas (tipo Unicamp), o encontro se realizou de 6 a 8 de março com a presença de 13 dos ex-presidente convidados.

Entre eles figuras proeminentes como Eduardo Frei, Arturo Illia, Luís Echeverria, Fernando Belaunde Terry. Cada um fez um discurso (que serão publicados em livro pela SUB) e houve debates, encerrados por uma *Declaração de Caracas*, redigida pelo ex-presidente chileno.

De perspectivas, os 13 velhinhos pouco deixaram, pois seus discursos estavam carregados da tradição liberal-democrática e até mesmo populista, cultivada por vários deles quando no Poder. Em todo o caso, ouviram-se algumas análises dos mecanismos que levaram estas nações à frustração democrática. Outros ficaram no terreno das indagações, ou reproduziram velhos conceitos e definições da democracia formal.

O do ex-presidente colombiano Alfonso Lopez Michelsen, por exemplo, colocou a importância da reformulação e adaptação dos partidos políticos. Não é apenas a manutenção das liberdades já consagradas, nem o crescimento econômico, em sua opinião, que justificariam a sobrevivência dos partidos numa democracia pluralista. "É preciso avançar, buscando novos territórios... O primeiro deles é a distribuição de renda". E alertou: "...não morram os partidos montando guarda nos sepulcros onde jazem conceitos fecundos no seu tempo, mas que já perderam seu valor".

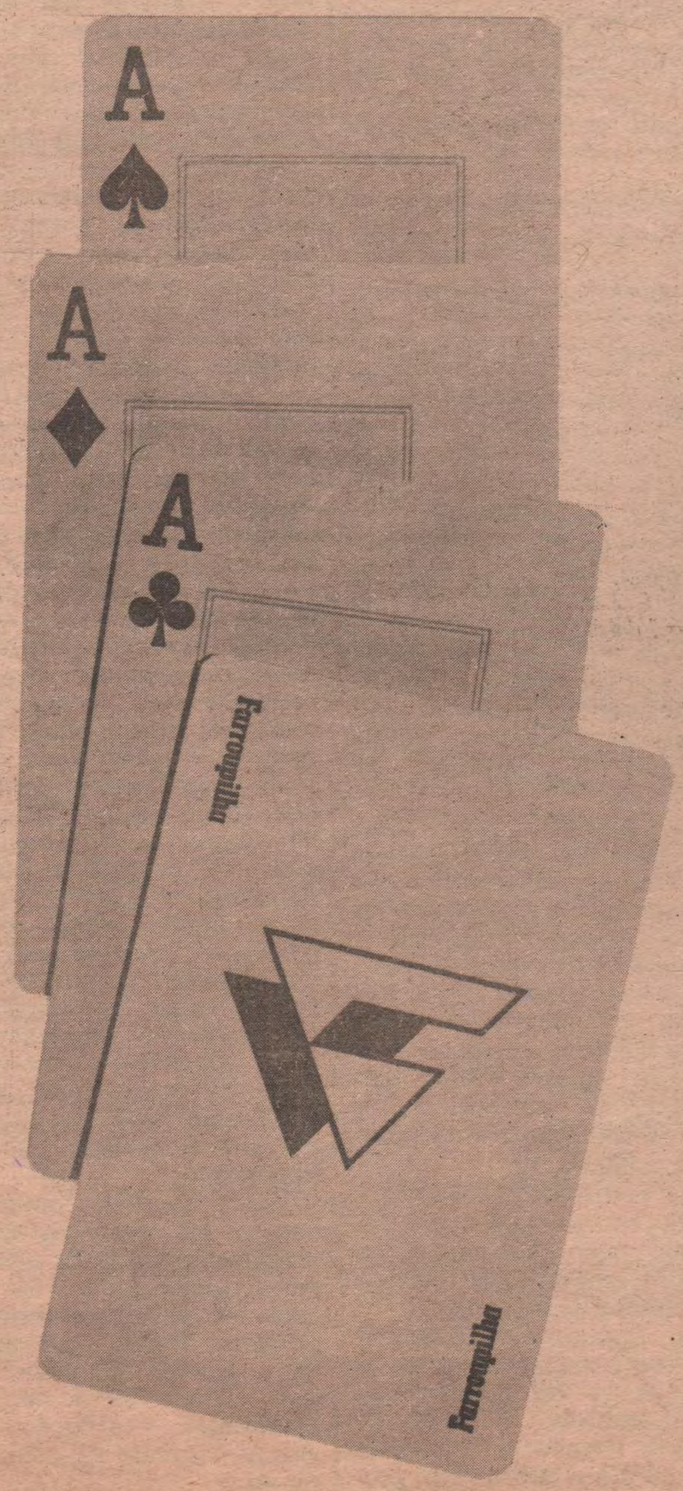


Foto "El Universal"

**Os ex-presidentes reunidos em Caracas: da esquerda para a direita, Eduardo Frei (Chile), Alfonso Michelsen (Colômbia), Arturo Illia (Argentina), Joaquim Trejos (Costa Rica), Pastrana Borrero (Colômbia), Belaunde Terry (Peru), Luis Echeverria (México), Galo Plaza (Equador), Rafael Caldera (Venezuela), Bustamante y Rivero (Peru), Ramon Cruz (Honduras) e Juan Bosch (Rep. Dominicana)**




# A Farroupilha põe na mesa seus trunfos.




- SALA DE IMPRENSA. Cândido Norberto.
- CORRESPONDENTE GBOEx. Notícia.
- OPINIÃO JOVEM. A palavra do deputado Fogaça.
- CONGRESSO, ASSEMBLÉIA, CÂMARA, AÇÃO! O que fazem e o que dizem nossos deputados, senadores e vereadores.
- TRIBUNA FARROUPILHA. Tudo sobre o Legislativo e o Executivo.
- OPINIÃO PÚBLICA. Telmo Tartarotti e os fatos do dia.
- CLÍNICA ABERTA. Orientação médica, num programa escrito e apresentado por médicos.
- ERNANI BEHS E A CRÔNICA. A mais bela voz do Rio Grande interpretando as mais belas crônicas.
- NOTÍCIAS FARROUPILHA. Sínteses diárias.
- O TEMPO E O VENTO. A previsão do tempo ... e do vento.
- O PODER DA MENTE. As maravilhas da mente humana desvendadas pelo hipnólogo Carlos Alberto Dariano.
- O MUNDO YOGA. Cora Torres desvenda o hermético mundo do Yoga.
- FOTOGRAFE COM A FARROUPILHA. A arte e a técnica da fotografia com Assis Hoffmann.
- BOM DIA, ALEGRIA. O bom humor de todo o dia.
- CARTAZ FARROUPILHA. Especiais de sábados e domingos com uma hora de boa música.
- LOTERIA AO VIVO. Quem ganhou ... quem perdeu.
- FARROUPILHA ECONOMIA. A bolsa de Chicago e suas cotações.
- TANGO FARROUPILHA. Meia hora de música portenha.
- ELES E ELAS. Música e variedades com Homero Coimbra e Maria Ieda.
- SABER FARROUPILHA. Viagem diária pelos caminhos do saber.

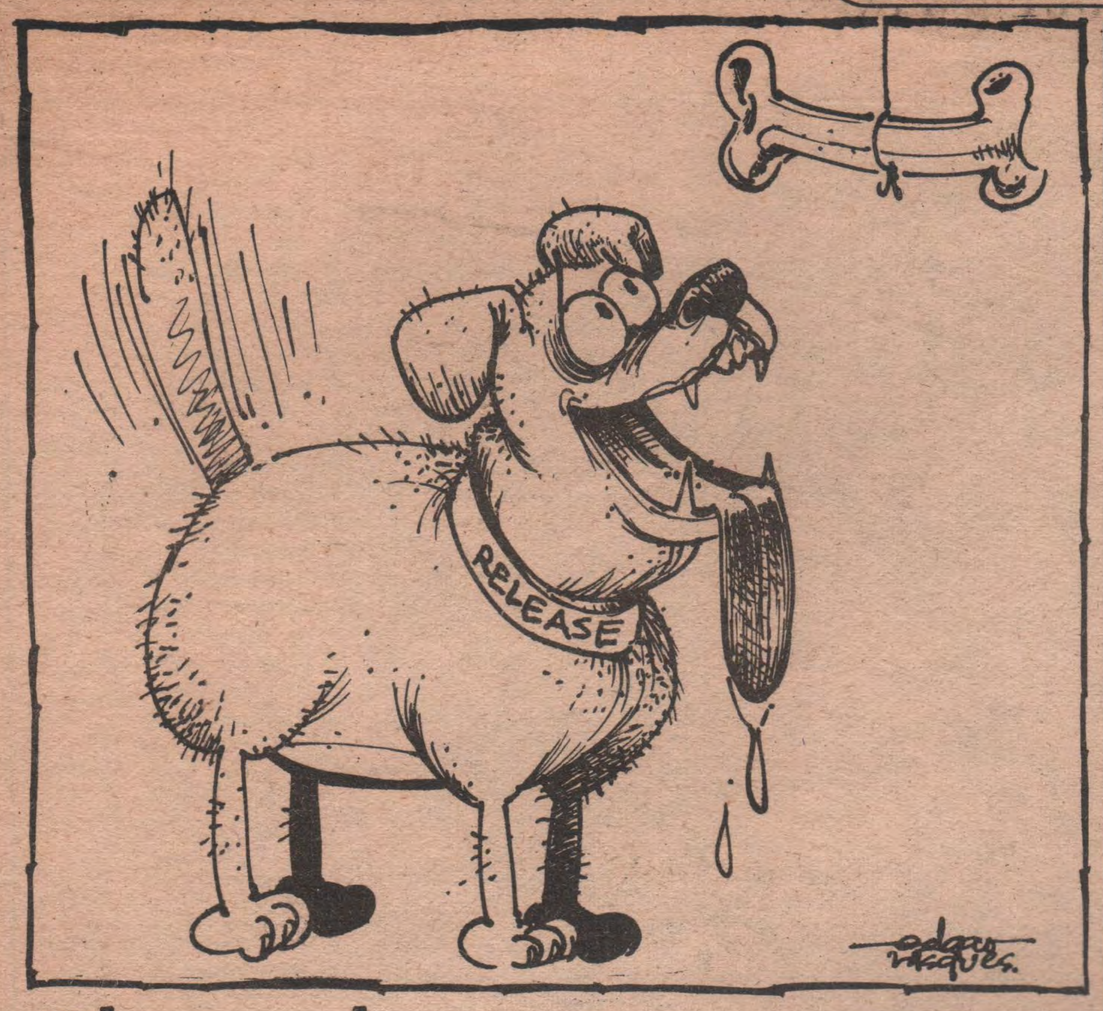
A Rádio Farroupilha lançará, a partir de abril, uma programação à altura do seu prestígio de emissora mais ouvida no Estado e a única com canal exclusivo internacional.

# Entre nesta parada. Você só tem a ganhar.

## RÁDIO FARROUPILHA - 600 kHz

Mensagens que vão mais longe.

marca




# Chunchos e jabaculês em tempo de abertura

Herança do famigerado DIP — Departamento de Imprensa, e propaganda do Estado Novo — os setores de *press releases* dos Governos se expandiram no Brasil nos últimos 40 anos e, notadamente, nos últimos 10 ou 12 anos. No Paraná, onde alguns ex-funcionários do antigo DIP implantaram o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), fez-se escola, fonte onde comunicadores do Rio Grande do Sul foram beber *know how* quando o Governo de Peracchi Barcelos quis reorganizar o incipiente setor já existente no Palácio Piratini (hoje organizado, ampliado, e fornecendo boa parte das notícias que os jornais gaúchos publicam).

Agora, o novo governador paranaense, Nei Braga — que no seu primeiro Governo fomentou como poucos a indústria do *press release* — surpreendeu os paranaenses, determinando o fim dos maçudos boletins diariamente produzidos por redatores oficiais, versões unilaterais de atos do Governo, remetidas aos jornais, rádios e TVs. Quase simultaneamente, o governador de Sergipe, Augusto Franco, determinou medida idêntica e até a prefeitura do Rio de Janeiro demonstrou simpatias pela atitude tomada por Nei Braga.

No Paraná, na esteira do DEIP, vieram as gordas e misteriosas gorjetas até hoje recebidas por jornalistas e conhecidas como *jabaculê*. Posteriormente passou-se ao *chuncho*, dinheiro que em vez de ser dirigido ao bolso de jornalistas influentes passou a desembocar diretamente na contabilidade das empresas. No último Governo, o de Jaime Canet Júnior, os *press releases* tinham aproveitamento garantido pois as empresas — rádios, jornais e televisão — recebiam pela sua divulgação.

Ao anunciar a medida, Nei Braga garantiu que em seu Governo os jornalistas terão acesso fácil e direto às informações, o que lhe valeu elogios. Os empresários do setor de comunicações viveram um rápido período de inquietações, mas logo foram tranqüilizados com outra notícia. O Governo convocou, uma a uma, as oito agências de publicidade de Curitiba que, junto com o Secretário de Imprensa, Cleto de Assis, deverão encontrar a imagem ideal para o novo produto a ser vendido: o Governo do Estado. "Não haverá subvenção aos jornais e sim campanhas publicitárias de cliente para cliente", justifica Cleto de Assis. Quer dizer o Governo será um grande anunciante suficientemente importante para continuar merecendo um amplo noticiário simpático a sua atuação.

Há problemas de outra ordem. As matérias oficiais encaminhadas pelo Palácio Iguaçu abasteciam, diretamente, 241 emissoras de rádio e jornais do Paraná, sendo que a maioria destas preenchiam pelo menos 50% de seus espaços com essas notícias. A dependência é tal que em Paranaguá, a 90 quilômetros de Curitiba, o diário *O Imparcial* ficou numa situação inusitada. Desde o dia 15 de março, seu telex emudeceu, pois sua única função era receber notícias diretamente da sala de imprensa do Palácio Iguaçu.

Segundo Maurício Vitor de Souza, 30 anos, editor de *O Imparcial*, "quem publicava mais *releases* ganhava maiores fatias do bolo do Governo". Mas, mesmo encontrando dificuldades para fechar as edições do jornal, em virtude do súbito corte do noticiário do Palácio, Maurício saudou como "sensacional" a atitude de Nei Braga e acrescentou: "O Governo está equivocado ao imaginar que o leitor é burro e não vê que aquilo é matéria encomendada, igual a um pão de forma, estereotipado".

Outros "estão desesperados", como contou Ari Miles, diretor do semanário *Traço de União*, tiragem de 10 mil exemplares, editado em União da Vitória e que circula por 30 municípios na divisa do Paraná com Santa Catarina. "Mantínhamos uma reciprocidade com o Governo. Publicávamos as matérias e aumentávamos o nosso faturamento", disse Miles. E advertiu: "O Braga precisa saber que nós formamos uma opinião pública favorável ao Governo. O Canet que era bom nisso, tanto que se virasse candidato a qualquer coisa levaria 90% dos votos aqui da região".

Desde o dia 15 de março, a Secretaria de Imprensa do Palácio Iguaçu tem evitado fazer chegar às redações qualquer matéria com texto pronto. Envia, basicamente, informações sobre a agente do Governador. Dentro deste espírito, no dia 30 de março, a Secretaria da Saúde, e Bem-Estar enviou um curioso *release* aos chefes de reportagem. Em duas laudas, encaminhou, sem qualquer explicação, 23 conselhos sobre cuidados no tratamento da sarna e dos piolhos. Nas redações ficou uma dúvida: seria uma mensagem para os repórteres entenderem algo sobre piolhos ou sarna, ou, como desconfiaram alguns, uma crítica pouco sutil a alguns repórteres acusados de andar, segundo os conceitos oficiais, mal vestidos e pouco asseados em solenidades?

**Walter Moraes**

# Uma TV contra duas ditaduras

Está no ar, desde o dia 10 de março, a quinta emissora de televisão de Porto Alegre — a TV Guaíba, canal 2, de propriedade do mais tradicional grupo jornalístico do Rio Grande do sul, a Companhia Caldas Júnior (Correio do Povo, Folha da Manhã, Folha da Tarde e Rádio Guaíba).

Adiado duas vezes em função de inúmeras dificuldades, o lançamento não se deu em condições ideais. A nova emissora, investimento entre 60 e 70 milhões de cruzeiros, entra no ar com menos de um terço das suas necessidades reais de equipamentos, com uma programação pensada em 40 dias e cobrindo apenas uma parte do horário normal.

Por trás dessas dificuldades, porém, uma proposta sempre sonhada e raras vezes oferecidas aos profissionais brasileiros de TV: a independência do jugo imposto pelas cadeias nacionais, controladas por emissoras do Rio e São Paulo. Até quando a TV Guaíba manterá sua pretensão inicial é uma questão que a própria equipe, embora confiante se coloca.

É questão fechada pelo diretor-presidente da Companhia Jornalística Caldas Júnior, Breno Caldas, a não filiação a qualquer rede. "Isso nos dá independência com o público, liberdade para colocar cada programa no horário que lhe é conveniente e não nos rabichos de tempo da transmissão nacional. Temos liberdade para mudar a programação à hora que acharmos interessante", assegura o diretor de programação, Clóvis Prates.

A pretensão vai ao ponto de a direção da Caldas Júnior, como já faz com a Rádio Guaíba, desprezar por completo o Ibope, o IVC (Instituto Verificador de Circulação) ou qualquer tipo de aferição padronizada. "Não estamos preocupados em competir com a novela, com a audiência massificada, mas em oferecer uma opção ao telespectador. Queremos um público intelectualmente mais elevado", expõe Prates. Ele acredita que a Guaíba conseguirá uma boa fatia desse público, "que tem sede de diálogo com o televisor".

Limitada pela falta de equipamento, a equipe foi obrigada a dividir a programação em fases. Na fase I — a atual — nada mais do que uma etapa experimental, que deve durar até junho, está sendo veiculada produção local e nacional (programas comprados da TV-2 Cultura, da TV Silvio Santos e das distribuidoras internacionais). Os programas locais — onde predominam os temas políticos, econômicos ou esportivos — procuram valorizar o debate, ingrediente um tanto esquecido pelas nossas televisões de pós-64. Neste primeiro mês, a Guaíba tem colocado ao espectador temas tão polêmicos como a inflação, a denúncia vazia, o seqüestro do casal de uruguaios em Porto Alegre. "Em horário nobre, já temos mais produção local que a soma das outras emissoras (Piratini, Gaúcha, Difusora e a TV Educativa, estatal)", calcula Prates.

As chefias contratadas pela Caldas Júnior contam com dois outros valiosos trunfos para quem pretende fazer uma TV independente e de qualidade: carta branca da direção e tempo para elaborar os programas. Um terceiro elemento indispensável: bons salários, pelo menos para o mercado local. Um repórter de quatro horas ganha Cr$ 9.000,00, passando a Cr$ 9.600,00 em maio, informa Prates, também responsável pelas contratações, enquanto um da TV Difusora, por exemplo, recebe hoje Cr$ 4.300,00.

Com orgulho, Prates e Nelci Castro, o gerente de produção, afirmam que a ênfase para a programação local causou um tumulto (no bom sentido) no apertado mercado profissional gaúcho.

"Da Gaúcha, tiramos quinze profissionais, da Difusora treze, só para as áreas de produção e de programação (repórteres, cinegrafistas, editores de imagem, diretores e outros), ganhando desde 20% a mais até o dobro. Tem gente que quer vir por menos ou pelo mesmo salário, por estar descontente com seu emprego", afirma Prates. Claiton Selistre, gerente de telejornalismo, atesta: "Tenho mais de sessenta fichas preenchidas de candidatos a minha área, uma loucura. A TV Gaúcha elevou os salários para poder segurar o pessoal".

Embora pagando o equipamento norte-americano, que ainda não tem data certa para chegar, mas é aguardado para maio/junho, a emissora adquiriu outros que não condizem com a sua filosofia de operação. "O problema", diz o gerente de produção, "não é botar uma emissora no ar, mas sustentá-la, como estamos fazendo". O ideal, segundo ele, seria começar em julho, pois a preparação de uma nova emissora leva no mínimo seis meses. Por enquanto, a TV Guaíba opera com uma estação móvel equipada com quatro câmeras (duas fixas e duas semi-portáteis), 1 câmera portátil e 2 filmadoras.

Para a fase II, quando os norte-americanos e japoneses já tiverem enviado as sete câmeras portáteis com vt (vídeo teipe) e as três ilhas de edição de vt, a Guaíba entrará com os noticiosos, programas do dia-a-dia e ampliará a cobertura esportiva, ítens considerados como o *filé* da empresa Caldas Júnior.

O desafio mais difícil que a Guaíba enfrenta neste começo é na área comercial. No meio publicitário, há um consenso de que o mercado não comporta quatro emissoras comerciais, que pelo menos uma irá sucumbir na disputa. Acrescente-se a isso os quase quinze anos de domínio absoluto do mercado pela TV Gaúcha, canal 12, integrante da Rede Globo, que gera até mesmo os *pacotes* de espaços publicitários a serem divididos pelas suas filiadas, em cada praça.

"O trabalho tem sido duro, eu posso dizer", confessa um dos diretores do departamento comercial, Paulo Russomano, profissional com mais de trinta anos de experiência neste ramo. Entrando em março, a Guaíba ficou fora das verbas normais das agências e, por ser nova, sua programação ainda não captou a confiança dos mídias, embora elogiada pelos publicitários. O departamento comercial tem lutado para conseguir as verbas adicionais das agências. "Tem ainda a mudança de Governo, em que o pessoal está pensando onde e como vai aplicar o dinheiro", acrescenta Russomano.

Para tentar uma brecha, a Guaíba saiu com uma tabela abaixo do mercado, válida para estes três primeiros meses, e dela não se afasta, segundo orientação rígida da direção. "Perdemos negócio mas não vendemos por menos". Os concorrentes, porém, já contra-atacaram: com exceção da TV Gaúcha, que está tranqüila, as outras emissoras deram ampla flexibilidade às suas tabelas, chegando a reduzi-las à metade. Também barganham com o alcance de suas transmissões, enquanto a Guaíba, ainda está medindo até onde vai a sua imagem.

No contra-ataque estão previstas também mudanças nas programações. A TV Piratini, canal 5, terceira colocada em audiência no estado, prepara uma série de novos programas não só para a TV como para a Rádio Farroupilha, que receberá 21 programas bolados pelo seu novo diretor de programação, Flávio Alcaraz Gomes. Em relação à audiência, a Guaíba sofrerá mais um impacto: desde o dia 4 de abril está no ar a novela das 20 horas da Bandeirantes, retransmitida no Rio Grande pela TV Difusora. "Já pensou nós no meio disso tudo"? — pergunta Russomano.

Estas questões, porém, não preocupam os escalões mais altos da empresa, unânimes em afirmar que a Guaíba briga pelo segundo lugar. "Só fixaremos metas após estudar o comportamento dos três primeiros meses", garante o diretor do Departamento comercial, Enio Berwanger. Uma certeza pelo menos todos manifestam — a de que o grande pique virá no segundo semestre, quando o *filé* for ao ar.

**Lenora Vargas**

# Uma pergunta à América: os nazistas fizeram pior?



## *Por trás dos planos de emancipar os índios, um genocídio organizado*

Os planos do Governo brasileiro de *emancipar* os índios que têm provocado tantos protestos não são originais. A institucionalização do extermínio dos índios é uma prática antiga nos Estados Unidos, onde as idéias *emancipadoras* surgiram e, através dos anos têm encontrado o apoio das autoridades. Atualmente, o Congresso norte-americano examina mais de uma dezena de projetos-de-lei que têm entre si duas idéias comuns: liquidar os direitos dos índios e realizar sua assimilação forçada.

A maioria dos projetos tem o inocente aspecto de legislação "pró-índio" e seus nomes nem de longe sugerem os verdadeiros objetivos, como é o caso da "Lei sobre as possibilidades iguais para os americanos autóctones". Mas alguns autores desses diplomas legais humanitários não se preocupam com as aparências. Um exemplo é o congressista L. Meeds que não hesita em afirmar na exposição de motivos do seu projeto que os índios "foram longe demais nas suas tentativas de se autodeterminarem."

### ARTIMANHAS

Na verdade, esse esforço para "integrar o índio na sociedade", não passou de uma forma disfarçada de roubar as suas terras. Cerca de 90% do urânio prospectado nos EUA e um terço dos recursos de hulha do país estão em reservas indígenas. Segundo o tratado de 1868, firmado entre as lideranças índias e o Governo norte-americano, ainda em vigor, metade de todos os minerais extraídos nas reservas pertencente aos índios.

O desrespeito desta e de outras leis — através de artimanhas jurídicas ou mesmo de simples violação aberta — tem sido uma constante das grandes corporações empresariais.

Segundo um relatório de 1975 da Comissão Federal de Energia dos Estados Unidos foram extraídos de terras índias valores superiores a 2,7 bilhões de dólares em petróleo e gás; 200 milhões de dólares em carvão; 400 milhões de dólares em urânio; 434 milhões de dólares em chumbo, zinco, cobre e calcário. Em nenhum caso os índios ficaram com a metade prevista por lei.

Algumas empresas pagam taxas ridículas aos índios. É o caso do *rei da imprensa,* Randolph Hearst, que tem uma mina de ouro na reserva de Pine Ridge que já lhe rendeu bilhões de dólares. Os índios sioux que moran na reserva recebem pelo arrendamento um dólar anual por acre de terra...

Em apenas 20 anos — entre 1950 e 1970 — as corporações minerais ganharam mais de quatro bilhões de dólares em terras índias. Enquanto isso, o rendimento médio de uma família índia é quatro vezes mais baixo do que o nível médio dos EUA, ficando abaixo do chamado "limiar da pobreza". Doenças, subalimentação, mortalidade infantil são conseqüências comuns desta realidade. Enquanto a longevidade média nos EUA, segundo as estatísticas, supera os 70 anos, entre os índios não passa de 47, chegando a ficar abaixo de 35 no Alasca.

### GENOCÍDIO

O Movimento dos Índios Americanos, espécie de frente única que congrega índios de várias reservas no objetivo comum de defesa dos seus direitos, chega a falar num *genocídio organizado* para eliminar a raça. Assim, dizem eles, nas

**(Continua)**


**Óleo Mucama, o gostinho bom de todos os pratos.**




COTRIJUI
cooperativa regional tritícola serrana ltda.

mais de 100 reservas espalhadas pelo país, "que não passam de guetos imundos", vivem atualmente pouco mais de 500 mil pessoas de uma raça que, no passado, teve vários milhões.

Afirmam que as autoridades, atendendo aos interesses de grandes empresas, tentam de todas as maneiras quebrar a disposição dos índios de defenderam seus direitos, cultivarem suas tradições e, principalmente, terem suas terras. A *política de genocídio*, segundo o MIA, se manifesta entre outras formas, através da esterilização planificada das mulheres promovida pelas autoridades sanitárias, visando limitar ao máximo o desenvolvimento da população indígena. Atualmente, um quarto das mulheres indígenas em idade de procriar são estéreis. E desde 1965 o número de nascimentos nas reservas índias começou a baixar bruscamente.

Também são muito criticados os programas oficiais de assistência ao menor indígena que consistem, na prática, em separar as crianças de suas famílias e entregá-las a famílias brancas. O líder índio Leonard Peltier lembra a convenção da ONU sobre o genocídio, segundo a qual a separação em massa das crianças de seus pais, privando-as da herança cultural de seu povo, constitui uma forma de genocídio. Peltier — preso e condenado à prisão perpétua por crimes que nega ter cometido — é um exemplo da perseguição que sofrem os líderes dos movimentos índios. Eles são processados e condenados com um rigor raramente empregado contra brancos — ou mesmo contra negros — segundo estudos realizados.

A organização "Aborígenes Americanos Unidos" enviou ao Secretário da Justiça dos EUA um estudo, baseado em dados estatísticos oficiais, segundo o qual as autoridades americanas aplicam em relação aos índios uma política de perseguições e de repressões em massa. No estado de Montana, afirma a organização, onde os índios representam 3,7% da população, são 33% da população carcerária; no Minnesota, são 0,4% da população do estado e 12,5% dos presidiários, em Dakota do Sul, 7% da população e 32% dos presidiários; Dakota do Norte, 0,05% da população e 17,5% dos presidiários.

### FALSAS ACUSAÇÕES

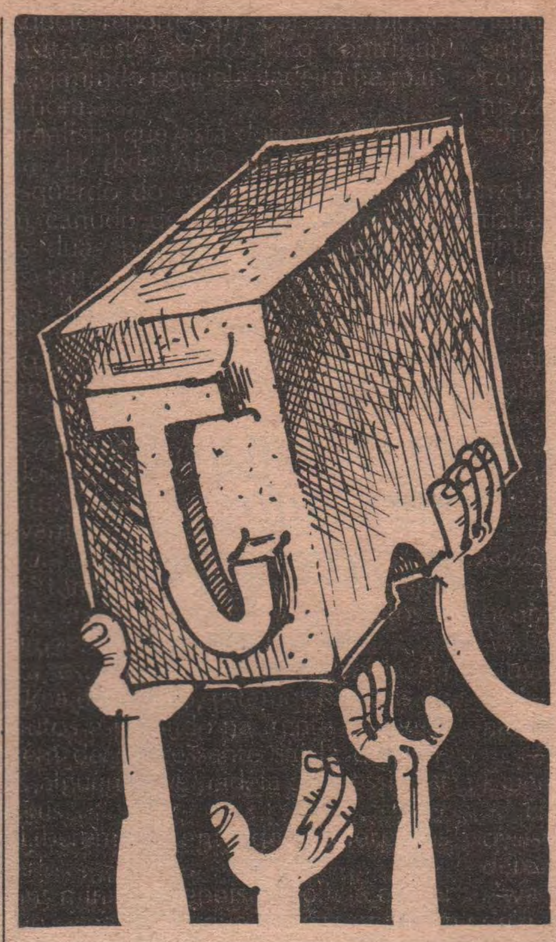
O surgimento de organizações índias, a intensificação da luta e atos como a ocupação de Wounded Knee, com o destaque para vários líderes que pediam o restabelecimento dos direitos dos índios à terra e aos recursos naturais, — tudo isso provocou a inquietação das grandes corporações e a oposição violenta das autoridades. No processo que condenou Leonard Peltier (um dos líderes de Wounded Knee), acusado de diversos crimes, há indícios claros de irregularidades: "As atas judiciárias do caso Peltier, afirma o Movimento dos Índios Americanos, provam que o FBI criou obstáculos ao exercício da justiça, fabricou testemunhas e intimidou-as para que fizessem falsas acusações".

Uma declaração dos índios de Dakota do Sul afirma: "O FBI, a CIA, o Bureau para Assuntos Índios e a Polícia local têm sistematicamente atormentado, maltratado e ameaçado pessoas de nacionalidade índia. Os agentes do FBI oferecem dinheiro e carros novos em troca de falsos testemunhos de índios contra outros índios nos tribunais, contratam mercenários para metralharem as casas dos simpatizantes do Movimento dos Índios Americanos e Assassinarem seus militantes".

O líder Peltier, julgado por um tribunal inteiramente branco (sua petição de jurados índios foi rejeitada), depois de condenado à prisão perpétua, falou sobre a luta dos índios: "Eu, Leonard Peltier, filho de pai chippewa e mãe sioux, pergunto-te, América: o teu genocídio contra nós difere do genocídio da Alemanha nazi contra o povo judeu?"

**José Antônio Pinheiro Machado,** Nova Iorque.

# Jornalistas já têm oito cooperativas



Em qualquer conversa entre jornalistas três assuntos despontam sempre: o mercado de trabalho destes profissionais é restrito, os salários são geralmente baixos e a participação do jornalista na linha editorial do veículo em que trabalha é quase nula.

E são estas questões que têm incentivado grupos de jornalistas a se reunirem em cooperativas — organização coletiva em que a participação de todos é garantida através de controles democráticos. Com isto, existem hoje oito cooperativas de jornalistas funcionando no País e pelo menos outras quatro poderão surgir em pouco tempo.(1)

A mais recente é a Coojornape — Cooperativa dos Jornalistas de Pernambuco —, fundada em 19 de janeiro com base nas idéias discutidas no I Encontro Nacional de Cooperativas de Jornalistas, realizado em setembro do ano passado em Natal.

Quarenta profissionais — o dobro do necessário para a fundação de uma cooperativa — participaram da primeira assembléia da Coojornape, que elegeu Isauva Accioly para presidente e Homero Fonseca vice-presidente.

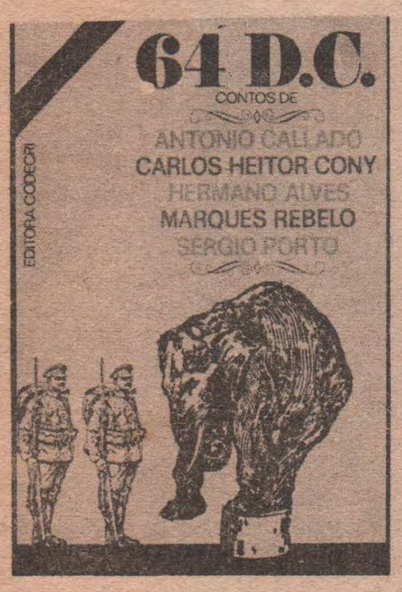
No dia 12 de dezembro fora a vez da Projornal, de Goiânia. Participaram da assembléia de fundação 29 jornalistas, que apoiaram a idéia da Projornal "após uma ampla discussão da opção cooperativista e com base na experiência da Coojornal de Porto Alegre", segundo a presidente eleita, Marli da Silva Brasil.

"A opção pela cooperativa", disse Marli Brasil, "prendeu-se ao fato de que esse modelo possibilita a absorção de profissionais, pode reorientar o próprio sentido da imprensa em Goiás e ainda deixa com os associados o controle de sua produção, podendo criar uma nova estrutura de produção e distribuição".

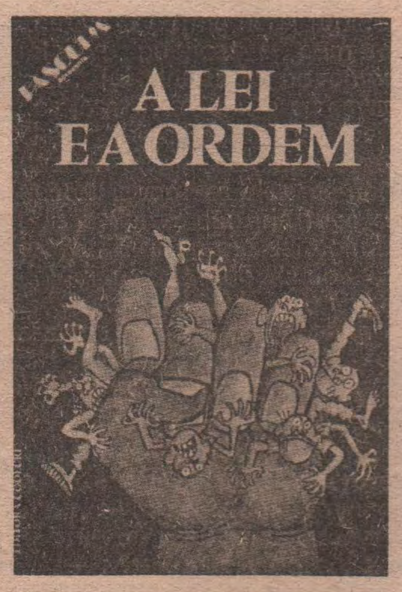
Outra cooperativa criada há pouco é carioca. No dia seis de novembro foi fundada a Coopim — Cooperativa dos Profissionais de Imprensa do Estado do Rio de Janeiro —, e eleito presidente o jornalista Fichel Davit Chargel.

*(1) As oito cooperativas funcionam, pela ordem de fundação, em Porto Alegre, Londrina, Santos, Salvador, Natal, Rio de Janeiro, Goiás e Recife. E há movimentos para a criação de outras em São Paulo, Fortaleza, Brasília e Maceió.*


# CODECRI. A EDITORA QUE VAI FUNDO.



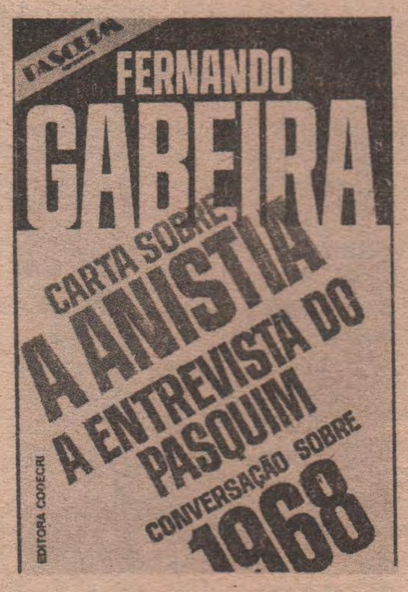

Ref. 43 - **64 d. C.**
Antônio Callado, Carlos Heitor Cony, Hermano Alves, Marques Rebelo, Sérgio Porto.
128p. Cr$ 85,00



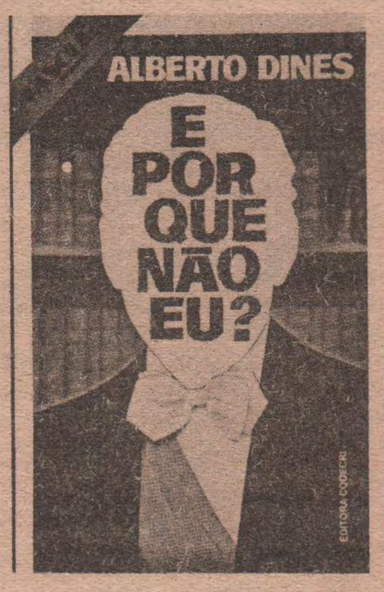

Ref.45 - **A lei e a ordem**
Armindo Blanco
157p. Cr$ 140,00




Ref. 47 - **Tem piranha no pirarucu & As folias do látex**
Márcio Souza
110p. Cr$ 100,00




Ref. 48 - **Carta sobre a anistia**
Fernando Gabeira
80p. Cr$ 65,00




Ref. 50 - **E por que não eu?**
Alberto Dines
73p. Cr$ 85,00

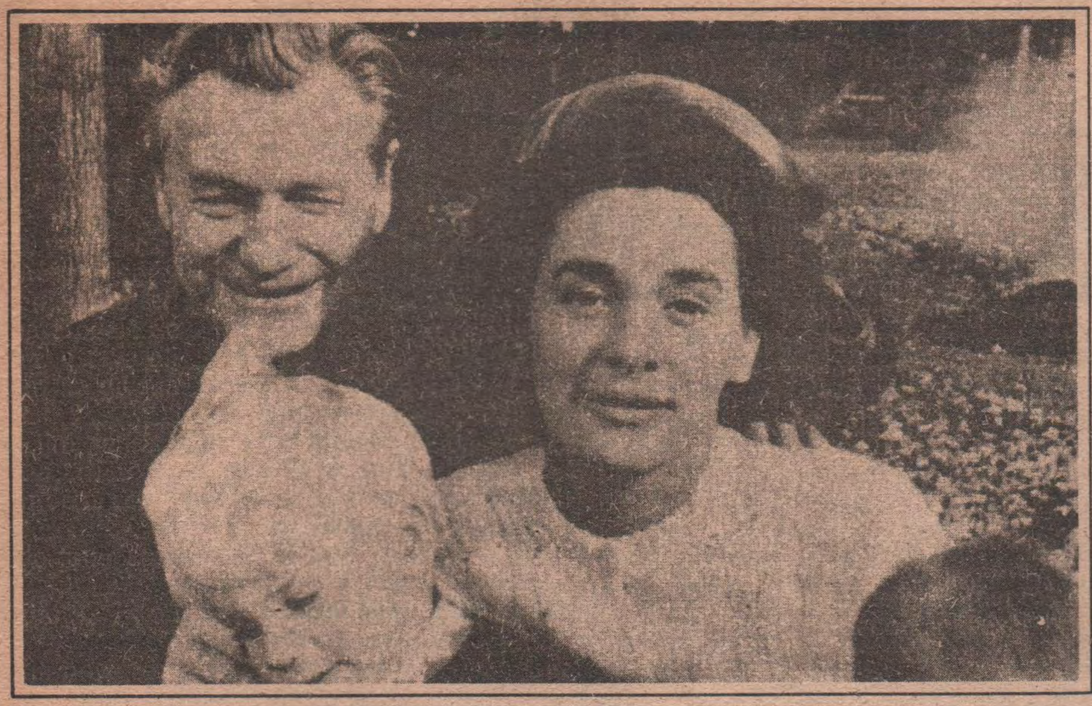
**Compre hoje mesmo, nas livrarias ou pelo Reembolso Postal.**




CODECRI
A EDITORA DO RATO QUE RUGE.

EDITORA CODECRI — Serviço de Reembolso Postal
Rua Saint Roman, 142 — Copacabana
22.071 — Rio de Janeiro — RJ
Queiram enviar-me os livros abaixo assinalados:

Nome: .....
Endereço: .....
Profissão: ..... Idade: .....
CEP: ..... Cidade: ..... Estado: .....
Assinatura: .....
Referência: (assinale aqui os livros que você quer ler):
43 | 45 | 47 | 48 | 50



**Rocky com a mulher e os filhos**

comigo exatamente na direção que eu havia lhe pedido, no caminho da entrada principal da Riverside Church. Quando chegamos em frente à igreja ele mandou eu subir a escadaria.

— Vai lá, a festa já deve ter começado.

Antes da entrada da igreja dois agentes me desviaram para uma porta lateral, onde havia uma placa: "Área de serviço: Imprensa". Confesso que entrei ali emocionado pela possibilidade que surgia agora para entrevistar os amigos íntimos de Rockefeller. Logo adiante, porém, surgiu outro policial na minha frente, já dentro da igreja:

— As suas ordens, em que eu posso ajudá-lo?

Passei os olhos rapidamente pela sala e vi que ali não tinha altar, não tinha padre, nem banco de missa, embora estivesse lotada de gente.

— Por favor, sou repórter brasileiro e quero entrevistar o presidente Carter. Já, de preferência.

— Brasileiro! Então seja bem-vindo, sinta-se à vontade, peça-nos o que você quiser.

— O presidente Jimmy Carter, por favor, onde está ele...

— Sim, sim. Ele está ali, olhe, cercado pelos seus colegas.

Certo de que Carter estivesse dando entrevista eu me livrei rápido do policial-relações públicas e, com microfone na mão, fui entrando no empurra-empurra dos jornalistas que o cercavam. Eu queria chegar bem perto do Presidente, mas quando passei a frente de três correspondentes japoneses eles me pediram calma, pois o Carter não iria fugir dali onde ele estava. E aí eu me dei conta do absurdo, do ridículo de tudo aquilo.

Quando percebi que Carter estava ali, mas na tela de um aparelho monitor de um circuito interno de televisão, saí irritado do empurra-empurra e fui me queixar ao relações públicas.

— Ei amigo, eu lhe pedi pra entrevistar o Carter, mas eu quero ele pessoalmente.

— Mas ele está ali ao vivo, é transmissão direta, você não acredita?

— Mas é que eu não gosto de assistir televisão, prefiro um contato pessoal, breve que seja.

— Por quê? O que você quer saber dele?

— Perguntar qualquer coisa, sobre a morte de Rockefeller, por exemplo.

— Ah, sim. Fácil. Porque você não me avisou antes? Eu já teria resolvido esse seu problema.

Imediatamente fui apresentado a três mulheres americanas e uma delas, uma loira elegante como as outras, bonita, vestida de preto, ficou encarregada de resolver o meu problema.

— Ele é brasileiro e precisa de informações — disse o relações públicas.

— Com todo prazer — respondeu a loira, e me apontou para uma mesa onde havia oito pilhas de *press-releases*. — Todas as reportagens que você precisa mandar ao seu país, estão aqui prontas. Temos o perfil de Nelson Rockefeller em 10 laudas, um depoimento original de Kissinger, um histórico e dados completos desta igreja, uma matéria sobre a ascensão...

— Ótimo, obrigado. Mas eu também gostaria de falar com as pessoas que estão na missa. Você me levaria até lá dentro? Deve ter alguma conexão daqui para o salão da igreja, não é?

— Bem, se você não está se sentindo bem aqui, você tem outra opção. Temos uma sala anexa. Para seu maior conforto dispõe de 4 monitores de imagens coloridas, máquinas de escrever, mesas espaçosas, cabines telefônicas, laudas e serviços de café e de bar à sua disposição.

Como não adiantaria continuar insistindo a entrar na missa, concordei em visitar a tal sala confortável. Quando entre ali era meio-dia e pelo menos dezenas de repórteres, fotógrafos e cinegrafistas tomavam café com leite, sucos de frutas e sopas de legumes enquanto assistiam o discursos de David Rockefeller no monitor, o mesmo discurso que todos receberam em *press-releases*.

Uma cobertura de imprensa original para os meus olhos. A princípio pensei que meus colegas (eram mais de 300 jornalistas americanos e estrangeiros) estivessem tirando um *break* para o almoço. Mas não era nada disso, era trabalho mesmo, embora a única tarefa dos caras era de levantar e baixar a cabeça, olhar o prato, a televisão, e vice-versa.

O que me pareceu mais absurdo é que todos aqueles profissionais vestiam terno e gravata, pareciam compenetrados na cobertura e estavam levando a sério o trabalho. Inclusive havia os mais esforçados, ou talvez mais criativos, como o repórter da *Voz da América*, que transmitia um *boletim* para a sua emissora. De pé em frente ao monitor, com um enorme gravador a tira-colo, ele fazia comentários sobre as imagens do circuito de televisão.

— Uma calorosa despedida ao nosso ex-governador e ex-vice-presidente. A dor está estampada nos olhos dos familiares, dos amigos e do povo de um modo geral...

E o repórter da Voz da América não gostou quando viu que eu estava gravando o que ele transmitia. Acabado o boletim deu a maior bronca:

— Você é da C.I.A.? Vou te denunciar aos colegas...

Talvez ele não tenha me denunciado realmente porque em seguida houve confusão geral no salão. Havia chegado a hora da coletiva com o Kissinger. Mas desta vez eu não me precipitei. Pedi um copo de sopa ao garçom e fiquei observando.

Estranho, os jornalistas deixaram Kissinger falando sozinho no monitor e estão todos aglomerados em volta de uma mesa, longe da tevê.

— O que está havendo ali, garçom?

— É a briga pelo buraco.

— Que buraco?

— O buraco do plug. Você não tem plug? Então mete ele lá no amplificador e aí grava a entrevista direta do monitor, sem interferência nenhuma.

— Mas parece que não tem buraco pra todo mundo?

— De fato, esse é o maior problemas dessas coletivas.

Uns dez jornalistas ficaram sem buraco, mas o problema foi resolvido pelo repórter da rádio *WNBC*. Ele sugeriu que eles botassem seus plugs no áudio dos gravadores ligados ao amplificador e assim o problema foi solucionado. Aproveitei para entrevistá-lo:

— Uma idéia brilhante, amigo.

— É, nessa profissão a gente tem que usar a cabeça, embora nem todos pensem assim. Tem pessoas que não merecem trabalhar nessa profissão.

— Quem, por exemplo?

— Aquele repórter ali, por exemplo, é um parasita, está vendo? Não contribui, ele está dormindo naquela cadeira há mais de meia-hora.

O jornalista que está dormindo, tem o emblema da rede ABC de televisão no braço esquerdo do casaco. Está sentado, com um canudo de plástico na mão direita, as duas pernas apoiadas, com os dois pés cruzados, sobre a cadeira. Usa óculos, a barba está um pouco suja de sopa de cenoura e ele parece dormir profundo, e de boca aberta.

Pouco antes das 13h, Henry Kissinger acabaria o discurso e todos jornalistas bateram palmas. A cerimônia estava chegando ao fim. Os fotógrafos quando viram, através do monitor, que as pessoas começavam a sair da missa, saíram correndo para fotografá-los lá fora. Os repórteres também desligaram seus gravadores e em menos de cinco minutos a sala da imprensa ficaria vazia.

Agora estamos assistindo à saída da missa. Uma decepção, estamos há mais de dez minutos esperando na frente da igreja e ninguém de interessante sai lá de dentro. Mas alguém teve a idéia de pressionar os policiais.

— Liberem a entrada! Queremos trabalhar!

Alguns minutos depois, a polícia cedeu à pressão e permitiu que entrássemos na igreja. Era tarde. A igreja estava vazia, eles tinham aplicado o velho plano de usar uma porta secundária como saída.

Apesar de enganados, nenhum jornalista reclamou. Ao contrário, pareciam entusiasmados. Fotografavam e filmavam coisas como as flores que o ditador Somoza enviou, o livro de assinaturas dos convidados, as velas, Cristo crucificado.

Não consegui entender por que os meus colegas ficaram quase uma hora trabalhando dentro da igreja vazia. Nenhum deles parecia ser inexperiente. Afinal, até o famoso Jim Jensem, repórter da rede CBS de televisão, uma espécie de Hélio Costa da tevê americana, estava ali ensaiando sobre o altar a abertura da sua matéria para o noticiário das 23h.

Como achei um absurdo Jim Jensem contar ao telespectador a história do adeus que ele assistiu também como telespectador, fui entrevistá-lo.

— Jim Jensem, gostaria de falar com você.

— Pois não, só um minuto. Estou ocupado, percebe?

Esperei alguns minutos e fiz nova tentativa.

— Jim, é uma entrevista para um jornal brasileiro.

— Brasil? Que maravilha, pergunte... Espere, espere um segundo. Percebe?

Esperei quase meia-hora e acabei desistindo porque as mulheres não o deixavam em paz. A cada instante chegava uma garota, agarrava-se na cintura dele e ele me dizia, percebe? E como havia muitas mulheres esperando para serem fotografadas ao lado dele, inclusive fotógrafas, não esperei, fui embora.


**Os dez dias que abalaram o mundo, a origem do capital, a nova mulher e outros assuntos reunidos numa coleção revolucionária.**

COLEÇÃO BASES, da GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA.
Textos relevantes, acessíveis ao grande público, nos mais diversos domínios, necessários à sua formação cultural básica.

**A1 JOHN REED**
"DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO" 2ª ed.
O mais vivo relato jamais publicado dos dramátiuos acontecimentos que tiveram lugar na Rússia em 1917. Cr$ 90,00.

**A2 MAIAKÓVSKI**
"POÉTICA — COMO FAZER VERSOS"
Trata-se da mais importante obra teórica de Maiakóvski.

**A3 KARL MARX**
"A ORIGEM DO CAPITAL: A ACUMULAÇÃO "PRIMITIVA"
Mostra objetivamente de que modo teve início o processo de acumulação do capital. Cr$ 50,00.

**A4 MARTA HARNECKER**
"O CAPITAL — CONCEITOS FUNDAMENTAIS"
A autora assinala com grande precisão a validade teórica atual de "O Capital" e propõe um rigoroso plano de leitura destinado àqueles que se iniciam no seu estudo. Cr$ 80,00.

**MANUAL DE ECONOMIA POLÍTICA**
LAPIDOS E OSTROVITIANOV

**A5 TURGOT**
"REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DAS RIQUEZAS.
**KARL MARX**
"TEORIA DA MAIS VALIA: OS FISIOCRATAS". Cr$ 70,00.



**A6 ALEXANDRA KOLLONTAI**
"A NOVA MULHER E A MORAL SEXUAL"
Alexandra, porta-voz de uma visão ideológica de classe. Cr$ 60,00.

**A7 LEON TROTSKI**
"COMO FIZEMOS A REVOLUCÃO"
Os métodos, a organização e a estratégia utilizados na Revolução de Outubro. Cr$ 50,00

**A8 WILHELM REICH**
"PSICOPATOLOGIA E SOCIOLOGIA DA VIDA SEXYUAL". Cr$ 140,00.

**A9 LENIN**
"AS TRES FONTES E AS TRÊS PARTES CONSTITUITIVAS DO MARXISMO". Cr$ 50,00.

**A10 STALIN**
"MATERIALISMO DIALÉTICO E MATERIALISMO HISTÓRICO". Cr$ 40,00.

**A 11 — V.I. LENIN**
"COMO ILUDIR O POVO"
Um vigoroso discurso, no qual o autor procura desmistificar os *slogans* de liberdade e igualdade.

**A 13 — F. ENGELS**
"DO SOCIALISMO UTÓPICO AO SOCIALISMO CIENTÍFICO"
Uma linha definida desde o socialismo como teoria até sua aplicação prática na sociedade.

Faça já seu pedido. Peça ainda hoje pelo Reembolso Postal.
Preencha o cupom abaixo.

Queiram enviar-me os livros abaixo assinalados com um X:

A1.... A2.... A3... A4.... A5.... A6.... A7.... A8.... A9.... A10.... A11.... A13
NOME: .....
RUA: ..... BAIRRO: .....
CIDADE: ..... CEP: ..... ESTADO: .....

Global Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Comendador Coruja, 372
90.000 — Porto Alegre — RS

ASSINATURA

Ponha logo no correio

* Não cobramos despesas de remessa.

ENTREVISTA

# ASSIS BRASIL

## O chefe militar de Jango fala da queda e do mito da disciplina nas Forças Armadas

Por João Carlos Ferreira



Antônio Vargas

**"Condenam Jango pela indisciplina nas Forças Armadas, mas isso sempre houve"**

O general Argemiro Assis Brasil ficou conhecido como "o homem encarregado de montar o dispositivo militar para sustentar Jango no poder". Participou de todos os lances da queda do Governo e acabou sendo o companheiro de Jango na viagem para o exílio, feita num pequeno avião que pousou em várias estâncias da fronteira, antes que o Presidente deposto se convencesse de que precisava sair do País para não ser preso.

Ele diz que não havia dispositivo e ainda hoje não encontrou uma explicação para a sua nomeação como chefe da Casa Militar de Goulart, pois não tinha intimidade com o Presidente e não tinha atuação política.

Gaúcho de São Gabriel, hoje com 70 anos, Assis Brasil foi contemporâneo no Colégio Militar de Porto Alegre do ex-presidente Ernesto Geisel e aluno na Escola de Comando do Estado Maior de Castelo Branco que, mais tarde, como primeiro Presidente da República no chamado ciclo revolucionário, iria demitilo do Exército. Ao contrário da grande parte dos integrantes do Governo deposto em 64, ele não quis ficar no exílio. No mesmo dia em que chegou a Montevidéu, levando Jango, telegrafou ao general Costa e Silva, avisando data e hora do seu retorno.

Ao desembarcar no Rio, foi preso e ficou três meses na cadeia, período em que o Governo o reformou no posto de general. Depois de solto, a reforma foi transformada em demissão, "apesar de nunca ter respondido a um processo", como costuma salientar. Voltou ao Rio Grande e se instalou no bairro Niterói, em Canoas, onde mora até hoje. Desde 64, Assis Brasil deu raras entrevistas e algumas nem chegaram a ser publicadas, possivelmente devido à censura. Não gostosa de fazer acusações pessoais e garante que não guarda rancores dos acontecimentos de 64: "Uns 30 dias depois que saí da cadeia, dei anistia a todos os que fizeram aquilo comigo".

**— Na sua opinião, quais as origens do movimento de 1964?**

**Assis Brasil** — Acho que esses fatos têm raízes que vão até o começo do século e que ainda influenciaram o movimento. Nós vimos, por exemplo, que o Rio Grande do Sul, depois da proclamação da República, adotou um estatuto constitucional completamente oposto aos princípios de estatuto federal. Tivemos aqui um regime até certo ponto discricionário e ditatorial, tanto que Borges de Medeiros conseguiu ficar no Governo 25 anos e só saiu mediante uma revolução. O Rio Grande foi um cadinho de autoritarismo, caudilhos políticos e militares caudilhos, porque eles tinham o exemplo histórico. E aí é que eu queria chegar: o Colégio Militar de Porto Alegre, onde estudei, era altamente politizado, os alunos tomavam parte até nas revoluções. Quando havia revoluções, muitos alunos saíam do Colégio nas férias e iam combater. A política ia para dentro do próprio Colégio, e ia dos dois lados, tanto a dos mais liberais como a política discricionária da facção do Partido Republicano. Não é por acaso que vemos que esse cadinho produziu presidentes da República como Castello, Costa Silva, Médici, Geisel e Figueiredo, que passou por ali ligeiramente. E também o general Golbery, que acham que é uma espécie de eminência parda do regime, foi aluno do Colégio Militar. E havia, ainda, uma mentalidade que não era do comando do Colégio, era do próprio ambiente, em que nós considerávamos os militares superiores àos civis para dirigirem as coisas públicas.

**— Havia um preconceito contra os civis?**

**Assis Brasil** — Nós saímos dali com essa mentalidade, havia um certo preconceito. Chamávamos o civil até por um termo considerado um pouco depreciativo, *paisano*. E na verdade isso havia também no centro do país, a República foi eivada de grande autoritarismo através da doutrina positivista. Além desses aspectos, tivemos diversos movimentos, em 22, 24, 25, 26, movimentos feitos por militares e, de modo geral, militares jovens, tenentes. Quer dizer: hoje se condena o Governo João Goulart porque havia indisciplina nas Forças Armadas. É um ponto de vista, porque esses movimentos da década de 20 foram feitos por tenentes, a tenentada se revoltava contra o Governo. Do ponto de vista do Governo daquela época, era indisciplina; nem por isso alguma força se levantou para derrubar aquele Governo porque havia indisciplina. Depois, veio a Revolução de 30, chefiada por um civil. Os quartéis que não aderiram foram tomados por civis armados e militares. Houve mortes, militares foram mortos. Assim como houve militares mortos na Intentona Comunista de 35, houve também em 30, mas em 35 houve menos do que em 30. o historiador precisa prestar atenção nessas coisas. Não adianta só botar a culpa no João Goulart porque havia indisciplina no período dele. Sempre houve indisciplina. O pai do general Figueiredo foi convidado a chefiar a Revolução de 30, era coronel e servia em Alegrete. Negou-se, foi desfeiteado pelos revolucionários. Aliás, essa mágoa ficou no filho dele. Por que ele nunca tolerou o getulismo? Por isso. Era menino nessa época, ficou com aquela mágoa.

**— Em 32, o Senhor ficou contra o Governo. Foi a única vez?**

**Assis Brasil** — Bem, 32 foi a única revolução em que tomei parte. Porque me ensinaram nas escolas militares que o militar deveria obedecer a ordem constituída. Ensinaram para todos, nem todos aprenderam. Penso que 32 foi uma conseqüência de 30. Em 30 não tomei parte; era oficial na Vila Militar, fiquei três meses preso numa fortaleza. Eu e alguns oficiais da Vila não aderimos, não fizemos como outros que saíram em missão do Governo e, ao invés de cumprirem a missão, aderiram ao Movimento Revolucionário. De modo que 32, para o nosso ponto de vista naquela época — hoje a perspectiva histórica dá outras origens — era uma reação contra a Revolução de 30. Os oficiais que não tinham tomado parte em 30 ficaram do lado de São Paulo, como o coronel Euclydes Figueiredo, pai do atual presidente, que foi um dos chefes. Eu era subordinado a ele e com ele fui exilado, mas 15 meses depois Getúlio deu anistia para todos.

**— O Senhor teve contato próximo com o coronel Euclydes. Ele era realmente um liberal?**

**Assis Brasil** — Era, era um homem de princípios liberais, um grande militar, muito correto. E sempre naquele princípio de defender os Governos constituídos, não era desses mazorqueiros... como eu também não.

**— E em 61, no episódio da** Legalidade, **qual a sua participação?**

**Assis Brasil** — Evidentemente, a bola de neve do autoritarismo veio crescendo, e tomou forma ainda maior com a renúncia de Jânio Quadros. Ele entrou com o símbolo da vassoura de limpeza e isso colocou ao lado dele uma barbaridade de gente. Mas, logo que assumiu, ele mudou de vento, se entregou a uma política exterior que não era do agrado dos Estados Unidos, das multinacionais, etc., e não era do agrado de muita gente no Brasil, inclusive militares. E ainda condecorou Che Guevara. Parecia mesmo que queria cutucar com vara curta... A saída foi a renúncia, e aí a bola de neve cresceu mesmo, porque o vice era o Jango. Eu era coronel, chefe do Estado-Maior da Terceira Região Militar, e nesse tempo não tinha ainda nenhuma relação com Leonel Brizola, conhecia-o de vista e de retrato, só, porque nunca fui político. E como chefe do Estado-maior o que estava afeto a mim era o apoio logístico, eu não tinha comando de tropa.

**— Mas dizem que foi o Senhor quem influenciou o general Machado Lopes a ficar do lado da Legalidade.**

**Assis Brasil** — Eu não era subordinado direto de Machado Lopes e não o influenciei. Limitei-me, antes de ele se definir, a me apresentar e comunicar que se houvesse luta ficaria do lado dos que defendiam a posse de Jango. Ele deu a entender que também já estava na mesma posição, mas não o influenciei. Apresentei-me a ele por um dever de lealdade, porque acho que a pior coisa para um militar ou qualquer pessoa é fazer uma traição, estar servindo a um comando ou a um Governo e se revoltar sem avisar. Admito que se revolte, mas deve avisar. Não vou acusar ninguém, mas João Goulart caiu mais por causa disso. Havia gente em cargos de absoluta confiança, de nomeação dele, que não o alertava. O único que sei que o alertou foi o general Peri Bevilacqua, e parece que o general Kruel. Os outros, não. O próprio general Mourão, basta ler o diário dele para ver: sempre em cargos de confiança e sempre conspirando. É ele mesmo quem conta. Acho que isso não fica bonito para um soldado.

**— Com a posse de Jango, o Senhor foi para Buenos Aires?**

**Assis Brasil** — Antes fui para a chefia do serviço de informações do III Exército, a segunda secção. Em 63, o Presidente me chamou à Brasília e disse: "Coronel, tenho um problema muito sério no meu Governo. Buenos Aires é um grande centro de conspirações contra os interesses brasileiros. Necessito de uma pessoa de minha confiança para fazer observações lá, por isso resolvi nomeá-lo Adido Militar na Argentina". Ele não acusou o Governo argentino.

**— Aí o Senhor viajou em seguida?**

**Assis Brasil** — Não. O Mourão diz no livro dele que o Governo argentino me negou o *agreement*. Não é verdade, Brasil e Argentina têm um tratado dispensando o *agreement* para os adidos militares. Quando eu estava pronto para embarcar, recebi um chamado do chefe do Estado-maior do Exército, general Maurell, que me avisou: "Coronel, temos que suspender sua ida. Veio aqui o Adido Militar argentino e informou que o Exército argentino se opõe à sua presença. Então, apresente-se ao Ministro da Guerra". Eu respondi: "Não pedi para ir, o Presidente me nomeou. O que acho inusitado é um coronel argentino vir ao Estado-maior dizer um disparate desses. Isso é um problema diplomático, quem tem que resolver é o Presidente com o Itamarati. Só vou me apresentar ao Ministro da Guerra para ele me mandar de volta para o Rio Grande". Uma semana depois, o Presidente me convocou a Brasília, afirmou que estava tudo resolvido, que tinha uma carta do Presidente argentino fazendo questão que eu fosse. Fui, correu tudo bem lá. Mas tudo isso foi uma coisa muito estranha, pois o Exército argentino não teria porque vetar meu nome. Mais tarde, descobri: gente do Brasil, mancomunada com estrangeiros, dera uma ficha minha completamente mentirosa aos argentinos, garantindo que eu era comunista, coisa que nunca fui. Até vou dizer: acho que não tenho capacidade para ser comunista, tem que ter cabeça e peito (ri).

**— Então ficou demonstrado que existiam as tais conspirações?**

**Assis Brasil** — Claro, ficou comprovado. Mas eu não pude levantar tudo completamente porque fiquei lá só setembro e outubro. Fui promovido a General, e como General não podia ficar lá. Também não pedi para ser promovido, porque não nasci marcado de General.

**— O Senhor não estranhou o convite para ser chefe da Casa Militar, pela falta de maior convivência anterior com Jango?**

**Assis Brasil** — É, achei que aquilo fosse uma recompensa moral por ter que sair de Buenos Aires. E eu sabia bem qual era a função de um chefe de Gabinete Militar. No Brasil, talvez só tenha havido um chefe de Gabinete Militar que agiu dentro do regulamento, e fui eu. Porque os chefes de Gabinete Militar sempre tiveram a tendência de influir ou no Presidente ou nos ministros militares. Afinal, o chefe do Gabinete era o militar junto ao Presidente e naquele tempo acumulava a chefia do serviço de informações, que não era ainda o SNI. Quando assumi, não levei equipe, levei só dois oficiais, e lá tinha mais de 50, colocados pelo general Albino Silva e pelo general Kruel. Levei só dois e dizem que eu era o homem que tinha dispositivo militar... Mas ao assumir fiz um pequeno discurso e avisei: nossa missão é cumprir a lei,

**(Continua na página 24)**

# A MESMA EQUIPE QUE FAZ O COOJORNAL VAI FAZER, AGORA, O RIO GRANDE.

Toda semana você vai ler um jornal com informações qualificadas, onde os fatos da semana estarão situados de forma clara e cuidadosa. O Rio Grande do Sul econômico, político, social e cultural colocado em seu devido contexto e exposto sem interferências ou pressões. Um trabalho criterioso de uma equipe talentosa, feito para quem procura mais do que simples informação de massa.

**O RIO GRANDE**
Semanário de informações independente, com posição e opinião próprias. Um veículo democrático, aberto, preocupado em ser honesto diante dos fatos. Em **O Rio Grande** as notícias deixarão de ser apenas consumo para transformarem-se em análise, ao mesmo tempo em que, como fatos, serão avaliadas suas dimensões e todas as suas implicações. Nesse semanário de informações, a COOJORNAL cumprirá um compromisso que acredita ter com o homem do Sul, sua realidade e perspectivas, sua situação nacional e internacional.

**O RIO GRANDE**
Semanário de informações da
COOJORNAL que circulará em todo
o Estado do Rio Grande do Sul

**A partir de 10 de maio nas bancas todas as 5as. feiras.**

# O RIO GRANDE

**Você pode fazer sua assinatura enviando o cupom abaixo:**

Escolha a melhor forma de fazer sua assinatura.

Quero fazer uma assinatura anual do semanário
O RIO GRANDE conforme abaixo assinalado.

NOME .....
ENDEREÇO .....
CIDADE ..... CEP .....
ESTADO .....

Marque com um X a sua escolha. Esta promoção é válida até 31.05.79

( ) Cr$ 620,00 (o preço normal é Cr$ 680,00)
( ) Cr$ 680,00 — (receberei gratuitamente um exemplar do livro "Querida Família", de Flávia Schilling)
( ) Cr$ 800,00 — Assinatura anual de *O Rio Grande* e mais uma assinatura anual do Coojornal.

Com o cupom envie um cheque nominal ou vale postal para:

**coojornal**
Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre
Rua Comendador Coruja, 372
90000 — Porto Alegre — RS

# ASSIS BRASIL


Antônio Vargas

## "Vernon Walters, o ex-adido militar americano me visitou em Porto Alegre, depois, e disse que havia um plano de fuzilamento"

não devemos interferir em coisas não afetas a nós. Por exemplo: política trabalhista é com o Ministério do Trabalho; política é com o Ministro da Justiça; política militar é com os Ministros Militares. E mais importante ainda: os caminhos dos negócios não passarão pela Casa Militar.

**— Essa declaração teve repercussão, acharam que o Senhor se referia à corrupção no passado.**

**Assis Brasil** — Exploraram, afirmaram que eu queria dizer que o Kruel e o Albino eram desonestos, mas não era isso, não tinha nada com os meus antecessores. Eu apenas dei a entender que não admitiria corrupção. E mesmo falando isso, uma vez fui abordado indiretamente por uma negociata de exportação de café. Nem chegaram a falar comigo, porque eu disse que nunca iria levar ao Presidente um assunto que considerava corrupção.

**— Seu período na Casa Militar coincidiu com os meses mais difíceis do Governo Goulart.**

**Assis Brasil** — É, ali começou a se intensificar a desestabilização do Governo brasileiro. O Hélio Fernandes todos os dias, numa coluna no *Diário de Notícias* do Rio, o jornal mais lido no Exército, me botava a marca de comunista, dizendo que eu era o chefe comunista do Exército. Isso foi ordem que ele recebeu, de quem não sei, mas recebeu. Na primeira vez mandei-lhe uma carta, não adiantou, nunca mais protestei. Aquilo fazia parte da campanha de desestabilização do Governo por elementos internos e externos, as tais de forças ocultas.

**— Depois se soube quais eram essas forças?**

**Assis Brasil** — Bom, hoje está provado que o dedo da CIA entrou aqui. Mas veja: os Governos do Rio Grande, São Paulo, Minas e Guanabara, juntos, ficando contra um Governo Federal, já o desestabilizam. De modo que foi muito fácil para aqueles que queriam derrubar o Governo, apoiados nesses quatro pilares fantásticos. Não havia o que resistisse; eles tinham um serviço de informações e o nosso era miserável por falta de recursos. E o Presidente, altamente democrático como era, sabia quais eram os conspiradores, sabia dos generais, sabia que o Mourão era conspirador, mas não os punia. Essa conspiração dos Governos, dos militares com e sem comando, Jango sabia, foi informado de tudo. Quando a coisa estava preta eu disse a ele: "O senhor não pode mais deixar, tem que falar com o Ministro da Guerra sobre o general Mourão, ele é o chefe". Nada, não tiraram o Mourão. O general Jair (Jair Dantas Ribeiro, então Ministro da Guerra) disse: "Não, Presidente, o Mourão não é de nada".

**— Mourão já estava em Minas nessa época?**

**Assis Brasil** — Já, isso foi em 64. Depois, houve casos de indisciplina também. Indisciplina daqueles sargentos em Brasília. E a dos marinheiros, chefiada pelo cabo Anselmo, que foi um sermão encomendado, porque hoje está quase provado que o cabo Anselmo era um agente da desestabilização. E a indisciplina afinal não foi tão grande. Tivemos na nossa história uma muito maior, quando João Cândido revoltou a esquadra, e nem por isso o Governo caiu. Que culpa tem o Governo? Talvez os chefes diretos tivessem culpa. Eu disse ao Ministro da Marinha naquela ocasião que ele não podia deixar se realizar aquela coisa dos marinheiros. Por outro lado, o Presidente também fez aquele discurso no Automóvel Clube, foi muito explorado. Mas aquilo não foi causa, foi estopim. A causa vem de longe, desde Júlio de Castilhos, passando por Getúlio, etc.

**— E a história do 'dispositivo militar' que o Senhor teria montado?**

**Assis Brasil** — O general Mourão disse uma coisa muito certa: dispositivo militar não mantém nenhum Governo, os atos do Governo são o que o mantém. E eu não tinha nenhum dispositivo militar. Pois se não mudei nem os oficiais que serviam sob as minhas ordens... Eu não era um executivo, era um secretário.

**— No entanto, no livro** 1964: Golpe ou contragolpe?, **Hélio Silva lhe atribui uma afirmação de que 'cortaria a cabeça' de quem se atravesse a desafiar o dispositivo militar.**

**Assis Brasil** — Não é verdade. Também li isso, e se um dia falasse com o Hélio Silva, que respeito, iria dizer que não é verdade. Eu não ia dizer uma bobagem dessas, quem me conhece sabe. Corto cabeça de galinha, de ovelha, de gente não, não sou bandido. Agora, se tivéssemos perdido, talvez alguns de nós tivessem a cabeça cortada. Porque o general Walters (Vernon Walters, ex-Adido Militar norte-americano) me visitou em Porto Alegre, depois de eu estar degradado, e comentou: "O senhor é um homem de coragem". Eu quis saber o motivo, ele explicou: "Porque havia uma idéia de fuzilamento".

**— Acusavam o Governo Goulart de subversão e corrupção. O que o Senhor pode dizer sobre isso?**

**Assis Brasil** — Subversão é um ponto de vista. Quem está no Governo acha que os outros são subversivos; quem está fora, acha que o Governo é subversivo. Logo, é um ponto de vista, e creio que os pontos de vista devem ser respeitados. E corrupção não devia ser tanta assim, porque não sei de muitos casos. Eu tinha nível de ministro e saí de lá mais pelado que galinha depenada. Não houve processos, também. Outra coisa: nunca vi o Presidente fraquejar em casos que cheirassem a facilidades em assuntos de dinheiro. Pelo contrário, ele mandava para o gabinete estudar e já dizia de saída: "Se cheirar mal, dá o contra".

**— Dizia-se também que Jango pretendia uma** República Sindicalista.

**Assis Brasil** — Nunca ouvi o Presidente falar em ser ditador. O embaixador Lincoln Gordon disse na TV que o Presidente queria se transformar num ditador populista e fazer uma República Sindicalista. Começa que isso é uma bestialidade, isso de República Sindicalista. Nunca existiu em lugar nenhum do mundo. Onde é que tem isso? Jango era um democrata, um homem que zelava pela soberania nacional. Não era bem visto pelo Departamento de Estado. Bob Kennedy esteve aqui e deu a entender a ele que tinha que mudar a orientação do Governo brasileiro, em benefício dele, Jango, do Brasil e das relações com os EUA. Jango me contou isso e me perguntou: "Mas mudar o quê?" Jango não concordava com as coisas do Brizola, disso sou testemunha. Durante o tempo em que estive lá eles nunca se acertaram, Brizola queria uma coisa, Jango queria outra. Mas nisso tudo houve muita exploração, muita mentira.

**— Quando Mourão já estava revoltado, havia como reagir?**

**Assis Brasil** — Eu chamo aquilo de *putsch*, palavra alemã que significa golpe. O Mourão era muito prático nisso, um luminar em *putsch*, tanto que deu um, deixou todo o mundo mal só com dois batalhões de infantaria. Mas quando ele desceu os desfiladeiros, audaciosamente, porque não tinha apoio nem de Magalhães Pinto, nem do general Guedes, no dia 31, o Presidente reuniu o Ministério Militar e expôs a situação. Eu era o único presente além dos ministros militares e do Presidente,, assisti a tudo. Jango falou com o Ministro da Marinha, quis saber a sua posição: "Presidente, conte com a esquadra, já está de fogos acesos", garantiu o Ministro. O Ministro da Guerra interino, general Âncora: "Presidente, as tropas já estão de prontidão, às suas ordens!". O Ministro da Aeronáutica: "O Grupo de Caça e Bombardeio de Santa Cruz está na pista para iniciar o bombardeio das tropas insurretas de Minas Gerais". Aí o Jango, com aquela bondade dele, aquele coração de ouro: "Não, mas eu não quero luta, vamos fazer uns boletins, uns manifestos concitando essa gente a voltar aos quartéis". Pôs água fria na fervura e no outro dia cedo se mandou para Brasília.

**— Ele não perguntou sua opinião?**

**Assis Brasil** — Perguntou, insistiu e eu disse: "Essa gente está em guerra, e guerra não se faz com boletim, guerra se faz é com chumbo". No outro dia, ele me disse para ficar no Rio, no Palácio das Laranjeiras, pois ele iria para Brasília fazer uns contatos políticos no Congresso. Aí, já que ele tinha pedido que eu opinasse, arrisquei: "Mas Presidente, a hora não é de contatos políticos, têm que ser contatos militares". Ele foi assim mesmo, veio a insurreição geral, tudo minado, ele não tinha outra saída se não deixar Brasília. Mandou me chamar, fui a Brasília, embarquei com ele para o Rio Grande, era o único lugar onde poderíamos chegar com segurança.

**— O Senhor acha que Jango errou por não ter resistido?**

**Assis Brasil** — Do ponto de vista militar, ele tinha condições de tentar reagir. Mas, se alguém pode dizer que ele errou, pode-se argumentar também que ele ganhou porque perdeu. Pois, se houvesse luta, já havia uma esquadra americana pronta para dar apoio logístico aos beligerantes. Não sabíamos disso, que hoje está provado, mas Jango teve a intuição, percebeu que o conflito ia ser uma carnificina da qual o País levaria muito tempo para se recuperar.

**— O Senhor acompanhou Jango até o Uruguai. Como foi a viagem, depois que deixaram Porto Alegre?**

**Assis Brasil** — Bem, é preciso esclarecer. que quando chegamos ao Rio Grande, aí já não havia mesmo mais condições de resistir. Saímos de avião para a estância Riacho Grande, em São Borja, o Presidente, eu e alguns oficiais. Lá eu mandei que eles se apresentassem em Brasília e continuamos de estância em estância, num Cessna do Jango, só nós dois e o piloto. Eu fazendo um esforço tremendo para convencê-lo a sair do Brasil e ele resistindo. Acho que o salvei da prisão, embora ele pensasse que não ia lhe acontecer nada se ficasse. Em Durazno, no Uruguai, ainda queria voltar, foi difícil convencê-lo de que não dava.

**— O Senhor retornou em seguida ao Brasil?**

**Assis Brasil** — Claro, cheguei a Montevidéu com o Presidente, dei minha missão por cumprida e telegrafei ao general Costa e Silva avisando que voltaria no dia seguinte. Estava só com minha farda de General, não tinha nem escova de dentes, e fui preso ao desembarcar no Rio. Deixaram-me 48 horas numa enxovia do Forte Copacabana, fardado ainda, praticamente comendo, dormindo e fazendo necessidades no mesmo lugar, depois me levaram para o Forte Rio Branco, onde passei três meses incomunicável.

**— O Senhor foi contemporâneo do ex-presidente Geisel e do general Golbery no Colégio Militar, aluno de Castello Branco no curso de Estado Maior. O que acha deles?**

**Assis Brasil** — Na comparação com os outros três, acho que Geisel foi o Presidente desse período que ainda fez coisas positivas. Ele tirou das Forças Armadas a questão sucessória, em que ela se transformava em milícia política, e isso foi uma grande coisa. Escolheu sozinho, é certo, mas foi melhor do que se deixasse o problema com as Forças Armadas, que não têm que se meter em política. Castello era o mais liberal e um bom profissional. Golbery é um spengleriano. Hitler baseou as idéias nazistas em Oswaldo Spengler e em Haushofer, nas idéias ditatoriais dos dois. Golbery não é nazista, mas se baseia nos dois quanto aos processos. Ele sempre dá prioridade ao fato consumado, tem a idéia de força tirada dos dois. O Pacote de Abril tem muito do Golbery.

**— Como o Senhor vê a questão da anistia?**

**Assis Brasil** — Acho que a primeira medida deve ser uma anistia, antes da constituinte. Uma anistia restrita, não atigindo os que cometeram crimes comuns, os assassinos, os torturadores e os ladrões.


**O General Assis Brasil sendo condecorado em 1963**

# UM DELEGADO ACIMA DA LEI

Por Najar Tubino e Caco Schimdt

## Pedro Seelig, o homem que comandou a repressão no Sul, já respondeu três processos e não acredita em punição

**— Por que vocês nunca chegam num general? Só ficam em cima do DOPS...**

**Pedro Carlos Seelig, 44 anos, desquitado, casado pela segunda vez, no Uruguai, pai de três filhos, 22 anos de polícia — 10 desses cumpridos no DOPS — pela primeira vez está recebendo dois repórteres em sua residência. Uma casa padrão classe média,bem decorada, vidros coloridos, revestida de lajotas, no Bairro Tristeza, a Zona Sul de Porto Alegre. Bermuda branca, camiseta azul, chinelos pretos, Pedro Seelig conversa com um copo de uísque na mão. Sorridente, folgadão, cabelo bem aparado, tipo atlético — quase 1,90m de altura — não aparenta a idade que tem. Fala com sotaque meio carioca, de garotão. Logo de início se mostra íntimo, brincalhão, conversa como se fôssemos velhos conhecidos.**

**O seqüestro dos uruguaios Lilian Celiberti e Universindo Rodriguez Diaz, ocorrido em novembro em Porto Alegre, levou Seelig à notoriedade nacional nos últimos meses. O** Fleury dos Pampas, **tentaram definir alguns jornais, referindo-se ao delegado que aparece com o número 42 na relação de torturadores feita por presos políticos (e publicada pelo semanário** Em Tempo), **principalmente por sua atuação no período 1969/73. Foi a fase mais aguda da repressão no Sul e o período em que Seelig passou da chefia do Serviço de Investigações da Divisão de Segurança Social à chefia da própria Divisão.**

**A simples pronúncia de seu nome causa medo às pessoas, pois ele está intimamente ligado a toda a história da repressão, das torturas, das violências ocorridas nas prisões políticas gaúchas nos últimos 10 anos. Elemento essencialmente de operação, Pedro Seelig deve ser entendido como o homem que executa, no DOPS, o planejamento feito pelos outros organismos, como o Departamento Central de Informações, que está diretamente ligado à 2ª Secção do III Exército e conseqüentemente ao ponto mais elevado daquilo que o jargão militar/policial convencionou chamar de "comunidade de informação".**

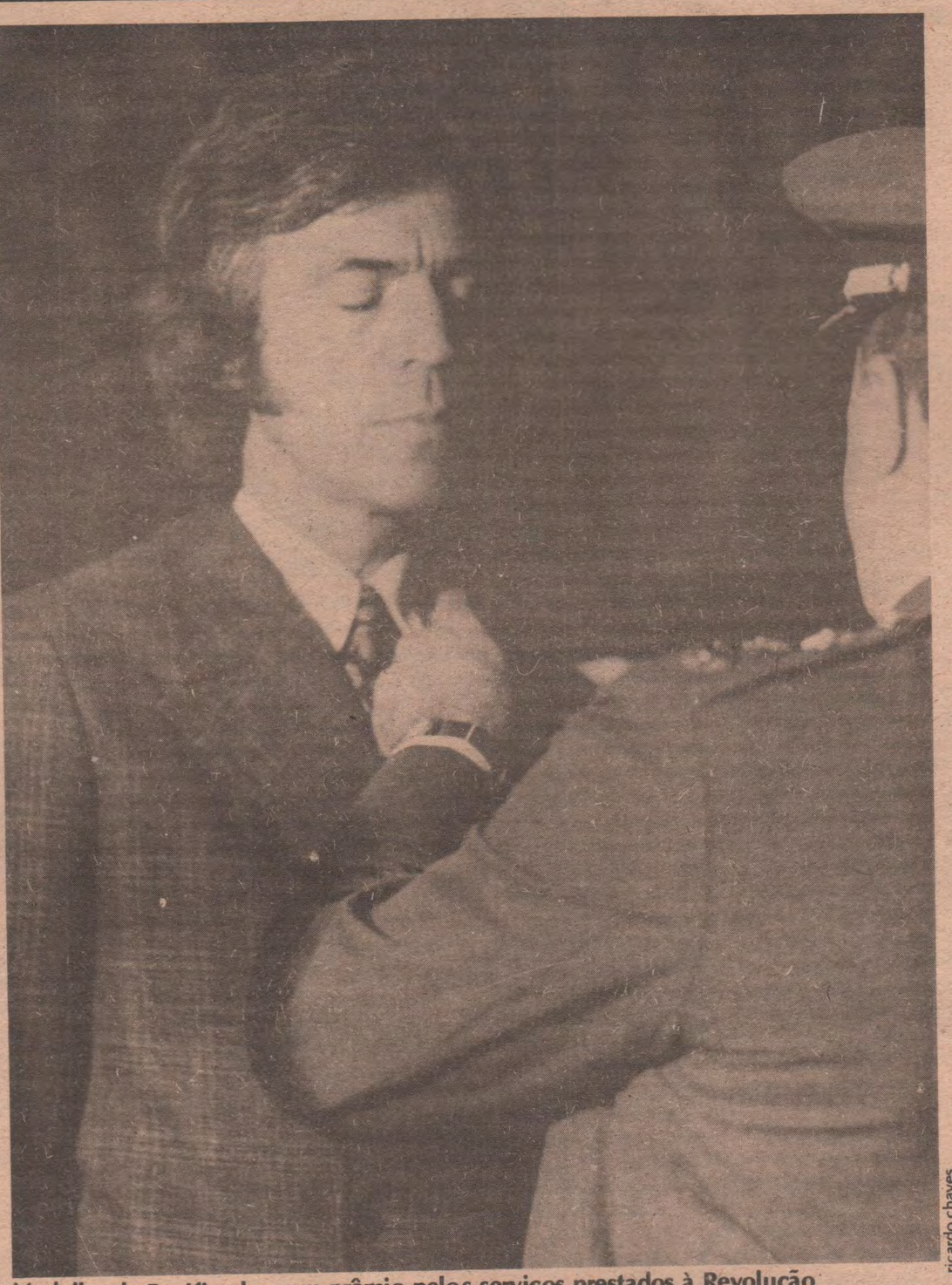
**Apesar disso, essa imagem não o preocupa, nem o fato de estar enfrentando o quarto (1) processo judicial. Aparentemente, sua tranqüilidade continua inabalável. Pedro Seelig dá a impressão de um policial comum, que já enfrentou o submundo e incorporou as suas gírias — mas que depois passou a atuar na área de informação, quando revelou astúcia e agilidade mental para lidar com presos de melhor nível intelectual. Quer dizer, adaptou a manha do malandro às características do seu novo trabalho.**

**É vaidoso. Faz questão de andar sempre alinhado, tem alfaite próprio e preferência por roupas esportivas, os conjuntos do tipo** safari, **por exemplo. Na sala de torturas, sua presença era denunciada pelo perfume, quando os presos estavam encapuzados, e os demais interrogadores o chamavam de** major. **Para os ex-presos políticos, é um torturador racional, sem ser sádico, daqueles que batem até conseguir a informação. Também não é um analista, um profundo conhecedor da ideologia das organizações.**

**— Depois que ele obtinha as informações, fazia camaradagens para os presos: levava televisão, proporcionava jogos. Tornava-se amigo e até protetor de alguns presos, define o advogado de presos políticos e hoje deputado federal Eloar Guazzelli.**

**Comanda o interrogatório sentado numa mesa ao fundo da sala de tortura. Às vezes, levanta, agride o preso ou gira a** maricota **— a máquina de choques elétricos.**

**— Ele sabe lidar com informações imediatas, aquele negócio de tirar o máximo num mínimo de tempo, diz um ex-integrante da organização Partido Comunista Operário (POC), que esteve no DOPS em agosto de 1971.**



ricardo chaves

**Medalha de Pacificador, um prêmio pelos serviços prestados à Revolução**

**A rigor, são aplicados na polícia política os métodos básicos ensinados a quem** tira serviço de **marginais, arrancando a informação de qualquer jeito. Em função disso, que a gíria policial define como "premência de tempo", Seelig também perde a racionalidade:**

**— Quando ele sai do sério ninguém agüenta. Eu tomei um pau de cinco horas e não abria. Até que o Pedro e o Nilo — Nilo Hervelha, um dos inquisidores preferidos de Seelig — pisaram na minha perna e começaram a pisoteá-la. E até ameaçou me matar duas vezes, conta um ex-integrante da VAR-Palmares.**

**Na carreira do policial Pedro Carlos Seelig, o momento mais difícil foi em 1973, quando morreu o menor Luiz Alberto ( página 32). Foi nessa época entretanto, que ele ganhou a maior recompensa por sua atuação na polícia política, sendo agraciado com a Medalha de Pacificador — condecoração do Exército que necessita da indicação de um oficial general. Para sair do ostracismo, tirou proveito de duas oportunidades que surgiram, nas quais Seelig se esmerou para deixar transparecer uma imagem de alta eficiência.**

**A primeira foi em 1974, quando ele ainda estava sendo processado pela morte do menor Luiz Alberto, quando comandou, numa operação ruidosa, a elucidação do seqüestro do menino Alexandre Moeller, que acabou sendo descoberto pela Polícia Rodoviária Federal. A outra em 1977, quando comandou outra diligência das mesmas proporções para esclarecer o seqüestro de seis meninos, praticado pelo comerciário Santino Ferreira, que foi descoberto por uma patrulha da Polícia Militar.**

O começo de sua carreira situa-se em 1957. O motorista profissional Pedro Carlos Seelig, com 23 anos, deixa de percorrer a linha Floresta em Porto Alegre, e começa a decidir o seu futuro. O pai, Reinaldo Seelig — um trabalhador autônomo, vendedor de jornais — já tinha morrido, deixando 11 filhos — destes, morreram dois, a Ercília e o Jorge. Nesta época, pelo menos dois parentes bem próximos já trabalhavam na Polícia, ou melhor, na Guarda Civil, que 10 anos depois seria incorporada à Polícia: o primo-irmão Osmar Seelig, fiscal-chefe, hoje comissário aposentado, que há 21 anos preside a Cooperativa de Consumo dos Policiais; e o cunhado — também motorista — Jorge Salomão, pai do atual preparador físico do SC Internacional e delegado da Polinter, Reinaldo Jorge Salomão, certamente o maior companheiro de Pedro Seelig, com o qual divide um sítio nos arredores de Porto Alegre.

Pedro ingressa pelo Grupo de Socorro, a *polícia de choque* da antiga Guarda Civil, hoje conhecido como Grupo de Operações Especiais (GOE), cuja especialidade era a de dispersar tumultos. Na cidade não havia quem não conhecesse alguma das façanhas do Grupo, que nas origens fora formado por lutadores profissionais. Até 1963 ainda tirava serviço no antigo prédio da Avenida Mauá, à beira do Rio Guaíba, onde ficava a Guarda. Usava uma boina vermelha, calça cáqui com uma listra vermelha, jaqueta da mesma cor e um cassetete de borracha. Mais magro que agora, os traços do rosto bem marcados lhe acentuavam os olhos fundos, o que lhe valeu o apelido de **Caveirinha** — além disso, ele vivia dizendo que ia fazer a caveira dos outros.

Gostava de futebol (2) e desempenhava bem na posição de zagueiro. Tanto que por volta de 67, ano da extinção da Guarda, quando ele já se encontrava na função de escrivão de 3ª classe, era o capitão de uma seleção organizada dentro da Secretaria de Segurança. No início dos anos 60, já havia jogado no Atlético Clube Farolito, um time de várzea do Bairro Partenon e mais tarde no Força e Luz, onde formava no trio de zagueiros que ficou conhecido como **Os Gladiadores** (usavam caneleiras, por isso o apelido).

No futebol, revelava uma característica identificada mais tarde na sua atuação como policial: dava pontapés nos adversários e ficava sorrindo para despistar o juiz. Omar Seelig, seu primo-irmão, relembra o estilo do Carcará:

— No Carcará, do umbigo pra baixo era considerado canela. Quando o cara não estava dando pau, a gente chamava ele e dizia: meu filho, qual é o teu negócio? Vai pra casa e bota uma sainha...

É o próprio Omar Seelig quem diz que "a família (Seelig) era muito violenta". (Atualmente, segundo seu cálculo, há entre 10 a 12 Seeligs na Polícia).

Renato Maciel de Sá Júnior, ex-secretário do DOPS, prefere falar da eficiência para qualificar Pedro Seelig: "Dentro da Polícia ele é considerado, porque começou a carreira de baixo, como se costuma dizer, e hoje é formado em Direito".

Efetivamente, visto pelo lado frio da "eficiência policial" Seelig tem pontos acumulados. Em seis anos de Guarda Civil, ele ganhou seis menções elogiosas e uma pena de advertência por ter pago um colega para substituí-lo num plantão. Em 1963 entrou para o Departamento de Polícia Civil, no cargo de escrivão. Foi servir no interior, mas na sua ficha funcional já está anotada uma breve passagem pelo DOPS de janeiro de 64 a julho de 65. Nos primeiros cinco anos como policial, ganhou três promoções. Fez o curso de delegado, formando-se, em janeiro de 1968, no sexto lugar da turma. Voltou ao interior e retornou em junho de 1969, já para servir no DOPS.

— Acompanhei a sua formação na Polícia. Fui professor de jiu-jtsu na Escola. Ele era um dos mais destacados alunos. Fui eu quem o trouxe para delegado de Niterói — subúrbio de Porto Alegre — no final do ano de 68, quando eu era chefe de polícia, recorda o deputado Pedro Américo Leal, da Arena, professor de Psicologia.

Junho de 1969: Seelig assume o Serviço de Investigações da Divisão de Segurança Social do DOPS.

— Naquela época nós tomávamos chimarrão todos os dias de manhã com os presos. Foram eles que organizaram uma biblioteca com os livros subversivos que nós apreendíamos. No final, até nós já líamos aqueles livros, lembra um policial que pertenceu ao DOPS de 60 a 68.

— Era uma época em que nós

*( 1) Pedro Seelig foi processado em 1957 por crime de lesões corporais, na 1ª Vara de Porto Alegre; em 58, outro processo por agressão, ainda na 1ª Vara; em 73, foi denunciado no Tribunal do Júri pela morte do menor Luiz Alberto Pinto Arébalo; e agora, na 3ª Vara Criminal, por abuso de autoridade no seqüestro dos uruguaios. Enfrenta a segunda CPI em seis anos e pela terceira vez deixa o DOPS, passando desta vez à assessoria do Secretário de Segurança, num cargo recentemente criado*

*( 2) O gosto pelo futebol vinha da família, que formou, em determinada época, o Carcará ( lema: pega, mata e come), um time integrado somente pelos Seeligs*



Arquivo Coojornal

**Martinha: "Ele ficou com meu Corcel"**



carlos rodrigues

**O Delegado reza na missa pela morte de Luiz Alberto Arébalo**



Arquivo Coojornal

**Seelig: no início era o** Caveirinha

trabalhávamos mais para enriquecer os arquivos, sem os **envenenamentos,** ou seja, mais informação e menos informes , diz o ex-secretário da Divisão de Informações e Registros do DOPS, Renato Maciel de Sá Júnior.

— Não havia a tortura que surgiu depois. O máximo de violência era botar o cara numa cela escura, ou ameaçar de levar para a Ilha do Presídio. Os interrogatórios eram feitos da seguinte maneira: botavam o cara sentado num banco e faziam as perguntas. De vez em quando o cara tomava umas porradas: soco, pontapé. Quando precisavam dar mesmo tinham que levar o preso para o xadrez da Divisão de Investigação (o xadrez fica no andar térreo da Secretaria, junto à Delegacia de Furtos e Roubos), conta um ex-militante da VAR-Palmares.

Nessa época o DOPS ainda não dispunha de uma sala de tortura. O aparato de segurança e suas sofisticações demoram um pouco para chegar ao Sul. No centro do país as organizações de esquerda armada já estão atuando. E no dia 2 de julho é criada, em São Paulo, a Operação Bandeirantes (OBAN), que definitivamente marca o período de maior repressão política no país.

— Nós não sabíamos nem o que era um aparelho , diz o próprio Seelig, quando fala sobre os idos tempos.

**— A dança mudou meu velho, agora a barra tá pesada.**

A frase é do major Malhães, o 145º da lista de torturadores, quando começa a interrogar um preso ligado à VAR-Palmares e que tinha passado pela fase anterior do DOPS.

Malhães, é uma figura pouco identificável, que alguns dizem ser agente do CODI-Rio, outros, oficial pára-quedistas ou major de cavalaria. Na lista do *Em Tempo*, consta como membro do Serviço de Informações do Exército. Malhães é um tipo moreno claro, forte, aparenta uns 35 anos, sotaque carioca. Os ex-presos políticos identificam nele um marco na mudança do esquema de repressão do estado. Inicia a nova fase. Época do AI-5, censura, período Médici. Seelig entra na dança. Se relaciona bem com Malhães — que ele hoje diz não conhecer e passa a trabalhar diretamente com os organismos de segurança mais envolvidos na repressão: DOPS, CISA, OBAN, Cenimar (3).

Conhece o delegado Sérgio Paranhus Fleury, e torna-se seu íntimo amigo, assim como o então major Carlos Alberto Brilhante Ustra, chefe da OBAN de 71 a 74. Em 71 surgem os CODI — Centro de Operações de Defesa Interna — de maior atuação no Rio e em São Paulo. Aqui as coisas acontecem no DOPS. Mas não podemos esquecer que acima do DOPS, a partir de 69, está o Departamento Central de Informações, dirigido pelo major Átila Rohrsetzer. Átila, ex-chefe da 2ª seção do Exército, no período de 67/69, também foi merecedor da Medalha de Pacificador, e agraciado em novembro de 71. E a própria 2ª seção.

**— Aqui quem manda sou eu, ninguém tem que se meter, diz o major Malhães.**

**— Mas eu preciso dar explicações aos jornalistas, argumenta o secretário Jayme Miranda Mariath.**

Este diálogo, presenciado por um ex-militante da VAR, retrata a situação que passa a vigorar. Cresce o intercâmbio entre os organismos de segurança, em função do trabalho: um vai a São Paulo buscar preso, outro vem a Porto Alegre interrogar um dirigente nacional de alguma organização, coisas deste tipo. Os presos já notam algumas diferenças no delegado Seelig. Fala meio carioca, bom relacionamento com grandes figuras da repressão, como Fleury e Ustra. A partir do segundo semestre de 70 começa a vigorar o uso de capuz nos interrogatórios. E posteriormente o Instituto Médico legal recebeu determinação para não mais registrar o histórico do preso antes do exame, que eles chamam de *anamnésia,* oriundos do DOPS. Simplificando, quer dizer que a fase de interrogatório no DOPS deve ser esquecida pelos médicos.

Do final de 1969 — quando ocorre o racha entre a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e a Vanguarda Armada Revolucionária (VAR-Palmares) — ao início de 1970, crescem as ações armadas no Rio Grande do Sul. Pelo menos seis assaltos a bancos são registrados até o mês de abril, quando acontece um fato de maior significação: a tentativa de seqüestro do cônsul norte-americano Curtis Cutter, por um comando da VPR, que acaba com o cônsul ferido num hospital.

O secretário da Segurança, Jaime Mariath, dá entrevista coletiva no dia 17 de abril e aponta sete organizações armadas com atuação no estado: além das duas acima citadas, há o M3G (Marx, Mao, Marighela e Guevara), Partido Operário Comunista (POC), Ação Libertadora Nacional (ALN), Movimento 26 de Março, Partido Comunista Brasileiro, Frente de Libertação Nacional (FLN).

Nesta fase, Pedro Seelig e sua equipe — composta pelos inspetores Itaci Vicente (o Mão-de-Ferro), Nilo Hervelha (o mais sádico e que fazia o trabalho considerado mais sujo), Nelson Pires, Cardozinho, Salgadinho e Joaquim, entre outros, trabalhavam exaustivamente.

— Nós passamos até uma semana dentro do DOPS, às vezes, sem conseguir dar uma passada em casa. Nós apenas cochilávamos dentro do DOPS, lembra Itaci Vicente, de aparência tranqüila, moreno claro, porte físico de halterofilista.

Pedro Seelig e sua equipe deixaram alguns vestígios que comprometem a imagem que o delegado sempre tentou construir. A seguir, relatamos alguns casos de tortura ocorridos no DOPS. Entre eles, o depoimento de Maria Inês Serpa de Oliveira, a **Martinha,** ex-militante da VAR-Palmares hoje residindo no Rio, casada e mãe de três filhos, que contou ao repórter Marcelo Pontes com quem ficou o Corcel de sua propriedade que era usado pela organização.

1) — Eu caí e eles pisotearam em cima da minha perna. Fui conduzido ao hospital e fiquei cerca de um mês na cama. A perna, em conseqüência das torturas, sofreu uma espécie de estiramento, atrofiou e o pé virou para dentro. Do nosso pessoal que entrou naquela época, pelo menos mais dois ficaram com problemas físicos: um que perdeu o olho e está prestes a ficar cego do outro e um segundo companheiro, que ficou surdo, porque estouraram-lhe os tímpanos (de um ex-militante da VAR-Palmares, preso no início de 70).

2) — Eu estava na cela e um deles tinha me dado uma folha de papel para escrever como tinha sido tratado no DOPS. Aí eu contei tudo o que tinham me feito. Passou um tempo chegou o Pedro Seelig perguntando se a letra era minha. Respondi que sim. Ele falou: "Tem certeza que foi isso que aconteceu?" Tenho, falei. E ele retrucou calmamente: "Isto vai te prejudicar rapaz". (Realmente, o ex-lavrador paulista Hilário Gonçalves Pinha, preso em abril de 75, como membro do proscrito Partido Comunista Brasileiro, foi prejudicado. Durante a noite, foi pisoteado e mais tarde teve que se submeter a nove cirurgias, perdendo quase 70% do seu intestino).

3) — No final de abril de 1970, à noite, me levaram do Presídio Feminino para uma salinha de interrogatório do DOPS, junto com o Francisco Martinez. Estava o Pedro Seelig sentado numa cadeira. Aí ele falou: "Olha, tem um negócio aqui que a gente quer que vocês assinem..."A gente não tava querendo assinar. Era um papel em branco. Pra que você quer este papel em branco, o que vai fazer com ele? A gente tinha medo, inclusive, que usassem o papel para forjar uma retratação, um troço muito em voga na época. Ele falou: "Não, isso aqui é um problema do carro. Quero ficar com ele, e quero que você passe para o meu nome". Aí a gente disse: não dá pra assinar um troço em branco. Ficou aquele leva-e-trás. Para acabar com a resistência, eles nos deram choque. A gente ficou toda treme-treme. Se é por causa do carro, então leva. E aí assinamos o papel em branco.

— Posteriormente, quando saí da prisão, encontrava o Seelig com o carro. O pessoal ficava puto da cara: "Olha o Seelig, filho da mãe, com o carro da VAR". Cheguei a ver o Seelig com o carro, claro. Ele ainda me gozou: "Olha aqui o que a VAR tá me financiando". Até sair de Porto Alegre, em 73, ele ainda estava

## "É o maior camaleão que eu já conheci"

**— Gosto dele e é o que importa. Como pai ele é um cara bacana. Todos têm liberdade para achar o que pensam. Adora festinha, é brincalhão, mas dificilmente fala da vida profissional dele com alguém. Nisso é um cara reservado. A pior época da vida dele foi a morte do Arébalo. Virou um trapo. (Vera Lúcia, 25 anos, filha).**

**— A imprensa não publica as coisas boas do Pedro. Foi ele quem resolveu todos os assaltos de bancos, acabou com os subversivos e por isso o pessoal da esquerda quer vê-lo na pior. É como se fosse um pai pra mim. (Reinaldo Salomão).**

**— É uma verdadeira raposa matreira, um gentelman. Ele faz lembrar aqueles caudilhos que tratavam com maciez e delicadeza as pessoas que pretendiam matar, ou que a morte já estava determinada pelos seus asseclas. A gente não imagina que atrás daquela fachada se esconde o maior torturador do estado. (Rospide Neto, deputado do MDB).**

**— É um pobre coitado, um cara sem ambições, tanto que está até hoje na polícia. Existem outros Pedros Seeligs na Secretaria de Segurança, muito piores que ele. (Ilus Moreira, coronel reformado do exército, ex-comandante do Regimento Mecanizado no período de 69/73).**

**— Olha eu sou suspeito para falar do Pedro, porque sou muito amigo dele. Conheci ele em 72, no tempo em que o Salomão estava nos juvenis. Sou amigo dele desde 74, quando, às vezes, eu ia lá na polícia. Até hoje a gente sai, vamos a festas juntos. Ele é bem relacionado. No ano passado fez segurança de alguns jogos da gente no interior. (Falcão, centromédio do Sport Club Internacional).**

**— Ele sempre foi brincalhão. E deitado até demais. Quando pega o pé de alguém não larga. É só disso que eu posso te falar, não vou falar dos defeitos, porque sou parente dele. (Omar Seelig, comissário de polícia aposentado).**

**— É uma pessoa boa, não posso falar mal dele. Hoje posso dizer que sou mais amiga dele do que quando era sua mulher. Não quero deixá-lo mal, preciso falar com ele antes de dizer alguma coisa. (Gessi da Silva, sua primeira mulher. Ela terminou não falando).**

**— Policial valente, incapaz de uma ação de deslealdade ou de covardia. (Francisco de Paula Aragon, ex-diretor do Departamento de Polícia do Interior).**

**— Funcionário de altíssimo gabarito, homem de notável bom senso e equilíbrio emocional. Os serviços prestados por este funcionário à causa pública jamais poderão ser recompensados pelo estado. (Firmino Peres Rodrigues, diretor do DOPS).**

**— É o maior camaleão que já conheci. ( Omar Ferri, advogado dos uruguaios seqüestrados).**

**— Tudo que a gente passou são coisas que se busca esquecer, afastar da lembrança, mas alguns caras como Pedro Seelig vão ficar sem ser presos. ( Ex-preso político, ligado ao movimento estudantil).**

*( 3) DOPS: Departamento de Ordem Política e Social; Cisa: Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica; Oban: Operação Bandeirantes; Cenimar: Centro de Informações da Marinha*

com este Corcel. Ah, tem outro detalhe importantíssimo. É uma prova concreta de que ele estava com o carro. Enquanto eu estava presa, ele levou o carro para fazer uma revisão. Os caras da concessionária Ford, na Avenida Farrapos, onde comprei o carro em fevereiro de 70, mandaram lá pra casa uma nota promissória, que está assinada pelo Pedro Seelig. Minha mãe levou para o advogado que mandou tirar um xerox autenticado e devolver o documento original". (Ignês Maria Serpa de Oliveira, a *Martinha*).

Além deste Corcel — conhecido como Águia-1, cor branca, descarga aberta — pelo menos mais quatro carros da VAR-Palmares desapareceram e não constam nos processo da 2ª Auditoria Militar: Um Volks, um Aero, uma Kombi — estes três estavam à disposição do setor de imprensa da organização que ia funcionar na cidade de Tapes, a 120 quilômetros de Porto Alegre — e uma camioneta C14, que estava em nome de um japonês da cidade de Camaquã. Além de uma lancha azul e branca, motor Evinrude, com potência de 55 HP.

Para encerrar: quando esteve em Tapes, Pedro e sua equipe apreenderam uma pasta preta, contendo nada menos do que 32 mil dólares, também da VAR — dinheiro que fazia parte dos 2 milhões e 400 mil dólares do cofre do ex-governador paulista Adhemar de Barros.

— Está aqui a pasta do dinheiro, disse Pedro a um dos militantes. Mas eu quero saber do relatório. Era um relatório sobre torturas elaborado pela organização, que estava sendo distribuído no Brasil e exterior.

**O dinheiro também não consta no processo da VAR.**

Nos últimos 10 anos, de julho de 72 a fevereiro ou março de 73, Pedro Seelig esteve afastado do DOPS por um breve período. Segundo a sua própria versão, houve uma discussão com um major do DCI, mas não teria sido este motivo de seu afastamento: "Eu estava de saco cheio, andava trabalhando muito e me desgostei". Segundo o depoimento dos presos da Ação Popular (uma organização de esquerda com influência cristã que não aderiu à luta armada), houve a interferência do coronel Leonel Edmundo Carvalho de Oliveira para fastar Seelig. Na época, o coronel era chefe de segurança do Hospital de Clínicas — hoje é vice-presidente administrativo — e não gostou não da invasão que Seelig fez às dependências do hospital para prender dois militantes da Ação Popular.

Do DOPS, foi para a Delegacia de Furtos e Roubos e deixou vestígios de sua breve passagem. Na CPI que no começo de 73 investigou seu envolvimento na morte do menor Luiz Alberto, quatro ex-prisioneiros da Delegacia de Furtos prestaram depoimento denunciando torturas que sofreram no xadrez da delegacia chefiada pelo delegado.

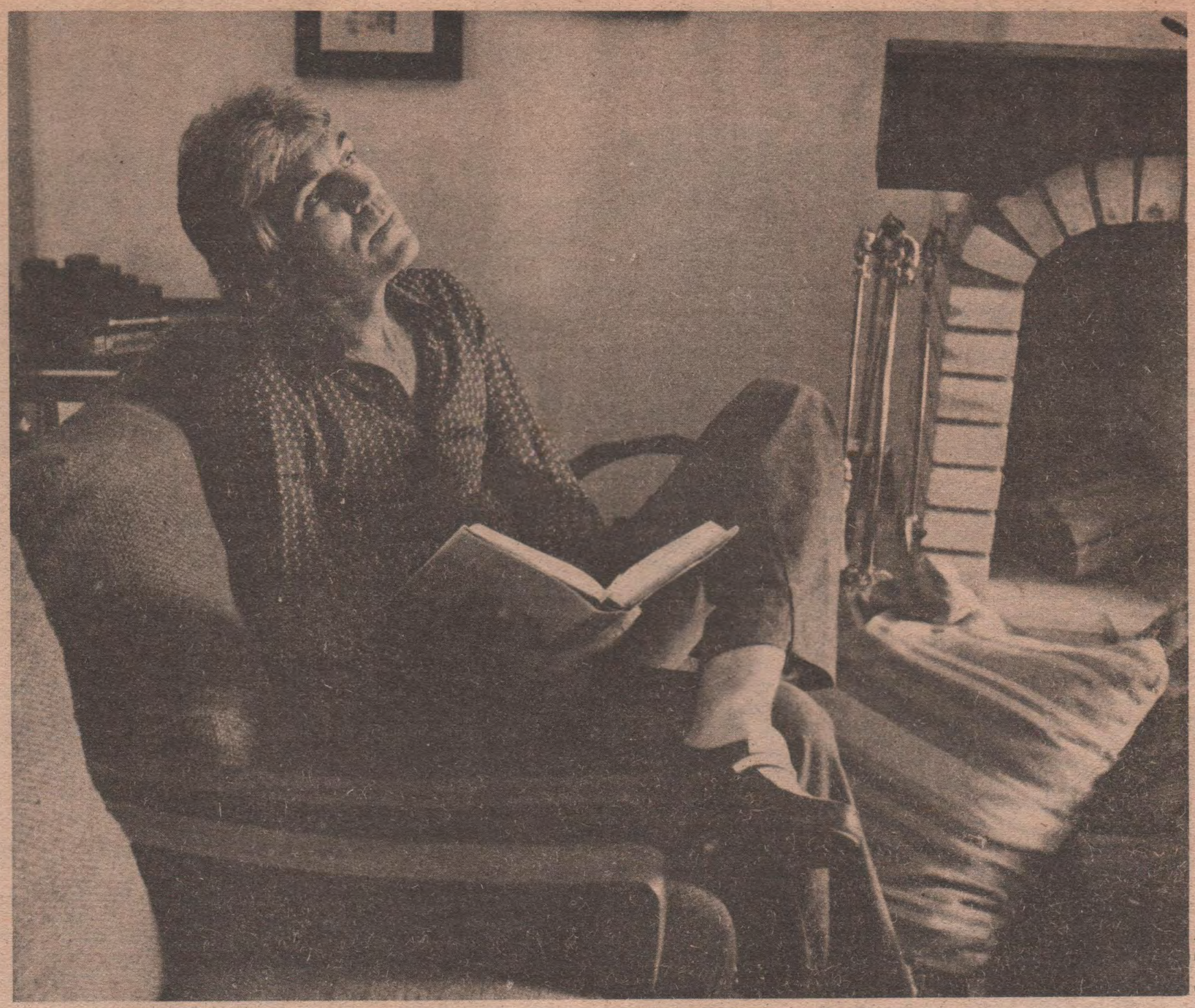
**— Se der uma virada, eu posso até trabalhar pra vocês. Sou apenas um funcionário.**

Os presos que ouviram esta frase de Seelig não a levaram a sério. Afinal, têm a convicção que trataram com um policial manhoso, experiente e que mente com a mesma convicção com que diz a verdade. Entre os colegas, a qualidade mais louvada é a sua competência. Em relação ao último obstáculo surgido em sua carreira — o seqüestro dos uruguaios — ele tem-se mostrado convicto da inocência ou da impunidade.

Na verdade não existem provas, a não ser apenas as circunstanciais sobre a sua participação ou envolvimento. As chamadas provas materiais, que qualquer policial sabe que pesam definitivamente num processo, até hoje não foram obtidas. E talvez seja este o maior indício da competência do delegado: a sabedoria com que tem conseguido esconder as provas dos delitos que lhe são atribuídos.

Além disso, ele parece ter noção exata de sua importância na engrenagem dos organismos de segurança e informação. Um homem com tão larga folha de serviços prestados não fica facilmente a descoberto. Seu afastamento do DOPS, não deve ser entendido como uma punição, mas como a retirada de cenário de alguém que vai se tornando menos necessário e, em certos momentos, até incômodo.

Pedro Seelig é intocável? Ele responde com outra pergunta: "Por que vocês nunca chegam num general? Vocês não acreditam na abertura?"



Baru Derkin

**Seelig na sala de sua casa, uma pose especial para fotografias**

# "O único problema é a família"

O delegado Pedro Seelig não dá entrevista. Mas quando soube que dois repórteres estavam procurando seus amigos, parentes e familiares resolveu recebê-los. Desde o início do mês de março Seelig já sabia das nossas intenções, pois o tenente coronel Carlos Alberto Ustra, atual comandante do 16º Regimento de Infantaria de São Leopoldo — ex-chefe da Oban — havia lhe comunicado. Ustra não quis falar, alegando que precisava de autorização do III Exército. Quinze dias depois o secretário de Segurança, coronel Osvaldo Leivas Job, num encontro informal com o repórter Najar Tubino, também ficava sabendo da matéria. E recomendou:

**— Não se esqueçam de falar com ele. É uma boa pessoa... Inclusive vou chamá-lo e autorizá-lo a falar com vocês, se ele quiser é claro...**

O primeiro encontro com Seelig aconteceu em sua casa, num sábado, dia 31 de março, e durou uma hora e meia. Ele nos tratou afavelmente, usando a velha tática da intimidade. Na verdade ele queria saber até onde iam as nossas informações. Dessa conversa montamos estes diálogos:

— Vocês não tão com gravador aí, né? Querem beber alguma coisa? Uísque? Ah, preferem caipirinha.

**— Pois é, nós estamos trabalhando nisso há algum tempo. Vamos fazer o teu perfil.**

— Tudo bem, é com vocês. Vão assinar, né? Depois eu vou ler. Só espero que não seja uma matéria parcial, com muito informe e pouca informação. Eu acho o seguinte: o cara que faz, assume. Eu sempre assumo meus pepinos.

**— Como no caso Arébalo?**

— É, eu podia até ter dado um jeito de não ter envolvido o DOPS na morte do Arébalo. Tinha como fazer isso, vocês sabem, mas não quis... Mas fico magoado com o tratamento que a Imprensa dá ao caso. Sempre citam o meu nome como o envolvido na morte de um menino nas dependências do DOPS. Ele morreu dentro do Sanatório Partenon. E eu fui impronunciado. Quer dizer, isto é maldade... A mãe do garoto até hoje continua comigo... Eu aprofundei os meus conhecimentos de Medicina Legal, especialmente no planctum mineral (substância encontrada nos pulmões de Arébalo e segundo os médicos é o sinal de afogamento).

**— É a luta armada. Tu és conhecido em função dessa época, de assaltos a bancos, seqüestros, ...**

— Realmente eu me orgulho de ter este mérito... Agora esse negócio de especialização não é verdade. Nunca conheci o Dan Mitrione. Nós aprendemos tudo por aqui. A gente pegava esse pessoal todo e eles abriam. Sabe como é, enquanto o cara não é preso, tudo é festa. Bota um 45 na cintura e tal... Mas depois, quando são presos, se desestruturam. E tem mais a manha, a gente vai aprendendo.

**— Foi um tempo difícil, não?**

— Pois é, guerra é guerra. Mas eu assumo o que fiz.

**— E agora, esse negócio do seqüestro. Como é que fica?**

— Tô tranqüilo, vou tirar essa de letra. O único problema é essa gritaria. Toda vez que uma irmã minha lê um negócio no jornal, liga pra cá perguntando.

**— Diz que na época da luta armada, tu costumava falar para os presos que se desse uma virada, tu podia até continuar na função?**

— Ah, mas era gozação. Eu dizia que podia fazer parte do GTA — Grupo Tático de Ação — do PC. Se bem que o PC não tem isso. Mas dava para assumir a coordenação das agitações. Gosto de coordenar.

Neste encontro ele ainda concordara em conversar novamente. Desta vez seria na sede do **Coojornal.** Ficou acertado um telefonema para terça-feira, dia 3, confirmando.

**— Como é que é, estamos te esperando?**

— Ih, tu achas que eu sou louco de ir aí. Tive falando com o Lia Pires (advogado dele)... Tu sabe que eu tô no sufoco. A gente achou melhor que vocês fizessem as perguntas por escrito.

Nós fizemos. Mas ele não respondeu. Voltou a falar no "sufoco". Desta vez, porém, acabamos encontrando-o na frente do DOPS, no segundo andar do prédio da Secretaria de Segurança, quando entrevistávamos o seu antigo comandado, inspetor Itaci Vicente, o *Mão-de-Ferro:*

— Como é que vão estas feras do Jornalismo?

**— Tudo bem, cadê as perguntas?**

— Nada feito, fica para mais tarde, quando passar esse processo do seqüestro.

**— Mas nós precisamos checar algumas informações, pelo menos.**

— O quê, por exemplo?

**— Já decidiram a tua nova função?**

— Tô sentadinho lá no Gabinete do Superintendente, aguardando designação. Quero sombra e água fresca. Mas acho que fico na assessoria do Secretário.

**— Mas tá demorando isto, tu vais ficar no Ministério do Ar?**

— Não, eu nunca fico no Ministério do Ar.

**— É verdade que o Fleury e o coronel Ustra, foram teus professores?**

— Não, nada disso. Eles são meus amigos. Gosto muito deles. Não é verdade que os caras lá de cima desciam aqui para nos ensinar.

**— Qual foi a tua ação mais difícil?**

— Pra mim não existe a mais difícil. Encaro todas com a responsabilidade. A próxima sempre é a mais difícil.

**— O que tu achas da anistia?**

— Isso é uma das coisas que eu não posso responder. Tem que perguntar pro Pedro Simon, Jarbas Lima, pros políticos.

**— Sabes que a tua cabeça é pedida pela esquerda?**

— Também quero a cabeça deles...

**— Não tem medo de morrer, se acontece uma virada como é que fica?**

— Não tenho medo de nada. Nunca tive.

Finalmente no domingo, dia 8, o fotógrafo Baru Derkin esteve na casa de Seelig, para fazer umas fotos dele como cidadão. Seelig estava fazendo um churrasco. Em princípio não queria ser fotografado em casa. Mas depois topou. Trocou as bermudas pela gravata, foi à sala, pegou um livro e posou. Depois foi na frente do espelho. E ao terminar comentou:

— Eu não tô negociando com vocês. Tô fazendo isso porque é inevitável. De qualquer maneira vocês precisam fazer o jornal.

# A MORTE DE LUIZ ARÉBALO

**Ocorrida no DOPS em 73, levou Seelig à Justiça. Seis anos depois, contamos uma versão com novos elementos sobre o crime**




10h30min. Nilo Hervelha de um lado, Itaci, o **Mão-de-Ferro,** do outro. Pires mais atrás. Seguro pelos braços, dessa maneira Beto é conduzido à fossa, como é chamada a sala de torturas do DOPS. Gritos. Meia hora depois, os policiais o colocam numa cela onde havia três presos. Seu estado é ruim. A barriga está toda roxa. Ele diz:

**— Me bateram! Esses caras me bateram. O Itacy, o Nilo e o Pires.**

15h30min. Novamente Beto é levado à fossa, após uma discussão com o inspetor Pires. Lá permanece por 20 minutos. Volta à cela, queixando-se de dores, corpo molhado e diz aos presos:

**— Amarraram minhas mãos pra trás e enfiaram uma mangueira na minha boca!**

Nessas duas cenas acontecidas no dia 6 de fevereiro de 1973, se decidiu a vida do menor Luiz Alberto Pinto Arébalo, de 17 anos, filho da empregada do delegado Pedro Carlos Seelig, que morreu dois dias depois, no Hospital Sanatório Partenon. A partir de uma pequena nota publicada no jornal *Correio do Povo* informando sobre a abertura de uma sindicância para apurar o recolhimento de um menor ao DOPS, o caso repercutiu intensamente em todo estado e, ainda hoje, constitui o **Calcanhar de Aquiles** do delegado.

Na Assembléia Legislativa foi aberta uma Comissão Parlamentar de Inquérito, que passa a atuar simultaneamente ao inquérito policial, posteriormente remetido à Justiça. O inquérito presidido pelo delegado Wilde Pacheco indiciou Pedro Seelig por abuso de autoridade e reconheceu o crime de homicídio, sem porém apontar seus autores.

O relatório da CPI concluiu por abuso de poder, o que motivou um voto em separado do MDB, na época em minoria na Assembléia. Nesse documento, com quase 250 páginas, responsabilizou o delegado por homicídio qualificado, baseando-se, principalmente, no auto de necrópsia que apontou dois detalhes importantes: o menor sofreu maus tratos e foi submetido a afogamento parcial que lhe causou uma insuficiência respiratória aguda.

Apesar disso, em outubro de 1975, o juiz Luiz Carlos Castello Branco, do Tribunal do Júri, por onde correu o processo, impronunciou Seelig, por considerar que a vítima morreu de broncopneumonia e não por afogamento. Venceu a tese da defesa, sustentada pelo advogado Oswaldo de Lia Pires, de que um ventilador provocara a pneumonia no menor.

## UMA NOVA HISTÓRIA

Seis anos e dois meses depois da morte de Arébalo, voltamos a reconstituir os fatos ouvindo os envolvidos no caso. E, pela primeira vez, ex-presos que testemunharam os últimos três dias de Beto no DOPS dão uma nova versão que desmente a história contada pela polícia. Naqueles dias, a Divisão de Segurança Social, dirigida por Pedro Seelig, prendera 17 ativistas do movimento estudantil, sendo que pelo menos seis deles acompanharam a passagem de Arébalo pelo DOPS. Eis a história:

— Beto entrou pela primeira vez no complexo de celas, carceragem e cartório (especificado no desenho) somente na manhã do dia seis, quando tomou o primeiro pau. Seelig não estava no DOPS. Ele chegou pelas 15 horas. Beto escuta sua voz e lhe chama. Seelig vai até a cela, abre a porta e pergunta: "Que fizeram contigo?". Fala mostrando surpresa: "Não era pra fazer isso com o guri", dirigindo-se aos seus subordinados, inspetores Itacy, Pires e Nilo Hervelha. Retira Arébalo da cela e coloca-o num sofá próximo à mesa da carceragem.

Minutos depois diz que vai sair. Seelig sai. Voltam os inspetores e levam o menor para a fossa pela segunda vez. Depois do segundo pau, quando lhe enfiaram a mangueira na boca, Beto passa a noite agonizando. Treme, sente frio, respira com dificuldade e reclama das dores no tórax. Os presos fazem um chá de losna. Durante essas horas, Pires e Hervelha vez por outra iam até a cela e lhe faziam ameaças: "Como é, vai contar onde está o dinheiro? Vai contar ou vamos te levar de novo!".

No dia seguinte, o inspetor Cardoso retira Arébalo da cela. Levam-no para uma cela menor e, mais tarde, colocam um grande ventilador. Beto tossia e estava enrolado num cobertor. Quando a gente ia no banheiro via o garoto suando. a gente escutava os policiais dizerem: "pára de fingir!". Nessa situação, Seelig falou: "Se tu morrer aqui, vais me arrumar o maior rabo!".

Dois detalhes precisam ficar bem claros a partir desses novos dados. Está confirmado que Arébalo apanhou. E isso explica as lesões apontadas no auto da necrópsia feito pelo médico legista Ernesto Freitas Xavier. Reforça também o que foi dito pelo doutor Luiz Ingleto, médico da polícia, na CPI, onde ele conta que Arébalo se queixou de ter apanhado. E mais: confirma aquilo que Beto disse para irmã Celsa, chefe do serviço de triagem do Hospital Sanatório Partenon, quatro horas antes de morrer: "Aqueles caras, que me bateram... Aqueles caras, lá, né!". Por outro lado, levanta uma dúvida. A versão oficial é de que ele ficou no DOPS do dia 30 de janeiro a 8 de fevereiro. Segundo os presos, ele permaneceu menos de três dias no DOPS. Isso leva à conclusão de que ou Beto estava noutro lugar, ou no DOPS, mas não naquele setor.

## POR QUE FOI PRESO?

Beto morava em Alegrete. Sua mãe, Lígia Pinto Arébalo, foi criada pela família de Suely Pinto Mota, que se casou com o delegado Pedro Seelig e a levou junto para trabalhar de doméstica. Com ela foram as filhas Ana Paulete e Luiza e o menino Luiz Alberto. O delegado consegue colocação para as moças em casas de parentes e Beto segue morando com ele, trabalhando em alguns serviços da casa e fazendo algum biscate. A partir de 1971 Beto continua morando com o delegado enquanto sua família passa a residir noutra casa.

No começo de 72, Seelig assume a presidência da Sociedade dos Amigos do Bairro Cristal. Dá a função de cobrador das mensalidades dos associados ao menino. Ele então já namorava Maria de Lourdes Fonseca, a Dudi, a quem conhecera no Bairro Azenha, local que costumava freqüentar.

De acordo com o depoimento do delegado Pedro Seelig, no dia 29 de janeiro Beto o procurou no DOPS pra confessar que não prestava contas desde agosto, pois havia gasto o dinheiro por causa das más companhias que andava. Seelig disse ter ficado "sem ação". Considerou "uma ingratidão" e, alegando "falta de serenidade pra tomar alguma decisão", mandou Beto para casa.

Nessa noite, enquanto Soltero Alfonsin, membro do Conselho Fiscal, e Luiz Fernando Gomes, secretário da Associação, em casa de Seelig, examinaram os documentos de Beto, o garoto dormia na casa da namorada, nervoso porque tinha que acertar contas com o delegado. Em razão desse suposto desfalque Beto é preso.

**— Espera aí que eu já volto, foi a sua última frase!**

Em Alegrete reside o eletricista Milton de Oliveira Arébalo, pai de Beto, casado pela segunda vez, três filhos.

**— Seu Milton, viemos conversar com o Senhor a respeito de Beto...**

— Será que vai começar tudo de novo? Não gostaria de passar por tudo que já passei!

Apesar do medo e do receio de que se repitam as pressões sofridas na época, ele conta o último encontro que teve com o filho, na virada de 71 para 72.

## "VAI COMEÇAR DE NOVO

— Um dia nós conversávamos sobre a carestia, custo de vida que tava muito alto. Eu reclamava e o menino entrou no papo e disse que não era pra eu falar assim. "Não fale que o negócio tá ruim. Eu que tô lá por dentro vejo". Não entendi muito bem a história. Aí ele contou algo que o preocupava. Disse que tinha ido ao cinema, mas como não pôde entrar deu volta. No caminho de casa encontrou a Kombi de *batida* parada na frente de um bar. Perguntou pelo seu Pedro, disseram que ele já vinha. Perguntou se eles iriam pra casa. O cara disse que iam dar uma batida, mas não sabiam onde. Então, ele entrou na parte de trás. Nisso chega o motorista e os outros, apressados, e se arrancam, sem ver que ele tava lá trás. Andaram 20 minutos e pararam numa vila. O do volante mandou alguém "ver se ele estava em casa". Ele voltou confirmando e disse que o cara tava ouvindo rádio mas que havia crianças na casa. Desceram, foram lá e deram uns tiros. Depois saíram chispando do local. Quando desceram é que os da frente viram ele. Aí seu Pedro perguntou aonde é que ele tinha entrado na Kombi. Depois começaram a discutir entre eles.

Seu Milton não sabe da ligação deste fato com a morte de Arébalo. Ele já havia contado essa história ao deputado Rospide Neto, presidente da CPI, em particular. O certo é que, por mais de uma vez, Seelig "mandou recados dizendo para o Beto voltar, se não ele mandava buscar o Beto".

Outro detalhe: Dudi lhe contara, após o enterro, como aconteceu o desvio.

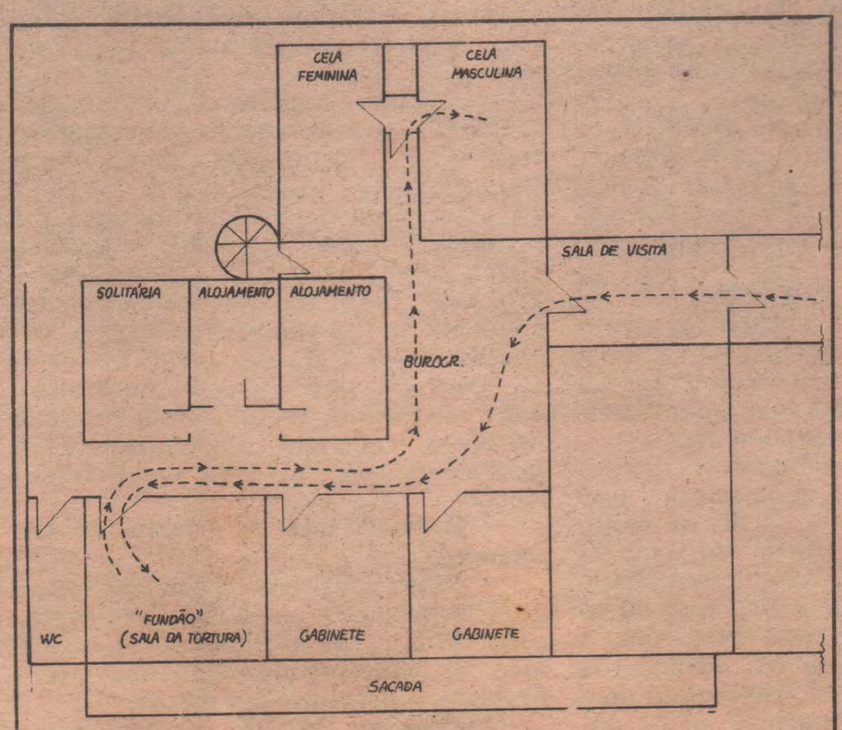
## ELE PRETENDIA FUGIR

— Uns sócios, amigos do Beto, estavam com as mensalidades atrasadas e queriam ir a um baile. Pediram pra ele carimbar os recibos e pagariam depois, quando tivessem dinheiro. O total não chegava a Cr$ 800,00.

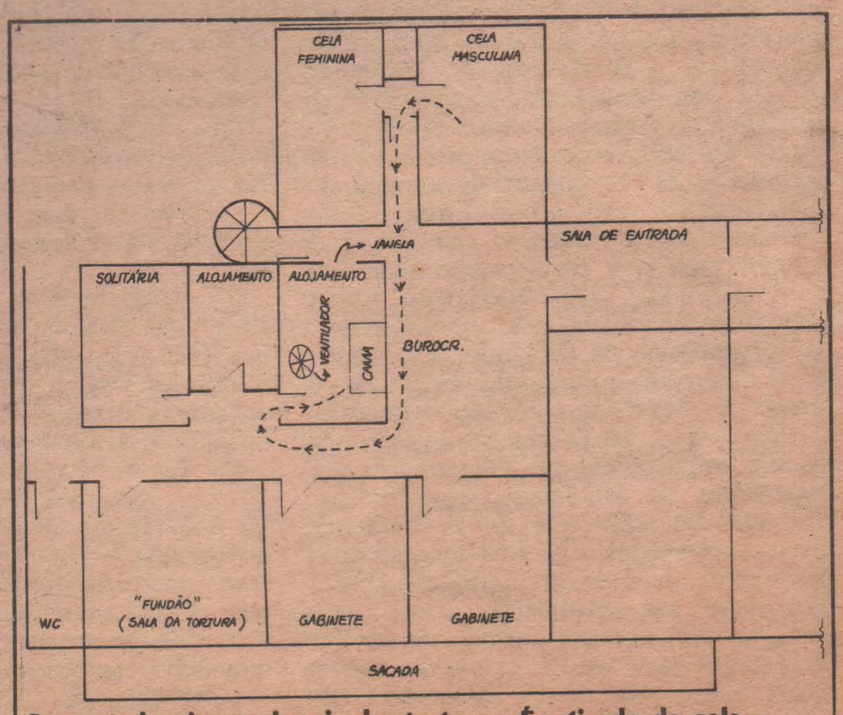
Na CPI, Dudi fez outra revelação importante. Beto, umas três semanas antes de ir para o DOPS, segredou a sua madrinha, Lizete Rodrigues, que pretendia fugir de Porto Alegre, pois sentia que ia acontecer-lhe alguma coisa. E pensava em terminar o namoro. Agora, o que disse Seelig na mesma CPI.

— Durante o veraneio, estranhamente, o moço saiu da praia em que se encontrava, Cidreira, e regressou a Porto Alegre, sem dar satisfações.

Até aqui contamos a versão dada pelos ex-presos e o testemunho do pai do Beto que colocam em xeque a história montada pela defesa. Ou seja: justificar a detenção do rapaz, sua longa




**Beto é conduzido à sala de torturas. Fica cerca de 40 minutos. Volta para a cela. À tarde Seelig o retira e deixa o menino num sofá da carceragem. Depois ainda recebe novo "tratamento"**




**Seu estado piorou depois das torturas. É retirado da cela. E levado ao chamado alojamento dos funcionários, que também serve de cela em dias de superlotação. Ali foi colocado o ventilador**

permanência no DOPS e encobrir os maus tratos. É importante ressaltar que existem inúmeras contradições nos depoimentos daqueles que sustentaram a versão oficial. Apontaremos somente as principais.

1ª) A mãe de Beto, teria pedido ao delegado Seelig para deixá-lo por alguns dias no DOPS, para dar-lhe um susto. Só que no dia seguinte, dona Lígia mandou sua filha Luiza à casa de Dudi pra lhe pedir um favor. Queria que a sogra de Beto acompanhasse Luiza ao DOPS para interceder junto a Seelig, pois este estava muito brabo.

2ª) Os policiais disseram que Beto chegou vomitando porque comera carne de porco. Entretanto, o almoço na casa de Dudi tinha sido arroz, feijão, guisadinho com batata e salada de alface.

3ª) Seelig disse que o doutor Ingleto mandou aplicar o soro em Beto no terceiro ou quarto dia, quando foi constatada a desidratação. Mas, o próprio médico diz que viu ministrarem soro no primeiro dia e nunca soube quem receitou. Segundo ele, a aplicação durou quatro dias. Já o enfermeiro Paganotto, ex-colega de Seelig na Guarda Civil, disse ter aplicado só duas vezes.

4ª) O doutor Ingleto disse que atendeu Beto numa cela. Seelig contestou, falou que era um equívoco, pois todas as janelas do DOPS têm grades. Chegou a afirmar que o menino ficava junto aos funcionários assistindo televisão. Mas, em seu primeiro encontro com seu Milton, após a morte, informou-lhe que havia deixado Beto encapuçado por algum tempo, "pois não era castigo deixá-lo vendo televisão".

5ª) "Nesse dia fiquei otimista quanto a sua recuperação, pois vira o garoto rindo para os funcionários e até comendo comidinhas leves como leite, chá e bolacha". Foi exatamente nesse dia que Beto apanhou.

— Queria avisar aos acompanhantes do delegado Pedro Carlos Seelig que ou deixem as armas na Segurança ou se retirem da sala!"

## O menino Arébalo morto em conseqüência de uma pneumonia, segundo a polícia e seu pai que ainda mora em Alegrete. Ele conta uma outra versão da morte



Arquivo Coojornal



sergio arnoud

Em nada adiantou o lamento do promotor Lauro Araújo Batista da Silva diante da impronúncia de Seelig. O juiz Castelo Branco se apegou "à falta de prova contra a materialidade", e diz que agiu "de acordo com a aplicação da lei e com os ditames da consciência". Por isso Seelig não foi a júri popular.

Mas a impronúncia não significa absolvição. Diante de novos dados o promotor pode reabrir o caso. E ainda faltam 14 anos para prescrever o crime (homicídio qualificado prescreve em 20 anos). Hoje os personagens dessa absurda história de um susto mal dado encontrariam outro clima para falarem sobre o seu envolvimento. E eles estão todos aí. A mãe de Beto, com 48 anos, ainda trabalha na casa do delegado. O pai está em Alegrete, trabalhando como eletricista e com o nome marcado pela tragédia. A namorada Dudi, com 22 anos, depois de quase ter enlouquecido, segundo sua mãe — que mudou-se para a Vila Restinga — está casada e tem um garoto. Doutor Ingleto retirou-se para São Jerônimo. Os inspetores Itacy e Pires ainda trabalham no DOPS, cujo diretor é novamente Firmino Peres. Nilo Hervelha trabalha no Departamento de Diversões Públicas. E Seelig está mais uma vez nas manchetes dos jornais, enfrentando sua segunda CPI, com a mesma tranqüilidade que sempre aparentou.

### O CLIMA DE TERROR

Essa frase do deputado Rospide Neto, ao abrir os trabalhos da CPI, no dia 29 de maio de 1973, revela bem o clima que se formou em torno da morte de Arébalo. Seelig comparecera na Assembléia para solicitar a transferência da data de seu depoimento, acompanhado de cinco policiais. Na verdade, as pressões começaram logo após a morte do menino.

No dia da morte, os policiais responsáveis pela baixa do menor ficaram insistindo durante quatro horas para o Hospital Sanatório Partenon liberar o atestado de óbito. O hospital negou. Ao saber disto, Seelig entrou em contato com o doutor Ingleto. O médico argumentou que não poderia assinar sem consultar seu colega Vilelia. Então, buscaram-no em São Jerônimo de avião. Acabaram não assinando.

**— Que injustiça fizeram contigo! Que injustiça!**

O lamento do sogro de Beto foi interrompido pela ação de dois dos nove policiais presentes de forma ostensiva no velório, impedindo qualquer conversa ou manifestação dos familiares e amigos da vítima. Desde que chegou a Porto Alegre, o pai de Beto foi seguido por um Karmanghia vermelho. O fato tornou a se repetir em alegrete por mais três vezes.

Três dias após o auto de necrópsia ter sido divulgado, o diretor do Instituto Médico Legal, Francisco Assis, foi demitido pelo superintendente dos Serviços Policiais, Leônidas da Silva Reis, no dia 12 de maio. O doutor Assis não cedeu às pressões e mostrou-se contrariado com os vários reexames feitos com o material de amostra, inclusive em laboratório fora do IML. Posteriormente, seu consultório foi arrombado.

O promotor Eduardo Pinto, que ofereceu denúncia contra Seelig, por homicídio qualificado, foi ameaçado várias vezes. A mesma coisa aconteceu com o juiz Antônio Augusto Fernandez — recebeu telefonemas minutos antes da audiência com o delegado — e com o presidente da CPI. Diante dessa situação, Rospide Neto pediu garantias de vida ao governador Euclides Triches.

**— O mais grave defeito do processo foi o da polícia investigar a própria polícia!**


**Arroz Leviesti, o melhor desempenho em qualquer panela.**




COTRIJUI
cooperativa regional tritícola serrana ltda.

# A POESIA, EXPOSTA COMO UM NERVO

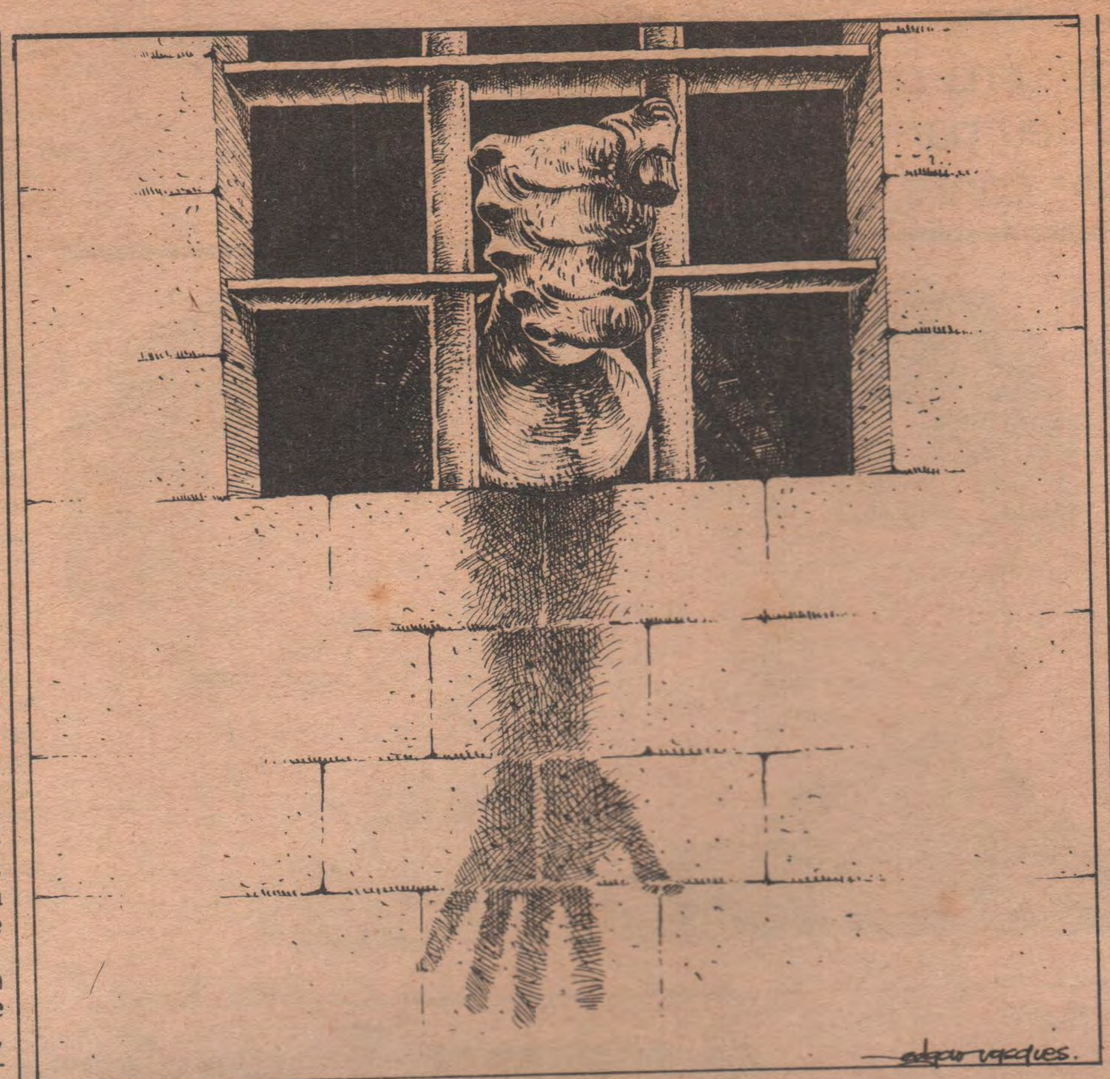
**INVENTÁRIO DE CICATRIZES, de Alex Polari de Alverga, edição do Comitê Brasileiro pela Anistia, 58.**

Se você se dispõe a ler *Inventário de Cicatrizes* com a boa vontade que deve merecer um autor, cujo endereço atual é o Presídio Milton Dias Moreira, no Rio, e que, já tendo cumprido sete anos de condenação, ainda tem mais 67 pela frente, você pode ficar certo de que está cometendo uma injustiça.

A poesia do preso político Alex Polari de Alverga dispensa qualquer paternalismo e não precisa do mais leve toque de condescendência. Ela se impõe e se expõe. Como um nervo. Que sente, transmite e recria. Não é favor nenhum reconhecer em Alex uma das vozes mais originais e autênticas de nossa poesia pós-Ferreira Gullar, ao lado de Cacaso e Chico Alvim. Basta ler seus versos.

*Inventário de Cicatrizes* nos traz um poeta consciente. De imediato, consciente politicamente, consciente de seu corpo, consciente de seu tempo. Mas só a consciência não transforma ninguém em poeta. Alex vai mais além e é consciente de sua própria poesia, reconhecida como algo pessoal, de um indivíduo que tem um corpo e sentimentos que escapam "à lógica dos manuais de dialética" e que só pode refletir a vida vivida e sofrida até a última gota, enquanto os hinos panfletários soarão falsos se não corresponderem a uma práxis.

É uma poesia fluente, mas rigirosa. De um humor feroz, sem piadismo, nem graçolas. Trágica, sem autocomiseração. Feita em forma direta e despojada — simples não por ser espontânea, mas por ser conscientemente desbastada do supérfluo, reduzida ao tutano. Da simplicidade de que são feitas as coisas belas. No entanto, esse despojamento não impede, nem invalida os grandes vôos dos sopros épicos, aventureiros, ecoando o melhor do romantismo temperado pela ironia modernista e pela irreverência pessoal do poeta. Prova disso são o *Projeto Bucaneiro para o Dia da Anistia* ou o *Poema com Tema Cigano*.




Tematicamente, o livro é um depoimento fundamental sobre uma geração e um tempo em que a presença da tortura e a ameaça da morte não apagam o amor nem a lucidez de quem lançou a própria vida na generosidade de se dar a uma causa. Suas idílicas estudantis passam a limpo as ternuras infantis de Manuel Bandeira ou o *Meus Oito Anos* de Casimiro de Abreu no clima que Caetano Veloso imortalizou com o aviso: "Atenção! .Tudo é perigoso. Tudo é divino-maravilhoso".

Os versos eróticos revelam o aliciante sensualismo de um poeta que deseja que "todos descobrissem que o medo e a aversão ao prazer/ a que foram submetidos foi e será sempre/ apenas a estratégia dos tiranos". As evocações do tempo vivido lá fora dos muros da prisão retraçam os caminhos de quem aos vinte anos se viu levado a escolher entre se omitir ou tentar se esgueirar pela única brecha que então lhe parecia possível: ("Quando me interessei pelo mundo/ e procurei o sentido da vida/ a ética dependia da pontaria/ a certeza era fácil/ estava mais nas entranhas/ e no coração/ do que nos livros.")

E a pintura do tempo sofrido na prisão, da tortura, dos companheiros mortos (*Cemitério de Desaparecidos, Trilogia Macabra,* o belíssimo poema-título, a *Canção para Stuart Angel,* e tantos outros) é pura tragédia vestida de palavra. Palavra. Aí se instala já o mistério do ato criador. Como é possível que alguém que passou por esses horrores seja capaz de revidar com uma palavra poética dessa intensidade, dessa finura, dessa sutileza? Talvez a explicação esteja nos próprios versos de Alex: "Quando a baioneta cala/ o sentimento grita". Ou ainda — "Na relação com o mundo/ minhas rimas são interiores".

Os melhores sentimentos, a melhor posição política, o melhor caráter não são poesia. As melhores leituras (sobretudo a de Drummond, com ecos de *Balada do Amor através da Idade, Poema da Necessidade, Congresso Internacional do Medo*) também não. Mas a encantatória arte da palavra, na vitória do humano sobre o bestial, fazem de Alex Polari um poeta digno do nome. Portanto se você (como eu, também) não consegue esquecer que Alex é um prisioneiro político, pode deixar isso de lado na hora de avaliar sua poesia. Ou use essa informação apenas para guardar *Inventário de Cicatrizes* em sua estante bem ao lado de *Memórias do Cárcere,* de Graciliano Ramos. Tendo do outro lado outro volume de poesia: o *Diário de Prisão* de Ho Chi Min.

**ANA MARIA MACHADO**


# OS LIVROS QUE VOCÊ PRECISA LER ESTÃO AQUI.

**E1 — ESPIONAGEM CIENTÍFICA:**
Jacques Bergier
Os cientistas, a política e a tecnologia da guerra. A manipulação de cérebros, o uso da Ciência pelos governos, o tráfico de sábios. — Cr$ 100,00

**E2 — ANTOLOGIA POÉTICA:**
Pablo Neruda
Edição bilíngüe: texto original em castelhano e a tradução portuguesa em prosa. O melhor de Neruda em um único livro. — Cr$ 90,00

**E3 — O MITO DA CULTURA DE MASSA:**
Alan Swingewood
Uma análise dos princípios fundamentais da comunicação de massa, a partir da dominação de classe nas sociedades capitalistas modernas. Um estudo a partir das teorias de Adorno, Gramsci, Benjamin, Althusser, Marcuse e Lukacs. — Cr$ 120,00

**E4 — ECOLOGIA E POLUIÇÃO:**
Benjamin de Carvalho
O homem e seu ecossistema. Poluição do meio ambiente e explosão demográfica. A destruição do meio ambiente e o futuro. O progresso a qualquer preço e a natureza. — Cr$ 110,00

**E5 — SEXO E AMOR:**
Eric Berne
Uma abordagem inteiramente original do sexo e do amor: sob o prisma da análise transacional. Linguagem coloquial, fundado em pesquisa, e transbordante de verve e sabedoria. — Cr$ 100,00

**E6 — AGRESSIVIDADE CRIATIVA:**
Bach & Goldberg
Um livro que derruba o mito do "cara legal". O perigo da repressão da raiva. Como tornar construtiva sua agressividade livrando-se do artificialismo das relações humanas. — Cr$ 160,00

**E7 — NOSSA NOVA CASA:**
Bruno Monteiro
Projetos completos, com fachadas e divisões internas, de casas térreas e sobrados de vários estilos. — 98 sugestões para construir sua casa. E mais: churrasqueiras, lareiras, piscinas, jardins. Projetos novos. Totalmente a cores. — Cr$ 160,00

**Aproveite a oportunidade. Peça ainda hoje pelo Reembolso Postal. Preencha o cupom abaixo.**

**Agência Literária Veritas Ltda.** Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre

Queiram enviar-me os livros abaixo assinalados com um X:

**E1... E2... E3... E4... E5... E6... E7...**

Nome: _____

Rua: _____ Bairro _____

Cidade: _____ CEP _____ Estado _____

Assinatura _____

* **Não cobramos despesas de remessa.**

ponha logo no Correio


poder (as exceções só confirmam a regra), e que embora combalido, continua vivo e atuante. Basta lembrar que esse teatro buscou alternativas e não se acomodou à ordem vigente.

Peças foram proibidas? Criaram-se os ciclos de leitura dramática (teatro Ruth Escobar, São Paulo, Associação dos Artistas e Teatro de Arena de Porto Alegre, para citar alguns) que funcionam como bancos da cultura teatral, não permitindo que textos da importância de um **Rasga Coração,** de Oduvaldo Vianna Filho, por exemplo, ficassem engavetados e esquecidos na memória nacional.

Espetáculos são retirados de cartaz? Busca-se a palavra impressa, o livro, para que o autor nacional seja levado ao público, embora saibamos que teatro é para ser visto e ouvido, não apenas lido. Aliás, a força do teatro reside exatamente na presença viva do ator, na palavra lançada naqueles poucos metros de palco, onde a vida, o homem e a sociedade são recriados e analisados. Daí o fato de ter sido o teatro o ramo da arte mais censurado nestes quinze anos, o que mais medo causa aos Poderosos. E daí, também, a aparente incoerência dos órgãos oficiais proibirem um espetáculo e permitirem a sua edição em forma de livro. Sabem eles que o teatro, enquanto palavra escrita, não encontra sua verdadeira e total expressão. O teatro só se dimensiona realmente sobre o palco, com o ator dando vida à palavra.

Mas, enquanto a censura oficial (e não raras vezes o autocensura individual) não nos permitir o contato direto com o espetáculo vivo, resta-nos o consolo de ler os nossos autores teatrais mais importantes, aqueles que se recusam ao silêncio resignado e se negam a cumprir o papel de bufões das classes dirigentes. E aqui, mais uma vez, constatamos que, apesar dos pesares, o teatro nacional vai bem.

Num país onde apenas uma parcela mínima da população lê, um significativo número de textos teatrais foi editado durante o ano de 1978, alguns censurados, outros não, mas todos voltados, de uma forma ou de outra, para os problemas do homem brasileiro e para a crítica das classes dominantes. Deles, destacamos alguns, cujas referências damos a seguir.

# O TEATRO ESTÁ VIVO E ATUANTE

**A HISTÓRIA É UMA HISTÓRIA, de Millor Fernandes. L&PM, Porto Alegre**

**UM RUBI NO UMBIGO, de Ferreira Gullar. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro**

**TEATRO DE GIANFRANCESCO GUARNIERI, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro**

**FEIRA BRASILEIRA DE OPINIÃO, vários autores. Global, São Paulo.**

Apesar do processo inflacionário, da censura, da falta de público e tudo o mais, o teatro nacional vai bem. É um teatro que conseguiu sobreviver a quinze anos de obscurantismo e porrada, sem acovardar-se ou atrelar-se às rédeas do

### RUBI NO UMBIGO

Ferreira Gullar, o poeta de **Poema Sujo,** o dramaturgo de **Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come,** o autor do ensaio **Vanguarda e Subdesenvolvimento,** volta a público com sua última peça teatral **Um rubi no umbigo,** uma sátira à sociedade atual. Nela, Victor, a personagem principal, teve, ao nascer, seu umbigo supostamente malremendado. A avó (gênero aristocrata falido) doou-lhe um rubi — herança da família — para que fosse incrustado no umbigo, como tampão. Mas o rubi, que seria a salvação de Victor, serve-lhe também de perdição, pois somente retirando o rubi do umbigo do adolescente, através de uma operação cirúrgica, a família poderá sobreviver financeiramente.

A partir dessa situação irresistivelmente cômica, mas que traz em si o germe do drama, Ferreira Gullar constrói um texto teatral extremamente bem urdido, através do qual leva o leitor (ou espectador) a uma análise impiedosa da nossa sociedade dominada por um sistema promotor de falsos valores que a leva, inexoravelmente, à perda de sua própria identidade.

### A SEMENTE

Lançado também em 1978, pela Civilização Brasileira, a coleção **Teatro de Gianfrancesco Guarnieri** foi prevista para um total de nove volumes. Daqueles já lançados, sem prejuízos para os demais, destaca-se o volume dois, com o texto **A Semente** (a encenação do texto foi proibida pela censura em 1961 e até hoje não foi liberada). Como cenário, fábricas e casebres dos operários, esse mundo sofrido e, na maioria das vezes, até resignado e alienado da sua realidade e da sua potencialidade, é mostrado por Guarnieri em toda sua dramaticidade, com seus desesperos, esperanças e contradições.

Segundo Flávio Rangel, "a massa é protagonista da peça e dela ressalta Agileu que, com uma envergadura de herói trágico, luta com todas as suas for-

# LEITURAS




ças para tirá-la da condição subumana em que vive. A proposta de Agileu, fixo na sua eternidade, tem um ponto em comum com o berço do teatro, porque de uma certa forma ele luta contra o destino (com a diferença de que agora ele é conhecido e, portanto, modificável). E essa proposta, além de uma saudável emulação, é também uma das mais preciosas contribuições à galeria dos personagens da nova dramaturgia brasileira". Agileu, o inconformado operário, que ao longo da peça tenta abrir os olhos dos seus companheiros para a realidade que os circunda, sacudir o seu marasmo e resignação, levá-los a tomar consciência das suas imensas possibilidades, é quem grita no final:"...Há tanta coisa, gente mas tanta, que pode ser feita. Temos dois braços e uma cabeça e somos os donos do mundo... Será justo ficar aqui esperando o Sol,enquanto há tanto para criar? Chega disso! Vamos sacudir a desgraça, que ela não existe... Existe é coisa injusta..."

### ANIMAL QUE RI

**A história é uma história,** de Millor Fernandes (um dos homens mais lúcidos e inteligentes deste país, o que lhe tem valido inúmeros aborrecimentos), é um texto de humor crítico e satírico, irreverente. Brincando com a história, Millor a desmistifica. No início do texto já o apresentador avisa: "Vamos contar aqui a história, do ponto de vista de 1978: como todos sabem, um ano que não aconteceu. Os personagens históricos, como também ninguém ignora, são todos inventados, para que os jovens gastem a juventude se aprofundando no que eles não disseram nem fizeram..." E, logo em seguida, os atores afirmam: "Só três homens conseguem modificar fundamentalmente a História: os estadistas, os militares e os historiadores". Sempre através de um espírito crítico de alto nível, Millor vai contando a História do homem, desde as cavernas até nossos dias, num texto limpo e direto, característica do seu estilo, terminando por concluir: "O homem é o único animal que ri. E é rindo que ele mostra o animal que é".

A **Feira Brasileira de Opinião** foi outro espetáculo que a incansável, onisciente e onipotente Censura Federal impediu de ser levado à cena. Agora, em forma de livro, vem a público com o sugestivo subtítulo de **A Feira Censurada.** Reunindo textos curtos de alguns dos mais expressivos autores do teatro brasileiro — Carlos Henrique de Escobar (O engano), Gianfrancesco Guarnieri (Janelas Abertas), João das Neves (O Quintal), Jorge Andrade (A Zebra), Lauro Cesar Muniz (O Mito), Leilah Assumção (Sobreviventes), Márcio de Souza (Contatos Amazônicos do Terceiro Grau) e Maria Adelaide Amaral (Cemitério sem Cruzes) — a Feira Brasileira de Opinião, na apresentação de Ruth Escobar, "se coloca na trincheira que batalha os novos tempos — o homem novo, o homem integral que será o produto da superação de todas essas divisões herdadas: divisão de classes, divisão de trabalho intelectual e manual, divisão entre culto da arte e arte popular".

Num saboroso prefácio em forma de peça, o crítico Décio de Almeida Prado fala da proibição da *Feira*. Quando o *Escritor* queixa-se de que a Censura proibira o espetáculo, o *Gênio da Literatura*, referindo-se aos textos proibidos,indaga "que forças maléficas seriam capazes de desencadear, que horríveis histórias contam eles?". Ao que responde o *Escritor:* "Nada de muito estranho, de muito especial. Falam de índios que são expulsos das matas pela civilização, de loterias esportivas e seus improváveis ganhadores, de perseguidos políticos que se despedem das amadas ao som das feiras-livres e não serve cotovias shakesperianas, de linchamentos realizados sem ao menos uma autêntica convicção sangüinária, de pobres camponeses explorados na cidade grande, de falsos moralistas, de publicitários que escondem no trabalho as suas frustrações morais e intelectuais, de um imenso túnel escuro que estaríamos atravessando..."

### ABAJUR LILÁS

Plínio Marcos, talvez o autor mais premiado e censurado do Brasil, teve sua obra de teatro e prosa editada pela Global. O destaque deve ser dado à peça **O Abajur Lilás,** que parece ter sido seu último texto censurado e proibido. Nele, mais uma vez desfilam os personagens do submundo, um punhado de deserdados da sorte, bastardos da vida, empenhados na inglória e já de antemão perdida batalha pela sobrevivência. São marginais, bichas, prostitutas, fruto e escória de uma sociedade desumana, injusta e implacável. Em **O Abajur Lilás,** mais uma vez se configura a afirmativa de Brecht de que "o homem é o assassino do homem". Como em todas as demais peças de Plínio Marcos, esta funciona como uma navalha na carne da sociedade, penetrando fundo, além da aparente tranqüilidade da superfície, trazendo à luz as feridas que esta mesma sociedade criou ou permitiu fossem criadas e que tenta ou finge ignorar.

A **Ópera do Malandro,** comédia musical de Chico Buarque de Holanda, é uma feliz e inteligente adaptação a nossa realidade da **Ópera dos três vinténs,** de Brecht, que, por sua vez, já havia sido escrita a partir da **Ópera dos mendigos,** de John Gay. Situada no período de Vargas, a **Ópera do Malandro** segue, de forma mais ou menos regular,a linha narrativa do texto brechtiano, sem perder nunca a proposta de uma visão crítica da nossa realidade. Na apresentação, por exemplo, a primeira fala é a do produtor, que informa ao público: "Acredito que é tempo de abrirmos os olhos para a realidade que nos cerca, que nos toca tão de perto e que às vezes relutamos em reconhecer". Narrando a história do malandro Max (versão nacional de Mac Navalha, de Brecht), o texto de Chico Buarque de Holanda, no dizer de Carlos Albânio, "quer justamente pôr à mostra o submundo que geramos com a nossa estrutura social, baseada no antagonismo entre as classes. Quer exibir esse 'outro lado' tão bem disfarçado do nosso lado. Ora, esse submundo não é o abcesso: é o nosso próprio mundo, só que sem a máscara de nossas boas maneiras. Quem é Max, o contrabandista, perto das empresas multinacionais beneficiadas com isenções de impostos e de tarifas alfandegárias? Que crime comete Chaves, o tira, diante da política feita à base do tráfico de influências e das preferências pessoais? Como condenar Vitória e Duran, cafetões, numa sociedade que faz da mulher objeto de cama e mesa, eterna escrava de um senhor prepotente? Ou a astuta Teresinha, que procura promover o seu negócio de crime organizado a crime legalizado? Johnny, General, Barrabás, Bem e Phillip seriam mais perigosos que esses distintos senhores tecnocratas, falsificadores dos índices inflacionários?".

Estes foram alguns dos livros de textos de autores nacionais lançados durante o ano de 1978. Além deles, outros deixaram de figurar aqui, por já terem sido comentados anteriormente, como **Murro em ponta de faca,** de Augusto Boal e **Patética,** de João Ribeiro Chaves Netto.

**CARLOS CARVALHO**

## REGISTRO

**RAÍZES ECONÔMICAS DA GUERRA DOS FARRAPOS,** de Spencer Leitman. Desta vez o *brazilianist* veio ao Sul analisar uma das revoltas até hoje conhecida mais pelo romantismo de obras oficiosas. Edição da Graal.

**A PSIQUIATRIA COMO DISCURSO DE MORALIDADE,** de Joel Birman. Graal. Qual a função da psiquiatria? Por que a psiquiatria? Originalmente apresentado como tese no Departamento de Filosofia da Puc, do Rio de Janeiro, esse estudo procura responder algumas perguntas ultimamente muito repetidas por quem se preocupa com a loucura.

**EXISTENCIALISMO OU MARXISMO?** De Lukacs. Desta vez o polêmico pensador húngaro discute as possibilidades que tem o marxismo de aceitar o existencialismo. Edição da Livraria Editora ciências Humanas Ltda., 250 páginas.

**LABIRINTO DO ESPAÇO ROMANESCO,** de Sônia Brayner. A autora é professora de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e nesta obra analisa o período de nossa literatura, compreendido entre 1880 e 1920. Os autores sob exame: Machado de Assis, Raul Pompéia e Lima Barreto. Em convênio com o MEC, essa edição da Civilização Brasileira, 320 páginas, custa Cr$ 75,00

**POESIA VIVA 2, A DIVERSIDADE DE NOSSO TEMPO NA VISÃO DE CADA POETA.** Quais são os poetas? Domingos Pellegrini Jr., Fernando Mendes Vianna, Regina Braga, Aristides Klafke. Civilização Brasileira, 200 páginas.

**PALMARES A GUERRA DOS ESCRAVOS,** de Décio Freitas. Da Graal. Esse autor gaúcho é conhecido por suas pesquisas sobre revoltas populares, procurando mostrar o caráter cruento da história nacional. Trata-se de uma segunda edição, revista pelo autor e ampliada com dados de arquivos portugueses.

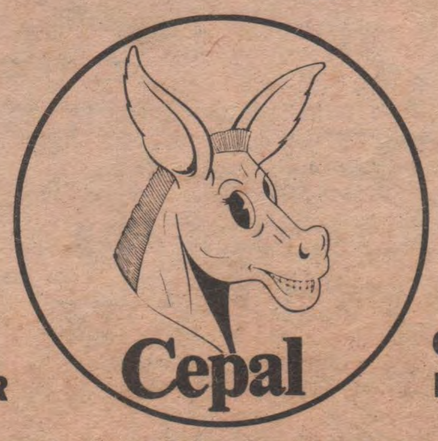
**A REVOLUÇÃO PERMANENTE,** de Trotsky. A Livraria Editora Ciências Humanas, ao editar esse livro, possibilita ao público brasileiro ter dados sobre o *caráter* das revoluções na sociedade contemporânea, tanto no que concerne ao seu conteúdo de classe como às suas forças motrizes, à sua evolução e aos seus objetivos. Tudo isso na perspectiva de alguém que ajudou a *fazer* a Revolução Russa: Trotsky.

**CIÊNCIA DA HISTÓRIA E DA IDEOLOGIA,** de Carlos Henrique Escobar. Classes sociais; Ideologia, aparelhos ideológicos do Estado e Imperialismo; a pequena burguesia, o saber e os aparelhos. São alguns dos temas enfocados no livro de Escobar, filósofo e lingüista carioca.

**HISTÓRIA DA SEXUALIDADE,** de Michel Foucault. Depois de um raio x na loucura, nas formas funções e objetivos, depois de uma análise da punição, como controle social, esse filósofo francês traz ao leitor uma história da sexualidade e seu papel repressivo no curso da História. Da Graal, 150 páginas, segunda edição.

**DA MONARQUIA À REPÚBLICA,** de Emília Viotti da Costa. Ex-professora da Universidade de São Paulo e atualmente nos Estados Unidos, a autora pesquisa um dos momentos mais importantes da história brasileira. Vem alimentar uma bibliografia cada vez mais consistentes da historiografia nacional, sob o ponto de vista do colonizado e não do colonizador. Ciências Humanas, 235 páginas.


Estudante inteligente fica sócio da Cepal.



Canetas COMPACTOR

Cepal

Cadernos PROPASA

COOPERATIVA DOS ESTUDANTES DE PORTO ALEGRE
André da Rocha, 216
Presidente Roosevelt, 1344
Assis Brasil, 2642



# LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

## As Cobras, edição especial

